Howard Hendricks

Ensinando PARA transformar VIDAS

Nossa tarefa não é causar uma boa impressão naqueles a quem ensinamos, mas provocar neles um impacto. Não é apenas convencê-los, mas levá-los a uma transformação de vida.

Editora Betânia

Howard Hendricks

Ensinando PARA transformar VIDAS



Roberto José
E-Books Digital

Editora Betânia
Leitura para uma vida bem-sucedida
Caixa Postal 5010 – 31611 Venda Nova, MG

Título do original em inglês:
Teaching to Change Lives

Copyright © 1987 by Multnomah Press
Portland, Oregon 97266

Tradução de Myrian Talitha Lins

Primeira edição, 1991

Todos os direitos reservados pela Editora Betânia S/C
Caixa Postal 5010 31611
Venda Nova, MG

É proibida a reprodução total ou parcial
sem permissão escrita dos editores.

Composto e impresso nas oficinas da
Editora Betânia S/C
Rua Padre Pedro Pinto, 2435
Belo Horizonte (Venda Nova), MG

Printed in Brazil

Para meus alunos,

os mestres mais exigentes,

o desafio mais constante,

o senso de realização mais duradouro.

"Recordando-nos, diante do nosso Deus e Pai,

da operosidade da vossa fé,

da abnegação do vosso amor, e

da firmeza da vossa esperança

em nosso Senhor Jesus Cristo."

(1 Tessalonicenses 1.3.)

Índice

Prefácio 7

Um Profundo Amor Pelo Ensino 10

1. A Lei do Professor 14

2. A Lei do Ensino 37

3. A Lei da Atividade 55

4. A Lei da Comunicação 70

A Lei do Coração 86

A Lei da Motivação 99

A Lei da Preparação Prévia 118

O Investimento 133

Cultive um profundo amor pelo ensino
da Palavra de Deus, a adultos ou a crianças,
na igreja, em casa, em grupos
de estudo bíblico, ou nas escolas.

Prefácio

Howard Hendricks.

Nos círculos evangélicos internacionais, esse nome já é sinônimo de "educação cristã".

O Dr. Hendricks não apenas é um dos principais nomes da moderna educação cristã, mas também um dinâmico e eficiente professor de disciplinas bíblicas, cujo ministério tem transformado muitas vidas. Para mim, particularmente, ele ainda é mais que isso: é um amigo querido e um mestre que muito me inspira.

Conheci-o quando estudava no seminário, e me senti cativado pelas dinâmicas experiências de aprendizagem que vivenciamos em suas aulas. Para dizer a verdade, eu me "formei" em Howard Hendricks.

Por que será que eu e tantos outros estudantes procurávamos cursar todas as matérias que ele lecionava? Porque o prof. Hendricks demonstra forte interesse em tudo. Interessava-se pessoalmente por nós, seus alunos, como indivíduos e futuros comunicadores. Aprofundava-se ao máximo nos assuntos que ensinava, e estava sempre buscando aperfeiçoar o processo da comunicação. Mas sobretudo ele nos amava. Isso era evidente em cada palavra que dizia, em cada gesto seu. Na realidade, não estava ali dando um curso, estava ministrando aos alunos.

Todas as aulas dele a que assistimos no seminário foram muitíssimo proveitosas e interessantes. Ao chegar ao último ano, nós os alunos achávamos que mais dia menos dia ele se tornaria cansativo.

"É hoje que ele vai ter seu 'primeiro deslize", dizíamos brincando.

Ainda estamos esperando que esse dia chegue.

Certo dia, já quase ao final do último ano, resolvi submeter o professor a uma prova. Entrei na sala de aula e sentei-me na última fila, decidido a não prestar atenção em nada. Fiquei só olhando lá para fora. Ia marcar o tempo e ver até onde ele aguentaria ter na sala um aluno desatento.

O Prof. Hendricks sempre iniciava as aulas da mesma forma. Chegava e sentava-se à mesa. Uns três minutos antes de a aula começar, punha-se a balançar Uma perna, como que fazendo uma espécie de aquecimento. Logo que a sineta tocava, ele principiava a falar. E lá íamos nós. Durante uns oito minutos, continuava dando a aula sentado, mas, passado esse tempo, levantava-se, dirigia-se ao quadro e riscava um diagrama. Em seguida contava uma anedota relacionada com o assunto e depois prosseguia com a matéria.

Mas nesse dia fiquei olhando para fora. Com menos de um minuto ele se levantou da mesa, e passou a fazer ilustrações sensacionais no quadro. Tive que fazer um esforço enorme para não anotar nada. Em seguida, pôs-se a contar piadas, contou diversas piadas. Continuei esforçando-me para não rir. Então ele se posicionou num dos cantos da sala, diretamente no meu ângulo de visão, fazendo gestos largos. Permaneci olhando para fora.

Exatamente aos três minutos e trinta e sete segundos, ele veio em minha direção, bradando:

"Wilkinson, afinal o que você tanto olha lá para fora?"

Pedi desculpas rapidamente c passei a acompanhar a aula. Só alguns anos depois foi que lhe narrei o experimento que fizera.

A questão é que o Dr. Hendricks estava sempre tão preocupado em que seus alunos aprendessem que, se percebesse que não estava atingindo esse objetivo, sentia-se totalmente desorientado. Se um estudante estivesse com dificuldades para aprender, ele faria o que fosse necessário para colocá-lo dentro do processo de aprendizagem. Isso é dedicação. Não; isso é *ensinar* de fato. Para sermos sinceros, temos de reconhecer que não vemos muito desse tipo de ensino atualmente.

O que se vê hoje — seja em escolas, igrejas, templos, seminários — não é ensino, mas apenas apresentação de um conteúdo programático. Por

causa disso, os alunos se acham desmotivados. Em vez de estarem totalmente envolvidos pela aula, apenas a suportam, quando suportam. Não estão nem um rouco interessados em saber que mudanças o conhecimento que estão adquirindo pode operar neles.

Mas você, que está lendo este livro, demonstra com isso que é o tipo de professor que deseja continuar aperfeiçoando-se para levar seus alunos a desenvolver-se e frutificar segundo o plano de Deus.

Sendo assim, então quero dizer-lhe que pegou o livro indicado. O Dr. Hendricks expõe aqui "As sete leis do professor", sete princípios práticos que ele elaborou em sua larga experiência pedagógica. Eles foram preparados pára você, para ensiná-lo a produzir maior impacto junto àqueles a quem leciona. Em suma, esta obra é para quem deseja aprimorar suas técnicas pedagógicas.

Posso assegurar ao leitor que, se aplicar os princípios aqui apresentados, verá sua prática de ensino tornar-se muito mais interessante e gratificante, pois presenciará grandes transformações em seus educandos.

Foi o que sucedeu comigo quando fui aluno do Dr. Hendricks no seminário. E pode suceder ao leitor também, se estudar com atenção a mensagem deste livro. Amigo, você obterá resultados revolucionários.

Bruce H. Wilkinson

Um Forte Amor Pelo Ensino

Pelo modo como minha vida iniciou, eu poderia ter morrido e ido para o inferno que ninguém iria importar-se nem um pouco. Quando nasci, meus pais já estavam separados. A única vez em que os vi juntos foi no dia em que prestei depoimento no julgamento do seu processo de divórcio, e já estava com dezoito anos.

Quando garoto, morava num bairro de Filadélfia que era meio resistente ao evangelho. Dizia-se que era impossível fundar uma igreja evangélica ali. Mas parece que Deus tem um extraordinário senso de humor com relação à afirmação de que isso ou aquilo é impossível. Ele inspirou um pequeno grupo de crentes para que se reunissem, comprassem uma casa ali e fundassem uma igreja.

Nela havia um homem de nome Walt, que cursara apenas até a sexta série. Certo dia ele disse ao superintendente da escola dominical que queria ensinar uma classe. O outro replicou:

— Ótimo, mas no momento não temos uma classe para você.

Como Walt insistisse, o superintendente disse:

— Bom, então você terá que sair por aí e arranjar alunos. Todos os que você convidar e trouxer aqui serão seus alunos.

E Walt saiu pelo bairro. Na primeira vez em que se aproximou de mim, eu estava jogando bolinhas de gude na calçada.

— Garoto, disse ele, gostaria de ir a uma escola dominical?

Não me interessei nem um pouco. Se tinha nome de escola não poderia ser coisa boa. E ele continuou:

— Que tal um joguinho, nós dois?

Ah, aí a conversa já era outra. Pusemo-nos a jogar e passamos uns ótimos momentos ali, embora ele tivesse ganhado tudo de mim. Mas àquela altura, eu seria capaz de segui-lo aonde me levasse.

Walt conseguiu reunir treze garotos do bairro para formar sua classe de escola dominical. Nove deles eram filhos de casais separados. Hoje, onze desses meninos acham-se engajados no serviço cristão em tempo integral.

Para ser sincero, não seria capaz de citar muita coisa do que ele nos disse, mas dele próprio posso dizer muita coisa porque aquele homem me amou por amor a Cristo. Amou-me mais que meus pais.

Ele costumava dar longos passeios conosco, e aqueles belos momentos ficaram gravados em minha mente. Não tenho dúvida de que nós lhe demos muito trabalho, agravando ainda mais o problema cardíaco que o afligia. Mas ele andava por aqueles lugares com a gente porque nos amava.

Não era o homem mais inteligente do mundo, mas era sincero. Vivia o que pregava. Percebi isso claramente, e tenho certeza de que os outros garotos também o notaram.

Conto isso para mostrar que meu interesse pelo magistério não é meramente profissional. É bastante pessoal, aliás é uma espécie de paixão, pois se tenho um ministério hoje devo-o unicamente ao fato de Deus ter colocado em meu caminho um professor dedicado.

Neste livro vamos abordar sete conceitos acerca do ensino, que denominamos "leis" — princípios ou regras.

A lei do professor

A lei do ensino

A lei da atividade

A lei da comunicação

A lei do coração

A lei da motivação

A lei da preparação prévia

Se analisarmos bem os termos que definem essas sete leis, veremos que eles se resumem basicamente numa ideia: *o amor pelo ensino.*

Faz alguns anos eu estava participando de um congresso de escolas dominicais na Igreja Memorial Moody, em Chicago. Certo dia, à hora do almoço, eu e mais dois preletores fomos a uma lanchonete que ficava do outro lado da rua. Estava lotada, mas instantes depois vagou uma mesa para quatro pessoas, e para lá nos dirigimos. Vimos então uma senhora idosa, que tinha nas mãos uma pasta do congresso, e a chamamos para sentar-se conosco.

Em meio à conversa, ficamos sabendo que era de Michigan, tinha oitenta e três anos, e lecionava para uma classe de garotos de 12 a 14 anos. Tinha treze alunos, e o total de matriculados na escola era de 65 pessoas. Viera para Chicago de ônibus, tendo viajado a noite toda. Por quê? Ela explicou:

— Para aprender mais e melhorar meu ensino.

Nesse momento, pensei: *Acho que a maioria das pessoas que têm uma classe de adolescentes com 13 alunos, numa escola dominical de 65, estaria toda orgulhosa, vangloriando-se interiormente. "Quem, eu? Ir a um congresso para professores de escola dominical? Só se for para ser um dos preletores!"* Mas aquela senhora, não.

Atualmente oitenta e quatro ex-alunos dela se encontram no serviço cristão em tempo integral. E vinte e dois deles formaram-se no seminário onde leciono.

Se hoje alguém me perguntasse como se explica o impacto que o ensino dessa professora produz, eu lhe daria uma resposta totalmente diferente da que teria dado vinte e dois anos atrás. Naquela época, teria atribuído seu sucesso ao método empregado. Hoje estou convencido de que tudo se deve ao seu amor pelo ensino.

E meu grande objetivo, meu interesse em relação a todos os que me leem é que Deus lhes dê um amor assim, e que esse amor nunca se acabe. Espero que nunca se extinga em nós a vibração que sentimos ao saber que alguém nos ouve e está aprendendo conosco.

"O professor deve conhecer muito

bem o assunto que está ensinando.

Um fraco domínio do conteúdo

resulta num ensino deficiente."

— John Milton Gregory

1

A Lei do Professor

O professor eficiente é aquele que baseia seu ensino em uma rica experiência de vida.

Resumindo a lei do professor, poderíamos dizer que *quem pára de "crescer" hoje, pára de ensinar amanhã.*

Esse princípio é fundamental e não há nada que o substitua, nem mesmo uma personalidade cativante ou método excepcional. Ninguém consegue ser um bom comunicador a partir de um arquivo intelectual vazio. Não podemos passar a outros aquilo que não possuímos. Se não conhecemos determinado conteúdo, isto é, se não o dominamos de fato, não podemos transmiti-lo a ninguém.

A ideia implícita nessa lei é a de que, antes de ser professor, sou um aprendiz, um "estudante" ensinando estudantes. Estou dando continuidade ao processo de aprendizagem. Ainda estou a caminho de minha meta. E, vendo-me como estudante ao desempenhar meu papel de mestre, vou encarar o processo didático por um ângulo totalmente novo e pessoal.

Temos que estar sempre crescendo, sempre em transformação. É claro que a Palavra de Deus não muda, mas nossa compreensão dela, sim, porque estamos em constante crescimento. É por isso que o apóstolo Pedro, ao final de sua segunda carta, diz o seguinte: "Antes *crescei* na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo."

Para termos essa mentalidade precisamos adotar a atitude de que ainda não chegamos lá. Quem aplica esse princípio didático na prática está sempre se perguntando: "Como posso melhorar meu ensino?"

Encaremos esse fato da seguinte maneira: enquanto estivermos vivos estaremos aprendendo; e enquanto estivermos aprendendo estaremos vivos.

Quando eu estava na faculdade — muitos e muitos anos atrás — trabalhava no refeitório da escola. E todos os dias, quando ia para o

serviço, às 5:30 da manhã, passava perto da casa de um dos nossos professores. E todos os dias, invariavelmente, via o clarão de sua lâmpada de mesa acesa. E nas muitas vezes em que eu fiquei na biblioteca, aproveitando as horas da noite para estudar, ao voltar para casa por volta de 22:30 e 23:00, sempre via a lâmpada acesa. Ele estava constantemente debruçado sobre os livros.

Certo dia, esse professor convidou-me para almoçar em sua casa, e nessa ocasião, indaguei:

— O senhor se importaria se eu lhe fizesse uma pergunta?

— Claro que não, respondeu.

— Por que está sempre estudando? Parece que não pára nunca.

A resposta que me deu foi, como descobri mais tarde, uma citação de outra pessoa, cujas palavras ele já tornara suas:

Rapaz, quero que meus alunos bebam as águas correntes de um rio, não a água estagnada de uma lagoa.

Foi um dos melhores professores que tive, e marcou profundamente a minha personalidade.

E seus alunos, que tipo de água estão bebendo?

Gostaria de lançar um desafio ao leitor, com base em Lucas 6.40, a última parte do versículo: "Todo aquele, porém, que for bem instruído será como seu mestre."

Algumas pessoas dizem que nem sabiam que Jesus tinha dito isso. Vêm lendo o evangelho há anos e anos, e nunca notaram essa passagem nele. Mas depois que a descobrem, sentem-se mais motivadas a pedir a Deus que, pela sua graça, opere uma transformação radical neles. E você? Esse princípio citado em Lucas 6.40 constitui um desafio para você ou o deixa apreensivo?

Independente da reação que ele provoca em nós, se quisermos ensinar a outros, precisamos primeiro pedir a Deus que ele nos ensine. Ele deseja abençoar outros por nosso intermédio, mas antes é necessário que nos abençoe, que opere *em* nós. Quer usar-nos como instrumentos seus,

mas primeiro precisa purificar-nos, e afiar-nos para que sejamos uma ferramenta útil nas mãos dele.

A razão disso é que o veículo do ensino eficiente é a *pessoa humana.*

Não me peçam para explicar por quê. Só posso agradecer a Deus por vivenciar essa experiência. Tenho certeza de que ele poderia usar meios mais eficientes que nós, seres humanos, para realizar essa tarefa. Contudo, resolveu operar por nosso intermédio. Só podemos entender essa realidade pela fé. Mas é verdade. O milagre do ministério cristão é o fato de que Deus nos escolheu a dedo para sermos seus representantes perante nossa geração. Ele deseja operar mudanças no mundo e quer usar-nos para atingir esse objetivo, para que sejamos um dos seus principais instrumentos. Como você se sente diante desse fato?

Portanto, se alguém deseja melhorar sua prática pedagógica — e provavelmente foi por isso que pegou este livro para ler — deve esforçar-se para melhorar sua própria pessoa. E meu objetivo é auxiliá-lo nesse propósito.

A Demanda por Professores

Alguns anos atrás vi um interessante cartum de dois quadrinhos. Em ambos, os personagens eram os mesmos: um senhor de nome Brown conversando com uma jovem na sala dele. No primeiro, o Sr. Brown é diretor de uma escola pública e diz o seguinte à moça:

— Sinto muito, senhorita, mas examinei bem o currículo anexo à sua solicitação para lecionar em nossa escola, e concluí que não podemos aceitá-la. Precisamos de professores com pelo menos cinco anos de experiência, e se possível com mestrado em educação.

No segundo quadrinho, o Sr. Brown é superintendente da escola dominical, e diz o seguinte à mesma jovem:

— Você será uma *ótima* professora, senhorita. Sei que é crente há pouco tempo, e acha que não conhece a Bíblia muito bem, mas o melhor meio de se conhecer a Palavra é ensiná-la. Diz que não tem experiência com crianças dessa idade, mas tenho certeza de que vai aprender a entendê-

las, a lidar com elas, e a gostar delas. O único requisito básico é que esteja desejando lecionar.

Que triste crítica sobre a forma como encaramos o ensino da Palavra de Deus! Exige-se um mínimo de cinco anos de preparo para uma pessoa ensinar as crianças que dois mais dois são quatro. Mas quando se trata de ensinar as insondáveis riquezas de Jesus Cristo, qualquer um serve... e é por isso que muitas vezes esse ensino desce ao nível da mediocridade.

Ao fazer a seleção dos professores, sempre procuro pessoas que sejam fiéis a seus compromissos, tenham disponibilidade e humildade para aprender.

Nessa obra, o fator determinante não é o conhecimento intelectual que possuem. A principal exigência é que sejam fiéis e constantes, que tenham tempo disponível para ensinar sem que seja necessário insistir demais para que aceitem o cargo, e que estejam predispostas a aprender também.

Em muitas de nossas escolas dominicais, temos aprendido que a melhor maneira de formarmos professores dedicados é levar pessoas a se envolverem pouco a pouco no trabalho. Elas gostam e ficam. Alguém procura conhecer o trabalho que a escola desenvolve com os adolescentes, por exemplo. E na convivência com eles convence-se de que poderia auxiliar esses jovens e de que tal ministério é altamente gratificante.

A maioria dos adultos, no início, tem receio de envolver-se no magistério por faltar-lhes autoconfiança. Nossa tarefa então é auxiliá-los nesse aspecto, o que pode ser feito com um pouco de tempo e interesse.

E a propósito, gostaria de comentar que, se tivesse de recrutar professores para uma escola dominical, imediatamente eliminaria três práticas adotadas hoje em dia. Primeiro, não faria avisos do seguinte tipo:

"Amados irmãos, por favor, venham assumir uma classe de nossa escola. Há vários domingos estamos tentando arranjar mais professores, e *ninguém* ainda se apresentou para nos ajudar."

Segundo, não insistiria com ninguém.

"Que tal mudar de ideia e vir lecionar numa de nossas classes? Não vai precisar ter muito tempo de preparação, não. Temos o manual do

professor. Você sabe ler, não sabe? Então é só ler e ensinar. Faça uma experiência, vá!"

Terceiro: não faria indicações de última hora. Faltou um professor para uma classe de juniores. Apavorado, o superintendente entra numa classe de adultos e pega quem estiver sentado mais perto da porta, e o nomeia para o cargo vitalício de professor de juniores. Moral da história: não se sente perto da porta.

Efetuar Mudanças

Gostaria agora que o leitor pegasse um lápis e respondesse aí mesmo no livro as seguintes perguntas: sente que mudou em alguma coisa *ultimamente?* Digamos, na semana passada ou no mês passado ou no ano passado?

Saberia citar *especificamente* essas mudanças? Ou só pode dar uma resposta vaga?

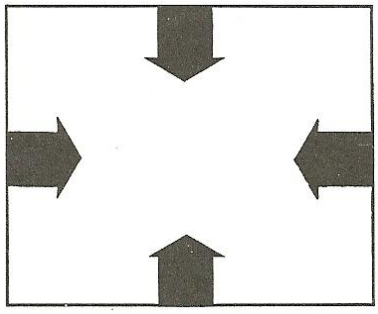
Talvez alguém diga que sente que está crescendo espiritualmente. Muito bem. Como?

"Bem", responde essa pessoa, "em todos os aspectos."

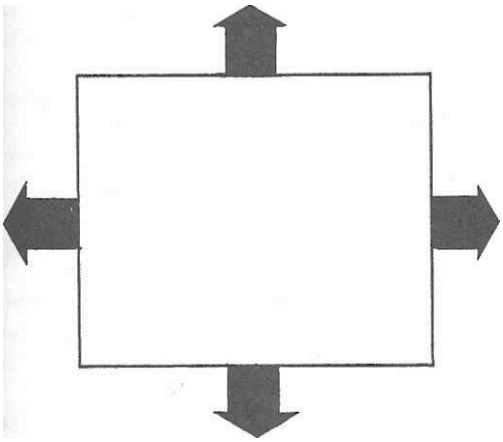
Maravilhoso! Cite *um.*

O fato é que para haver ensino eficiente é necessário que o professor seja uma pessoa transformada. Quanto mais nossa vida for transformada mais transformações se efetuarão nos outros por nosso intermédio. Se quisermos promover transformações em outros, temos que experimentá-las primeiro em *nós.*

Quero dar aqui uma ilustração por meio de desenhos. Se os interesses básicos de nossa vida — nossa energia mental, nossas indagações, nossos horizontes — puderem ser ilustrados com essas setas apontando para dentro, ...



estamos morrendo. Mas apontam para fora...



então estamos nos desenvolvendo, crescendo.

E a propósito, isso não tem nada a ver com a idade cronológica: só com a atitude de cada um.

Que tristeza ouvir as pessoas dizerem:

— Ah, irmão Hendricks, estou ficando muito velho.

— E muito velho é quantos anos, irmão? Pergunto. Você já morreu?

— Claro que não. Estou vivo.

— Ótimo. Então comece a estudar alguma coisa, senão começará a morrer aos poucos, intelectualmente. Depois é só deitar que nós o colocaremos num caixão.

Os mais velhos podem aprender muita coisa, e bem. Mas a maioria tem preconceitos contra a ideia de estudar. Parece que se convenceram de que um idoso não consegue apreender novidades. Isso é verdade no que diz respeito a meras novidades. Mas aqui atamos trabalhando com verdades, estamos preparando indivíduos para ensinar verdades espirituais.

Sei de pessoas idosas que resolveram *não* parar de estudar, e são das mais alegres e entusiásticas que conheço. Por outro lado, há estudantes de vinte e poucos anos que já estão mortos intelectualmente, enquanto indivíduos com sessenta e cinco, setenta e cinco e até oitenta e cinco anos estão muito vivos.

Não faz muito tempo, convidei para falar à minha turma do seminário um senhor de noventa e três anos, que é crente há oitenta e quatro, e que serviu fielmente a Cristo todos esses anos. Ele deu uma breve palavra à classe e comentou:

"Minha única tristeza é ter apenas uma vida para "consagrar ao serviço de Cristo."

A turma aplaudiu-o de pé durante seis minutos.

Recentemente faleceu uma senhora de oitenta e seis anos, uma boa amiga nossa, a professora mais fantástica que conheci.

A última vez em que a vi com vida, estávamos numa dessas festinhas sociais, muito sem graça, todos muito quietos e "espirituais". Instantes depois ela entrou e disse:

— Olá, Hendricks, não o vejo há muito tempo. Cite-me os cinco melhores livros que leu no ano passado.

Ela tinha o dom de modificar a dinâmica de um grupo. Parecia que seu lema era: "Não vamos aborrecer uns aos outros; vamos conversar seriamente, e se não tivermos assunto para uma conversa séria, então vamos arrumar uma boa discussão."

Na última viagem que fez à terra santa, aos oitenta e três anos, foi como guia de um grupo de jogadores de futebol americano. Ainda guardo uma lembrança muito vívida dela, à frente do grupo, dizendo para eles:

"Vamos lá, rapazes! Vamos em frente!

Morreu durante o sono, na casa de sua filha, em Dallas. A filha contou-me que pouco antes de falecer ela estivera elaborando suas metas pessoais para os próximos dez anos. Quem dera houvesse mais pessoas iguais a ela!

Outro exemplo semelhante é o apóstolo Paulo. Já no final da vida, quando a maioria das pessoas está de olho numa cadeira de balanço, ele disse o seguinte: “Esquecendo-me das cousas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, *prossigo* para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus!' (Fp 3.13,14.)

Analisando essa passagem atentamente, veremos que ele encara o passado da maneira certa — não se mostra extasiado com seus triunfos nem frustrado com suas derrotas. O passado existe para aprendermos com ele, não para vivermos nele.

Além disso, ele olha o futuro corretamente. Nele estão suas metas, suas esperanças.

E por fim, vê o presente também de maneira correta. Com relação a ele, Paulo diz: "Prossigo." Estava aceitando os desafios da vida.

Quantos crentes há hoje em nossas igrejas que se icham numa idade em que deveriam estar revirando o mundo de cabeça para baixo, mas vivem acomodados em casa?

É claro que quando estamos envelhecendo, o que é o meu caso, temos dificuldade de reter na lembrança certos fatos, devido às deficiências próprias da idade. Eu e Jeanne estamos decorando todos os salmos. De vez em quando, eu digo a ela:

—Recite aí para mim o Salmo 40. Ela o recita e depois eu digo.

— Ótimo, meu bem. Só que você esqueceu o versículo sete.

Depois ela me pede para recitá-lo, e, quando termino, ela comenta:

— Howie, você está indo muito bem, só que esqueceu os versos de quatro a dezesseis.

Crescimento: Uma Visão Mais Ampla

O lado mais interessante do trabalho com novos convertidos é que alguns, assim que aprendem uma verdade nova na Palavra de Deus, vão imediatamente colocá-la em prática.

É que eles ainda não aprenderam as velhas manias que nós, crentes mais antigos, estamos cultivando. Quando nos deparamos com certas verdades, damos um jeito de passar de largo por elas. Sempre que encontramos algum ensino que nos desafia a modificar aspectos de nossa vida que não queremos mudar, arranjamos uma explicação qualquer; como por exemplo: "Ah, isso se aplica aos judeus!" Ê incrível a quantidade de coisas que jogamos em cima desse amado povo.

Lembremo-nos de que até Jesus *cresceu.* Isso devia levar-nos a buscar desenvolver-nos e crescer espiritualmente. Em Lucas 2.52, encontramos a descrição do seu processo de desenvolvimento. Diz a Bíblia que *"crescia* Jesus" em quatro áreas.

Ele crescia "em sabedoria": desenvolvimento intelectual.

Crescia em "estatura": desenvolvimento físico.

Crescia em "graça, diante de Deus": desenvolvimento espiritual.

E crescia em graça diante "dos homens" é referência ao crescimento social e emocional.

Observemos que o crescimento espiritual é apenas *uma parte de um processo amplo.* Não podemos enxergar somente esse aspecto do desenvolvimento humano; não podemos destacá-lo dos outros, mas integrá-lo aos outros aspectos da vida.

É nesse ponto que temos errado.

Como professor de seminário, leciono para os estudantes mais motivados e sinceros do mundo; eles são jovens, rapazes e moças, que enfrentam os desafios com dedicação. É que se engajaram numa missão muito séria.

E, no entanto, por mais estranho que pareça, muitos deles ainda não entenderam que só obterão um pleno desenvolvimento espiritual se o associarem ao crescimento intelectual, físico, social e emocional. Se negligenciarmos uma dessas áreas, estaremos pondo em risco o desenvolvimento das outras. E, por outro lado, sempre que conseguirmos algum avanço numa delas, isso terá efeito sobre as outras.

Então, não limitemos nossa experiência cristã, confinando o Senhor Jesus num compartimento religioso, crendo que: "Um pouquinho de Bíblia diariamente é suficiente para 'manter o diabo afastado'." Entendamos que a cada dia devemos ir dando ao Senhor maior controle sobre todos os aspectos de nosso ser. É isso que torna a vida cristã dinâmica, em vez de estática, e evita que nosso fervor espiritual se arrefeça.

Observemos, porém, que o processo todo é altamente individualizado. Cada um de nós recebeu uma formação diferente da dos outros, e cada um se encontra numa fase própria de desenvolvimento espiritual. Essa é a razão por que fazer comparações é uma atitude carnal. Não fiquemos a nos comparar com esse ou aquele crente. Você é *você*.

Então coloquemo-nos diante do Senhor e perguntemos: "Senhor, como estou nessa e naquela área de minha vida?" Provavelmente, em algumas dessas frentes de batalha do desenvolvimento, estejamos dando passos gigantescos, crescendo a olhos vistos. Em outras, talvez estejamos marcando passo, tendo ainda um longo caminho a percorrer.

Veremos também que, com relação aos nossos valores e práticas habituais, alguns teremos que *conservar*, outros precisaremos *apurar* e outros ainda talvez tenhamos que *rejeitar*. Mas todos nós nos encontramos no mesmo barco, pois nos achamos todos no *processo* de crescimento.

E vez por outra é bom dar uma parada para nos perguntar: "Será que estou fazendo tudo certo?"

Um dos grandes temores que tenho com relação a meus alunos não é o de que fracassem no ministério, após formarem-se no seminário. Meu receio é que obtenham grande sucesso trabalhando onde não era para estarem; é que cheguem ao fim da linha e acabem descobrindo que não era aquele o destino que queriam tomar, e que aquilo não os satisfez.

Tenho estado colaborando num ministério junto a atletas profissionais, e uma coisa que lhes tenho dito é que há um fato que todos eles têm que encarar. É o seguinte: eles podem ganhar rios de dinheiro, ter todas as mulheres que quiserem a seus pés, e uma enorme presença na sociedade, e mesmo assim nunca entender bem o porquê de sua existência. E depois que acabar seu futebol, o que irá fazer? Vai terminar apenas com

alguns troféus e medalhas e um belo álbum de recortes de jornal? Não há pessoa mais aborrecida do que um ex-atleta.

O Aspecto Intelectual

Gostaria de dar aqui três sugestões para o nosso crescimento intelectual.

1. *Manter um disciplinado programa de leitura e estudo.* Lembremo-nos de que todas as pessoas que ocupam posição de liderança são gente que lê muito.

Muitas pessoas me dizem:

"Dr. Hendricks, tenho lido muito, mas não estou vendo muita mudança e crescimento em mim, não."

Eis uma solução. Se alguém lê durante uma hora deve fazer o seguinte: leia apenas durante meia hora, e depois passe a outra meia hora *meditando* sobre o que leu. Observe como isso muda tudo. Quem não medita no que lê, não sabe ler corretamente.

Outra coisa a se fazer é "ler" as pessoas também. Os dois fatores que mais nos influenciam são os livros que lemos e as pessoas com quem convivemos.

O ser humano é fascinante, e quanto mais nos interessamos por ele, mais facilidade teremos para nos aproximar dele.

Uma das maiores lições que meu pai me ensinou foi a seguinte: sempre que você estiver perto de uma pessoa importante, fique calado. Abra a boca só para fazer perguntas oportunas. Sempre que estiver em companhia de gente que sabe mais que você, procure aprender com eles o máximo que puder, e aproveitar-se bem do conhecimento que possuem. Deixe que eles falem e lhe passem tudo que sabem.

Fico muito admirado ao ver o quanto aproveitamos pouco do contato com pessoas bem dotadas. Eu mesmo já fui convidado para dar assessoria a certos grupos, recebi a passagem e honorários para ir lá, mas acabei ficando sentado, vendo-os discutirem entre si.

2. *Fazer cursos de atualização,* não apenas para melhorar nosso conhecimento, mas também nossa habilidade intelectual. Hoje existem mais oportunidades para se desenvolver a mente e cultivar as habilidades naturais do que havia antes.

Mas o curso mais importante que se pode fazer é o estudo da Bíblia em particular. Todos os professores e pregadores leigos que já conheci, que desempenham um bom ministério, são indivíduos que estudam avidamente a Palavra de Deus.

Muitos de nós, crentes, que ouvimos a pregação e o ensino da Palavra, não buscamos conhecê-la por nós mesmos. Não a exploramos, nem deixamos que ela penetre em nós.

Certa vez uma senhora me disse:

— Dr. Hendricks, já li a Bíblia vinte e nove vezes.

— Ótimo, minha irmã, respondi, e quantas vezes a Bíblia já "leu" o seu coração?

É impossível calcular o impacto que o ensino da Palavra de Deus pode ter sobre os homens. Em 2 Timóteo 2.2, Paulo nos comunica uma vigorosa verdade a respeito disso. O que ele diz a Timóteo aí é o seguinte: "Eu lhe transmiti um conjunto de verdades que recebi por revelação e que introduzi em sua vida. Agora estou encarregando-o de passar essas mesmas verdades a outros, a pessoas idôneas, instruindo-as de tal maneira que também elas sejam capazes de instruir outros, que por sua vez instruirão a outros, que instruirão a outros!'

É um ministério de *multiplicação.* Cada vez que instruímos alguém, damos início a um processo que não se interromperá, que passará de uma geração a outra.

3. *Conhecer bem os alunos.* Precisamos estar bem inteirados das características gerais da faixa etária deles, dos seus problemas, etc. Mas não é só isso. Precisamos conhecer os alunos individualmente, saber o máximo que pudermos sobre a vida de cada um.

Alguns anos atrás, quando eu trabalhava numa igreja de Dallas, estava tendo muita dificuldade para arranjar um professor para uma classe

de garotos adolescentes. Na lista de prováveis candidatos ao cargo só havia um nome, e quando o vi, espantei-me.

"Vocês devem estar brincando, não é?" comentei.

Mas enganei-me redondamente com relação ao rapaz. Ele assumiu a classe e revolucionou-a.

Senti-me tão impressionado com o sucesso que o convidei para almoçar um dia em minha casa e pedi-lhe que me revelasse o segredo. Ele tirou do bolso uma cadernetinha de capa preta. Cada página continha informações sobre um aluno. No alto, estava um retratinho do menino, com o nome embaixo, e em seguida sucintos comentários a seu respeito, tais como: "tem problema com matemática", "os pais não querem que ele venha à igreja", "quer ser missionário quando crescer, mas acha que não está apto", etc.

"Oro por eles todos os dias, página a página", explicou. "E no domingo não vejo a hora de ir à igreja e ver o que Deus realizou na vida de cada um."

Gostaria de desafiar os professores a orarem por seus alunos dessa maneira, quer sejam do berçário ou da classe de idosos. Mas desejo fazer, a esse respeito, uma advertência calcada nos meus muitos anos de experiência: rotular as pessoas é "marcá-las". Quantas vezes colocamos rótulos em nossos alunos! "Não diz nada." "Problemático." E lhes impingimos outras "marcas" desse tipo. Não coloquemos rótulos assim em ninguém.

Quando eu estava na 5.ª série tive uma professora chamada Srt.ª Simon. Nunca me esqueci dela, e acredito que ela nunca se esqueceu de mim. Quando lhe disse meu nome no primeiro dia de aula, ela exclamou:

"Ah, Howard Hendricks. Já ouvi falar muito sobre você. Disseram-me que é o pior aluno desta escola!' *Que belo desafio!* pensei. *Se ela acha que sou o pior aluno é o que vou continuar sendo!* E de fato, nunca a "decepcionei"!

Às vezes pergunto às professoras:

— Qual o aluno de que você mais gosta?

E elas respondem:

— Ah, daquela menininha linda de cabelos longos, que fica sempre quietinha, e nunca me dá o menor trabalho.

Bom, é possível que daqui a vinte anos ela continue issim, bem quietinha. Mas o garoto que hoje só falta subir pelas paredes, no futuro pode ser um pastor ou missionário. Geralmente as crianças que possuem energia bastante para estar criando problemas, são as mais propensas a levarem uma vida consagrada a Deus, ao crescer. Às vezes esse tipo de criança chega à nossa escola dominical cheia de energia, de curiosidade, de entusiasmo, e o que fazemos? Procuramos reprimi-la. *"Hei, vamos parar. Isso aqui é uma escola dominical!"*

O Aspecto Físico

Existe alguma área de sua vida física sobre a qual você não exerce pleno controle?

Ah! O aspecto físico é o que os crentes evangélicos mais ignoram. E a razão disso é que temos a tendência de renegar nosso lado humano. E assim estamos sempre agredindo nosso corpo, embora, na verdade, a salvação se aplique tanto ao corpo como à alma. A Bíblia discorre bastante sobre isso, e não entendo por que não enxergamos esse ensino nela. *E a propósito: quem quiser descobrir quais são as áreas mais falhas de sua vida, procure na Bíblia os versículos que* não *sublinhou.*

Fala-se muito em ser cheio do Espírito Santo. Pois é muito interessante ver a que aspectos de nossa vida não estamos aplicando esse conceito e quais as áreas que sempre evitamos analisar.

Dê-me licença para fazer algumas especificações. Seu dinheiro está sob controle? A maioria dos conselheiros financeiros evangélicos poderá dizer-nos que nosso povo não tem nenhum conhecimento acerca disso. Sabia que a maioria das pessoas gasta mais do que recebe? E algumas recebem muito dinheiro! Alguns crentes vão ter de prestar contas a Deus quando chegarem diante do seu trono, pois a quem muito foi dado, muito lhe será exigido.

E quanto aos bens materiais?

Certa vez eu e minha esposa fomos jantar em casa de um rico homem de Boston, que pertencia a uma família bem aristocrática. A certa altura, perguntei-lhe:

— Como é que você, que foi criado em meio a tanta riqueza, não se deixou dominar pelo materialismo?

— Meus pais nos ensinaram, respondeu ele, que tudo que havia na casa ou podia ser um objeto útil ou um ídolo para nós.

E você, leitor, como encara seus bens?

E quanto ao emprego do tempo? Será que está exercendo um adequado controle dele? A verdade é que se *nós* não pegarmos as rédeas de nosso tempo, outros pegarão, e pode ser que eles não tenham o mesmo senso de prioridades que nós. Estou sempre encontrando pessoas que têm "planos maravilhosos" para mim, e geralmente dizem que são a vontade de Deus.

E como está sua vida sexual, já que vivemos em meio a uma sociedade que é um verdadeiro poço de imundície? Há crentes que nunca deixam Jesus dirigir esse aspecto de sua vida. Depois, quando percebem que estão com alguns problemas, passam a buscar desesperadamente novas técnicas. O fato é que negligenciaram esse lado de seu relacionamento conjugal. E depois não permitem que Jesus Cristo os liberte de si mesmos, para que possam viver bem com seu cônjuge essa forma de relacionamento que é a mais íntima que um ser humano pode ter.

E como está a vida mental dos crentes? Estou sempre encontrando jovens, não só no seminário mas nos lugares aonde vou pregar, que enchem a cabeça lixo e depois perguntam:

"Por que será que não consigo viver em santidade?"

Tempos atrás eu estava conversando com um rapaz que é leitor assíduo das revistas *Playboy* e *enthouse,* e lhe perguntei: "Acha que essa leitura vai fazer de você um homem de Deus?"

E quanto à nossa forma de alimentar? Se eu fosse dar um seminário de estudos em uma igreja qualquer, e no dia marcado aparecesse por lá completamente bêbado, eles me dispensariam na hora. Mas se eu chegasse muito gordo, com uns trinta quilos acima do meu peso normal, ninguém

diria nada, e ainda iriam querer servir-me refresco com bolachas no final. Afinal, não se pode ter uma reunião dessas sem um lanchezinho depois, não é? Como será que a igreja primitiva deve ter-se arranjado naquele tempo, sem os nossos refrigerantes e biscoitos? Eu sei: eles tinham algo muito mais eficiente para manter o grupo unido: perseguição. Isso nos uniria mais, e bem rapidamente. Mas talvez esse assunto possa deixar alguns com complexo de culpa. Passemos a outro.

E que tal o exercitamento físico? O conhecido Dr. Kenneth Cooper, que deu tanta divulgação aos exercícios aeróbicos, é crente. Certa vez ele fez uma palestra para cerca de trezentos ou quatrocentos alunos de nosso seminário. Entre outras coisas disse que, se eles adotassem um plano regular e sistemático de exercitamento físico, poderiam ampliar seu tempo de ministério de cinco até quinze anos. Pensemos só nas implicações que isso teria para a obra de Cristo.

Além disso, precisamos também de descanso, não apenas de dormir, mas de modificar nosso ritmo de atividades. O diagrama abaixo tem me ajudado muito a buscar um maior equilíbrio na distribuição do tempo.

Quanto tempo passo em companhia de familiares?	Quanto tempo passo a sós?
Quanto tempo dedico ao trabalho?	Quanto tempo dedico ao entretenimento?

A maioria das pessoa tende a didicar um tempo excessivo a uma dessas áreas.

Certa ocasião fui visitar um ex-aluno meu, para realizarmos uma semana de trabalhos especiais em sua igreja. Assim que ali cheguei, sua esposa chamou-me à parte e disse:

— Pastor, será que o senhor poderia ter uma conversa com meu marido? Ele tem dormido uma média de apenas cinco horas por noite, e está baixando para quatro. Sinceramente não estamos suportando-o. Tem estado muito irritado com as crianças.

Quase ao final da semana, certo dia, estávamos rodando de carro, e ele guiava. De repente indaguei-lhe:

— Ó rapaz, por que não fuma?

Por pouco ele não joga o carro fora da estrada.

— Professor, disse ele afinal, eu não fumo.

— É, respondi, nunca vi mesmo você acender um cigarro.

A essa altura, ele me dirigia olhares de espanto, como se estivesse pensando que eu estava ficando louco.

— Por que você não fuma? insisti.

— Professor, replicou ele, meu corpo é o templo do Espírito Santo.

— É, concordei. É mesmo. Ótimo! Escelente argumento, disse, e depois acrescentei: é por isso então que tem dormido uma média de cinco horas por noite, e está baixando para quatro, e deixando sua família louca?

Acho que se tivesse dado uma paulada na cabeça dele não teria conseguido melhor resultado.

O Aspecto Social

Como está o aspecto social de sua vida? Como são seus amigos? Tem amizade só com as pessoas de sua igreja, de sua denominação? (Afinal, eles são o povo escolhido de Deus, não é? Os outros, ah, os outros são "os outros".)

Tem amizade com pessoas nâo-crentes?

Os estudos que efetuamos a respeito de evangelização de amigos têm revelado que a média das pessoas que recebem a Cristo mantém relacionamento com os amigos só por mais dois anos. Depois disso, abandona-os, ou então eles se afastam dela. Na maioria dos casos é o crente quem se afasta.

Você conhece alguns nâo-crentes? Mas talvez alguém diga:

"Ora, eu sou pastor."

Isso não significa que está isento de ser cristão. Experimentemos vez por outra ser diferentes daquilo que nossa posição social determina: e não deixemos que ela atrapalhe isso. Tentemos ser apenas um ser humano, de vez em quando.

Não sei se com todo mundo acontece o mesmo que conosco, mas eu e minha esposa sentimos que é muito difícil participar construtivamente de um grupo social constituído de crentes. Algumas de nossas conversas são tão vazias que constituem um insulto à nossa inteligência.

Eu gostaria de aconselhar o leitor a pensar um pouco em como poderia tornar mais criativo esse relacionamento com amigos e conhecidos, e ver o que Deus poderá operar aí.

Que tal ter amizade com pessoas de outra faixa etária? Conhece algumas crianças? Quero dizer, *conhece* realmente, e elas o chamam de "tio", e acham que você é a pessoa mais "legal" do mundo? Conhece algum adolescente? A maioria dos adultos "morre" de medo dos adolescentes. Quando nossos quatro filhos eram adolescentes e convidávamos amigos para virem à nossa casa, eu gostava de avisar-lhes antecipadamente:

— Olhe aqui, é bom você ir sabendo logo que vão encontrar lá em casa quatro pares de olhos de adolescentes a observá-lo. Se isso lhe dá medo, acho melhor desistir agora.

— Não, não, diziam. Tudo bem. Eles mordem?

— Não tenho muita certeza, não. Vamos lá e ficaremos sabendo.

Ampliemos nosso círculo de amigos. E já que estamos tratando do assunto, gostaria de apresentar aqui um teste para se saber quem é amigo de fato.

O verdadeiro amigo é aquele que

... sabe tudo a nosso respeito, e mesmo assim nos aceita;

... ouve-nos expor nossas ideias mais absurdas, sem nos rejeitar;

... sabe criticar-nos de forma tão sábia que o ouvimos com atenção.

Levei dez anos para deixar que minha esposa Jeanne se tornasse uma boa amiga, pois tinha medo que ela viesse a saber como eu era de fato, e quais eram meus temores e apreensões. *Se ela descobrir essas coisas,* pensava eu, *na certa irá rejeitar-me*.

Um dia, finalmente, ocorreu-me que ela já sabia, e não me havia rejeitado. Isso me libertou.

Como estou me saindo?

Por último, vamos lembrar-nos de que uma vida que não é submetida a provas, não vale a pena ser vivida.

Em nossa casa tínhamos o hábito de verificar o crescimento das crianças. Marcávamos a altura delas na face interna da porta do armário embutido. Aliás, quando vendemos a casa e nos mudamos, arranquei aquela porta, coloquei outra no lugar, e levei-a para a casa nova.

Certa vez, quando Bev, minha segunda filha, era ainda bem pequena, ela me prometeu que iria crescer um pouco nos dias em que eu estaria fora, em viagem. Quando voltei, assim que saltei do avião, ela me abraçou e disse:

"Papai, vamos para casa depressa. Temos que ver quanto eu cresci."

Fomos para casa, ela encostou-se à porta do armário e a medimos. Havia crescido apenas alguns milímetros, mas ficou dando pulos de alegria.

"Eu não disse, papai, eu cresci."

Depois disso fomos para a sala, para conversar um pouco, e ela fez uma daquelas perguntas que eu gostaria que as crianças nunca fizessem. Disse:

"Papai, por que é que as pessoas grandes param de crescer?"

Não me lembro exatamente o que foi que respondi mas devo ter dado uma resposta bem superficial.

"Ah, filha, você tem de compreender uma coisa; elas param de crescer para cima, mas começam a erescer para os lados."

Passado aquele momento de conversa com ela, Deus me levou a meditar nas palavras que dissera: "Por que é que as pessoas grandes param de crescer?" Como é o meu caso, por exemplo? Por que um professor de seminário pára de crescer? Eles param mesmo, sabia? Como qualquer outra pessoa. Por quê?

Isso é danoso para qualquer professor. Às vezes as pessoas me dizem:

— Irmão Hendricks, leciono essa classe há vinte e três anos.

E o que é que isso significa? Eu sei. Significa que a graça de Deus o susteve; só isso. Faz muito tempo já que aprendi que se multiplicarmos qualquer número por zero o resultado é sempre zero.

Na verdade, a experiência, por si só, não significa aprimoramento. Pelo contrário, podemos até regredir. O que nos aprimora é a experiência que submetemos a *avaliações,*

A maior ameaça ao desempenho de um bom professor é estar satisfeito com seu trabalho; é não estar sempre se perguntando: "Como posso melhorar meu ensino?" A maior ameaça ao nosso ministério é *nosso ministério.*

Portanto, não nos deixemos dominar por excesso de atividades a ponto de isso impedir que nos tornemos bons professores. Não hesitemos em dar periodicamente uma parada e voltar à mesa de planejamento, com espírito de oração: "Senhor, como estou-me saindo nesse trabalho, em relação ao plano que *tu* tens para mim?"

Como qualquer tipo de avaliação, esse auto-exame tem por base três perguntas: (1) quais são meus pontos fortes? (2) quais os meus pontos fracos? (3) o que preciso modificar?

Lembremos uma coisa: esse processo de mudança basicamente implica em alterar condutas habituais. Quem pratica um ato uma vez, pode praticá-lo uma segunda. Se o faz duas vezes, pode fazê-lo três. E a partir da terceira vez, ele já está se tornando um hábito.

Pedestais sem Heróis

Recentemente, eu estava numa barbearia, e me pus a conversar com um garotinho que já vira ali antes. Após alguns instantes, perguntei-lhe:

— Com quem você gostaria de se parecer quando crescer?

— Sabe de uma coisa, senhor, respondeu ele, ainda não encontrei ninguém com quem eu gostaria de me parecer.

E esse garoto não é o único. Quem está labutando nesse campo de batalha que é o mundo sabe muito bem do que estou falando. As crianças não estão à procura de um professor perfeito. Só querem um que seja sincero, que esteja crescendo. E, no entanto, muitas delas estão diante de pedestais sem heróis.

Em nossa terra, hoje, há muitos jovens — e adultos também — que se encontram desorientados. Não têm a mínima ideia da razão de Jesus Cristo ter vindo ao mundo, e não sabem que a Bíblia tem soluções para os seus problemas.

A grande necessidade deles é ter contato com homens e mulheres que conheçam a Palavra viva de Deus, que estudem esse livro constantemente, permitindo que sua mensagem permeie a vida deles de tal modo que passem a odiar o que Deus odeia, e a amar o que ele ama. E na medida em que forem aplicando as verdades dela à sua vida, e estas começarem a Transformá-los, produzirão forte impacto em outros.

Para Pensar

(Algumas perguntas para cada um fazer uma avaliação de seu desempenho pessoal, ou utilizar como base para debates com outros professores.)

1. Que aprimoramentos você sente que obteve nos últimos meses, e que estão mais patentes para os alunos?
2. De que maneira sente que melhorou com relação às suas atitudes para

com o *ensino,* e sua maneira de encará-lo?

3. Faça uma auto-avaliaçâo com base nas três principais qualidades de um bom professor — fidelidade, disponibilidade e humildade para aprender — respondendo às seguintes perguntas:

a) Quais são seus pontos fortes?

b) Quais os seus pontos fracos?

c) Que mudanças precisa fazer em sua maneira de ser e agir?

4. Como nosso crescimento (ou não-crescimento) nas áreas intelectual e social e o trato adequado ao nosso corpo pode afetar nosso crescimento espiritual? Dê exemplos:

"A verdadeira junção do professor é criar condições para que o aluno aprenda sozinho. (...) Ensinar de fato não é passar conhecimento, mas estimular o aluno a buscá-lo. Poderíamos até dizer que ensina melhor quem menos ensina."

— John Milton Gregory

2

A Lei do Ensino

Para ser um professor eficiente, não basta dominarmos o conteúdo a ser ministrado; precisamos conhecer também aqueles a quem ensinamos. Nosso interesse principal não deve ser só passar-lhes princípios; mas influenciá-los. Por conseguinte, *a maneira como os alunos aprendem deve determinar a forma como ensinamos.* É a lei do ensino.

O conceito contido nessa lei é o que, em seu clássico sobre o ensino *The Seven Laws of Teaching* (As sete leis do ensino), John Milton Gregory chama de "lei do processo de ensino". Consiste em estimular e dirigir *os atos de aprendizagem* — esse é o ponto-chave.

Aliás podemos enunciar essa lei do seguinte modo: o professor deve estimular e dirigir os atos de aprendizagem, e, de modo geral, *não deve dizer nem fazer para o aluno nada que ele possa fazer por si mesmo* (a não ser pelas exceções que citarei mais adiante). Portanto, o importante não é o que nós, professores, fazemos, mas o que o aluno faz depois de receber nosso ensino.

Essa definição demarca muito bem o papel do professor e do aluno. O mestre é antes de tudo um estimulador e motivador; não é o jogador, mas o treinador que estimula e dirige os jogadores em ação. O aprendiz é um investigador, aquele que descobre as novidades; é o que age.

Assim sendo, a melhor avaliação do ensino não é o que fazemos, nem se o fazemos bem, mas o que o aprendiz faz e como o faz.

Minha filha mais velha, Barbara, estudou violino com o violinista *spalla* da orquestra sinfônica de Dallas. (E por sinal me custou uma nota!) Mas quando chegou o dia do recital, quem foi que tocou? Foi ela; não ele. Nunca o ouvi tocar nos recitais dos alunos. Seria o caso de um dia ele dizer: "Senhoras e senhores, vou lhes mostrar agora como sou bom violinista!" Mas não; eu não lhe pagava para que *tocasse,* e, sim, para que ensinasse minha filha a tocar, e o que queria saber era se ela estava tocando bem, se ele a estava ensinando bem.

Não se avalia a eficiência de um professor pelo que *ele* faz, mas com base no que seus alunos fazem.

Platão disse algo que todos nós devemos guardar na memória: "Aquilo que um povo valoriza, cultiva." O que estamos valorizando em nossos alunos? Será que nos contentaremos com o fato de que sabem responder corretamente todas as perguntas, que sabem enunciar bem todas as verdades cristãs? Você se contenta com isso?

Alguns dos meus alunos do seminário ficam meio chateados porque não me mostro muito impressionado com o volume de conhecimentos que revelam. Estão sempre citando um termo grego ou hebraico para tentar "fazer bonito", mas limito-me a comentar:

"Grande coisa! O que quero saber é como está aplicando isso em sua vida!'

Mas, hoje em dia, não é essa a tônica de nosso sistema educacional. Quem ensina limita-se a falar; dar uma prova é basicamente avaliar o volume de conhecimentos do aluno. Os professores estão mais interessados é em ver que volume de conteúdo o aluno pode armazenar na mente para depois "vomitá-lo" no papel.

Certa vez, quando caminhava pelo corredor do seminário, encontrei um aluno que se dirigia a uma sala onde iria fazer uma prova. Parecia até estar em transe, de tão concentrado. Passei o braço por seu ombro e me pus a conversar com ele. Mas replicou: "Não encoste em mim, professor", disse brincando, "senão tudo que estudei pode descarregar."

Isso não é ensino.

Existem muitas pessoas por aí que nunca entraram numa sala de aula de uma faculdade, e no entanto possuem ótima formação. São indivíduos, homens e mulheres sábios, que sempre estiveram dispostos a aprender e ainda estão. É provável que não saibam tudo, mas o pouco que sabem praticam, e por isso Deus está usando-os para realizar seus planos.

A Tensão

O psicólogo Abraham Maslow aponta quatro níveis de aprendizagem.

O ponto inicial, o nível mais baixo, onde todos começam o aprendizado, é chamado de *ignorância inconsciente,* isto é, não temos conhecimento de nada, mas estamos inconscientes disso.

O segundo nível chama-se *ignorância consciente,* aquele em que sabemos que não sabemos. E como se chega a ter essa consciência? Em alguns casos, chegamos a ela por informação de terceiros; em outros, nós mesmos a descobrimos.

O terceiro nível é o do *conhecimento consciente,* aquele em que temos sempre na mente um conhecimento adquirido. Quando estamos aprendendo a digirir, por exemplo, dirigimos sempre pensando nos movimentos que temos de fazer.

O último nível é o do *conhecimento inconsciente,* no qual dominamos tão bem certo conhecimento que nem pensamos mais nele. Depois de algum tempo de volante, entramos no carro, ligamos o motor, soltamos o freio, engrenamos as marchas e praticamos todos os atos necessários para rodar com o veículo sem pensar muito neles. Aliás, a maior parte do tempo em que dirigimos, pensamos em outras coisas, e não na direção.

A arte de ensinar — e o aspecto mais difícil da aprendizagem — é levar o aprendiz á iniciar esse ciclo colocando-se no primeiro nível, para que possa desencadear-se o processo de aprendizagem. Não é fácil, nem para o professor nem para o aluno. Mas sem essa *tensão* não ocorrerá o crescimento, nem o desenvolvimento, nem a aprendizagem. A tensão é um requisito indispensável ao processo.

Mas ela deve ser dosada. Uma tensão excessiva gera sentimentos de frustração, ansiedade e *stress.* Ao passo que pouca tensão gera desinteresse.

É por isso que Deus, em seus desígnios, permite que experimentemos perturbações que geram o desequilíbrio. É assim que ele opera nosso crescimento.

Muitas vezes oramos assim: "Senhor, torna-me semelhante ao teu Filho." Depois saímos dali, e tudo começa a ficar tumultuado. "O que

aconteceu, Senhor?" perguntamos. O que aconteceu é que ele está atendendo nossa oração. Lembremo-nos de que embora Jesus fosse Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu.

Qual a sensação que passamos à nossa classe? Deixamo-los muito à vontade ou vez por outra perturbamos seu equilíbrio para que pensem: *"É, preciso estudar mais a Palavra de Deus e meditar mais; preciso tentar aplicar isso à minha vida."?*

Um expediente de que gosto de lançar mão é dramatizar um pouco o ensino. Quando eu e Jeanne estávamos dando um estudo para as esposas de seminaristas, certa vez, utilizamos esse recurso. Nós lecionávamos alternadamente; cada um dava uma pequena palestra sobre o assunto em debate. A determinada altura, Jeanne levantou-se para falar e assim que principiou olhei-a muito sério e disse:

— Jeanne, nós combinamos de não entrar nesse ponto.

— Mas Howie, respondeu ela asperamente, nós combinamos exatamente o contrário.

E nos pusemos a discutir. Imediatamente um pesado silêncio dominou o auditório. Criou-se um clima tenso em todo o salão; mais um pouco e poderia haver ali uma explosão. Afinal, interrompemos a discussão; todos compreenderam que aquilo fora planejado e irromperam em aplausos. Não tivéramos receio de nos expor; foi uma confissão clara de que nós também tínhamos discussões. E a tensão provocada pela encenação intensificou o grau de aprendizagem.

E, a propósito, uma simples encenação pode gerar um profundo envolvimento do aluno.

Certa ocasião, um aluno do seminário experimentou usar esse recurso num curso sobre comunicação conjugal que estava ministrando numa igreja batista. Combinou com um casal, que a igreja não conhecia, para que fosse assistir à aula. No meio da palestra, os dois começaram a cochichar rispidamente.

— Para que você me fez vir aqui? Indagou o marido.

— Fique quieto! Replicou a mulher.

— Eu falei que não estava interessado em ouvir esse papo religioso, retrucou ele.

De repente, um homem que estava atrás deles inclinou-se para a frente e disse ao marido:

— Dá duro nela, cara! Só que isso não estava programado!

Mas afinal, aonde você está querendo chegar?

Certa vez fui pregar em uma igreja, e assim que subi ao púlpito vi ali uma placa com os dizeres: "Afinal, aonde você está querendo chegar?" Quase arrasou minha mensagem.

Após o culto, perguntei ao pastor da igreja a razão de ser da placa e ele me explicou.

"Fazia uns doze anos que eu vinha pregando sem objetivo. Um dia me dei conta de que se eu não sabia aonde queria chegar, possivelmente *eles* também não estavam sabendo o que deviam fazer. Dali para cá. passei a elaborar objetivos bem definidos para todas as pregações.

E você, tem objetivos bem definidos quando ensina? Sabe ensinar realmente?

Quero sugerir aqui três metas básicas. Se o leitor não as aceitar imediatamente, aconselho-o a que medite nelas durante algum tempo. Se depois de estudá-las bem resolver adotá-las, saiba que nas próximas gerações pessoas se levantarão e lhe chamarão ditoso.

Primeira meta: *ensinar os outros a pensar.*

Quando desejamos que um aluno adquira novas atitudes, isto é, que o conteúdo aprendido permaneça, temos que modificar sua maneira de pensar. Se conseguirmos modificar apenas sua conduta, ele não entenderá por que se modificou. A mudança ocorrida é superficial; não permanece.

Nossa tarefa como mestres é distender a mente do aluno, que, por sinal, é como uma tira de borracha: depois que é esticada uma vez nunca mais volta exatamente à forma original que tinha antes.

Tenho me deparado com estudantes que receiam forçar demais o cérebro, com temor de desgastá-lo. Pois ouçam o que vou-lhes dizer. Certa vez em conversa com um amigo patologista, indaguei:

— Você já viu muitos cérebros humanos?

— Centenas, respondeu.

— Já viu algum que estivesse desgastado demais?

— Nunca vi nenhum que estivesse nem ligeiramente gasto, replicou.

Portanto, amigos, não precisam ter medo.

Bom, mas quando falo em distender a mente, não me refiro simplesmente a uma reformulação de preconceitos. A maioria das pessoas acha que pensar é isso. Não; refiro-me a um processo trabalhoso de plantar sementes que irão germinar, e, o que é mais interessante, vão dar fruto. Quando? Nunca se sabe. E essa é a parte mais fascinante de todo o processo de ensino.

Tenho-me encontrado vez por outra com ex-alunos meus que dizem:

— Professor, o senhor revolucionou minha vida.

— Eu? Ah, é muito bom ouvir esse tipo de coisa, respondo. O que foi que eu disse que mudou sua vida?

Aí eles citam algum pensamento profundo, e digo:

— Nem me lembrava mais de haver dito isso, mas e ótimo. Espere aí que quero anotar.

Se pensarmos um pouco veremos que os professores que consideramos os melhores são aqueles que plantaram em nossa mente sementes, cujos frutos ainda estamos colhendo.

Não devemos nunca ficar preocupados demais com o conteúdo a ponto de esquecermos o seguinte fato: *o bom ensino, o verdadeiro ensino, consiste de uma série de momentos em que o aprendiz se mostra predisposto a aprender.* Ocorre aí uma dinâmica especial, em momentos imprevisíveis, quando conseguimos chegar à mente e ao coração do aluno que possui essa predisposição.

Um exemplo clássico disso é a parábola do semeador, em Marcos 4. Lendo-a, notamos que a situação descrita por Jesus apresenta apenas uma variável. O semeador é sempre o mesmo, e a semente também. Mas nos casos citados, o solo — a reação do indivíduo — varia de um para outro. Portanto, tudo depende da receptividade do ouvinte.

Seja o que for que ensinarmos, estejamos sempre preparados para aproveitar bem os momentos em que o aluno se encontra predisposto a aprender, para levá-lo a pensar. Mas atenção: ensinar outrem a pensar pressupõe que o professor sabe pensar.

Quando estudava na faculdade e depois no seminário, mudei muito minha maneira de ser e agir, por influência de alguns professores. E, em vários casos, essas mudanças não tiveram nada a ver com o conteúdo por eles ministrado. É que eu estava em contato com homens que sabiam pensar e estavam plenamente cônscios de que podiam ensinar-me a fazer o mesmo.

O cristianismo, e principalmente o cristianismo evangélico, tem sido acusado de pobreza intelectual. Muitas pessoas o veem como um substituto para gente que não deseja pensar por si, mas isso não é verdade. Acham que para nos tornarmos cristãos temos que cometer suicídio intelectual. (Essa opinião discrimina principalmente as mulheres. Mas em algumas comunidades evangélicas isso é fato. Se eu fosse mulher "explodiria" pois sei que se fosse a uma igreja e perguntasse: "O que posso fazer para servir a Jesus?" eles me mandariam ir ajudar na cozinha.)

Jesus nos ensina que temos de amar ao Senhor Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo o *entendimento.* Então quem quer seguir a Cristo não pode colocar a mente em ponto morto.

A segunda meta é *ensinar os outros a aprender*. Isso significa formar aprendizes que reproduzirão o processo de aprendizagem pelo resto da vida.

Pensemos um pouco no que significa aprender. Trata-se de um processo contínuo, sempre em andamento. Estamos constantemente aprendendo em todos os momentos de nossa vida. Enquanto estivermos aprendendo estamos vivos. Se paramos de aprender hoje, de certa forma paramos de viver amanhã.

É por isso que cumprimento o leitor pela iniciativa de ler este livro. Para mim, esse é o maior elogio que pode fazer a si mesmo. Muitas vezes, em nossas igrejas, aqueles que *mais precisam aprender* são os que raramente se empenham nisso. Não é incrível? Mas você, não. Parabéns! Está envolvido nesse fascinante processo, e ele irá mantê-lo vivo.

E ele não é apenas fascinante, mas também lógico. O ideal é que ele se processe em três etapas. Vai do todo para a parte, e depois da parte para o todo. Ê o que chamamos de *síntese.* Começa com o todo, com o quadro geral, e depois passa a uma análise das partes, em que as desmembramos para descobrir o sentido delas, à luz do todo, e depois as reunimos de novo. Assim, o aluno sai dali pensando: *agora eu compreendo aquilo e posso aplicá-lo na prática.*

Então, para levarmos alguém a entrar no processo de aprendizagem, temos que fornecer-lhe primeiro o quadro geral. Infelizmente nós nos preocupamos mais com a segunda etapa, a divisão em partes. Por causa Asso existem crentes em nossas igrejas — pessoas negligentes, capazes e bem lúcidas intelectualmente — que até hoje ainda não entenderam aonde queremos chegar.

Certa vez fui convidado para pregar em uma igreja e os diáconos me disseram:

— Hendricks, quer fazer-nos um favor? Promete que não vai pregar sobre Efésios?

Resolvi fazer uma pequena brincadeira com eles.

— Sabe de uma coisa? Disse. Não gosto de pregar em igrejas onde me dizem o que posso ou não posso pregar.

— Não, não, não, você não entendeu, replicaram. Sabe o que é? Faz três anos que estamos em Efésios e só agora foi que passamos para o segundo capítulo.

Essa é demais! É por isso que a maioria das pessoas das igrejas sai com apenas "doze cestos cheios de pedaços"! Porque não visualizaram o quadro geral.

Mas o processo de aprendizagem não somente é maravilhoso e lógico, mas também implica em fazer descobertas. O conceito aprendido se

torna bem mais proveitoso e benéfico quando o enxergamos por nós mesmos.

Há cerca de trinta e cinco anos venho dando um curso no seminário de Dallas sobre "como estudar a Bíblia sozinho". É o curso mais agradável de todos os que já tive o privilégio de lecionar. Geralmente, dou como tarefa para os alunos textos bíblicos para estudarem sozinhos e depois exporem em sala de aula o que descobriram. O tempo nunca dá para falarem tudo que aprenderam.

Vez por outra um deles me diz:

— Professor Hendricks, aposto que o senhor ainda não viu isso aqui...

E explica a revelação que recebeu naquele texto. Pensa até que nem Calvino nem Lutero enxergaram aquilo que ele acaba de ver. Mas assim que ele me fala da verdade divina que recolhera na passagem, mostro-me bastante entusiasmado. Mas o que fazem algumas pessoas nessa situação? Replicam:

— É, Bill, é muito bom. Aliás, quando eu conheci o Senhor Jesus como meu Salvador, há cinquenta e três anos, também aprendi essa verdade aí.

Por causa disso, a maioria dos que ouvem nossas pregações não se mostram entusiasmados com as verdades bíblicas: elas se acham desgastadas demais. Aliás os programas de educação cristã em nossas igrejas são um insulto à inteligência dos alunos. Estamos lhes oferecendo flores murchas, em vez de levá-los a crescer através do estudo da Palavra viva de Deus. Assim eles estão sendo privados de experimentar a *aprendizagem pela descoberta* das verdades da Bíblia, e da alegria de afirmar por si mesmos:

"Deus me ensinou isso e isso. Quer que eu faça isso e isso. Tenho que falar a outros, a fim de que eles também experimentem a mesma transformação de vida por que estou passando."

Terceira meta: *ensinar os outros a trabalhar.*

Aqui caímos no princípio pedagógico de não fazer para o aluno aquilo que ele pode fazer por si mesmo. Se o fizermos corremos o risco de formar "paraplégicos" e "deficientes" intelectuais.

Todo mundo que entra no Parque Nacional de Yellowstone nos Estados Unidos recebe, à entrada, uma folha de instruções com os dizeres: "Não dê comida aos ursos." Mas assim que chegamos bem no coração da floresta encontramos pessoas dando comida para os ursos. Na primeira vez em que vi isso, fui conversar com um dos guardas do parque a respeito do problema, e ele me disse:

"E o senhor está vendo apenas um lado do problema!"

Em seguida pôs-se a falar de como no outono e inverno eles encontram muitos desses animais mortos, por não saberem mais caçar o alimento por si mesmos.

É o que está acontecendo conosco.

Quero dirigir uma pergunta ao leitor. Mas prepare-se porque poderei estar tocando numa falha sua.

Você comete esse erro, ou está procurando modificar essa forma de agir?

Lembremo-nos sempre de que nossa tarefa é levar as pessoas a pensar por si mesmas, a ser disciplinadas e a agir por uma deliberação própria. É por isso que sugiro que nos empenhemos mais em questionar as respostas do que em responder perguntas. Nossa função não é fornecer respostas rápidas e prontas, nem soluções tipo "alívio imediato", que na prática não resolvem nada. É melhor que os alunos saiam da classe coçando a cabeça, cheios de perguntas sobre as quais tenham de pensar e conversar durante a semana. Só assim podemos ter certeza de que a *aprendizagem* está-se processando, sem os bocejos reprimidos que presenciamos vez por outra.

E antes de darmos por encerrado esse ponto, lembremo-nos de que levar as pessoas a trabalhar dá muito trabalho.

Habilidades Básicas

Se quisermos ensinar os alunos a pensar, aprender e trabalhar, temos que levá-los a dominar bem quatro habilidades básicas: ler, escrever, ouvir e falar.

Hoje em dia nas igrejas evangélicas há uma séria deficiência de pessoas que saibam ler. E quero até fazer uma profecia: ao final deste século, muitas de nossas igrejas precisarão dar aulas particulares de leitura para seus membros.

Certa vez, durante uma aula para uma turma do seminário, afirmei o seguinte:

"O problema da maioria dos formandos de nossas universidades é que eles não sabem ler, não sabem escrever e não sabem pensar. E quando não se sabe ler, nem escrever, nem pensar, o que é que se pode fazer?"

E alguém respondeu:

"Assistir à televisão"

E é verdade. A televisão está anulando a nossa capacidade mental. Se você leciona na igreja, e principalmente se é pai, precisa conscientizar-se de que nossos jovens estão viciados nessa droga eletrônica. Uma das melhores bênçãos que podemos dar-lhes é ajudá-los a se desligarem dela. A tevê destrói não apenas sua capacidade de ler, mas também de pensar e criar, que são justamente as habilidades que nós, professores, desejamos cultivar neles.

Infelizmente, na prática educacional moderna existe muita coisa que também impede o desenvolvimento dessas habilidades. Lembro-me de quando meu filho mais velho, Bob, entrou para a escola. Estava todo entusiasmado, dizendo:

— Papai, vou aprender a ler.

No primeiro dia, ele voltou para casa meio desanimado.

— Papai, não aprendi a ler. Procurei tranquilizá-lo.

— Calma, filho, isso leva algum tempo. Fique calmo, companheiro.

Mas os meses foram passando, e ele sem aprender a ler. Então eu fiquei preocupado, e resolvi ir conversar com a professora dele, uma jovem muito bonita, recém-formada num curso de magistério.

— Ah, Sr. Hendricks, disse ela, o senhor precisa entender uma coisa. O que interessa não é que ele saiba ler, mas que se sinta feliz.

Ah, não, pensei, *ela é uma dessas que cultuam a felicidade acima de tudo.*

Fomos tolerando a coisa até o final do ano. Mas aí tive que conversar outra vez com a professora, e lhe perguntei:

"Minha senhora já pensou que ele seria mais feliz se soubesse ler?"

Ao que parece, isso nunca lhe ocorrera. Tive que gastar seiscentos dólares em aulas de reforço na leitura para ele, mas foi o dinheiro mais bem empregado que já gastei. Hoje ele lê mais rápido do que eu (e eu leio muito rápido). E sempre que nos encontramos travamos ótimas conversas sobre os livros que estamos lendo no momento.

É a capacidade de ler que leva alguém a se tornar escritor. Devemos proporcionar aos alunos a oportunidade de se expressarem por escrito. Alguns deles talvez venham a escrever tão bem que nos surpreenderão.

Das duas outras habilidades restantes — ouvir e falar — a mais difícil é ouvir. Dessas artes, saber ouvir é a maior; e a mais penosa de se cultivar. E, no entanto, raramente ensinamos nossos alunos a ouvir; e o pior: não damos o exemplo nisso.

A grande maioria dos executivos, no desempenho de sua função, é obrigada a passar 70% do seu tempo ouvindo outros. Mas não recebe nenhum preparo para isso. Quase todas as faculdades hoje têm em seu programa um curso de oratória; mas não há nenhuma que ofereça aulas sobre a arte de ouvir.

Ensinei oratória durante muitos anos, e sei que é relativamente fácil ensinar outros a falar; mas vá ensinar alguém a ouvir.

Temos a Homilética no currículo de nossos seminários — a ciência de preparar e entregar sermões. O objetivo dessa disciplina é ensinar a

pregar. Claro que pregar é bíblico. Não podemos suprimir essa prática. É uma necessidade. Mas de que adianta a pregação se ninguém a ouvir?

Bom professor é aquele que, acima de tudo é um bom ouvinte. E a propósito, esse conceito não tem aceitação geral, então aceite-o de minha boca pela fé.

Quanto a falar, o ideal era que esse tipo de treinamento começasse em casa, bem cedo. Já a partir dos três ou quatro anos os pais deveriam mandar os filhos ficar de pé à frente dos outros e falar. Mais tarde, deviam levá-los a uma cadeia ou a um hospital onde aprendessem a dar testemunho de sua fé. É falando que se aprende a falar.

Um Alicerce Chamado Insucesso

O insucesso é um fator obrigatório do processo de aprendizagem.

Tenho quatro filhos. Sabe como eles aprenderam a andar? Vou contar. Eles estavam no cercadinho, tranquilos — cada um por sua vez, é claro — e de repente viram alguém passando por perto. Ficaram a observar atentamente o processo de caminhar, e depois disseram consigo mesmos:

"Olha só que coisa mais interessante andar por aí!"

Então levantaram-se e falaram:

"Vou andar também!"

E desde então todos caminham direitinho.

Você sabe que não foi assim, é lógico. Todos já vimos uma criancinha tentando firmar-se nas pernas, ensaiar alguns passinhos, e daí a pouco cair ao chão. Depois levanta-se de novo, e nós, do outro lado da sala, abrimos os braços e dizemos:

"Vem com o papai, vem, neném!"

E ela começa a vir, mas com dois passos as perninhas já estão mais rápidas que o corpo, e lá se vai ela para o chão outra vez.

E o que ela faz então? Ela diz: "Droga! Acho que não tenho mesmo "dom" para esse negócio de andar!"? Não; ela se levanta, e tenta caminhar

novamente, e cai, e assim por diante. E quanto mais anda, menos cai, embora nunca atinja um estado em que seja impossível cair.

Vamos imaginar uma situação. Jesus mandou seus discípulos irem pregar de dois em dois, e eles tiveram enorme sucesso. Ao voltar, diziam para o Senhor:

"Senhor, os próprios demônios se nos submetem".

Certo dia, porém, se defrontam com um caso muito difícil. Há um garoto endemoninhado que não conseguem curar. O pai da criança, desesperado, recorre a Jesus, dizendo: "Pedi a teus discípulos, mas eles não conseguiram!' Então Jesus expulsa o demônio.

Obviamente, os discípulos chamaram Jesus de lado e lhe perguntaram:

— O que aconteceu, Senhor?

— Vou explicar, respondeu ele. Essa casta só sai com jejum e oração.

E foi assim que, como acontece tantas vezes, o insucesso experimentado pelos discípulos constituiu uma oportunidade para eles aprenderem uma grande lição.

Um de meus ex-alunos, um dos mais inteligentes, leciona atualmente numa das nossas principais universidades. Muito breve ele se tornará a maior autoridade mundial em seu ramo de trabalho. Mas foi reprovado em minha disciplina. Contudo até hoje ele afirma que essa foi a melhor experiência de aprendizagem por que passou.

Casos Especiais

Ensinar é ao mesmo tempo uma ciência e uma arte. Sendo uma ciência, fundamenta-se em princípios básicos. E, como arte, exige que se conheçam as exceções a esses princípios.

Existem algumas exceções para aquela regra que diz que não se deve dizer aos alunos — nem fazer por eles — aquilo que podem descobrir por si mesmos. Precisamos estar a par delas para evitar algumas frustrações.

Uma exceção diz respeito simplesmente à questão de economizar tempo. Na verdade, não precisamos ficar horas e horas a quebrar a cabeça para "inventar" a roda. Se houver um incêndio no prédio onde estamos, por exemplo, não vamos reunir o pessoal para discutir quais são as medidas a tomar. É preciso apenas que alguém diga: "A saída é por ali." A mesma ideia se aplica ao bom ensino.

Outra exceção é a dos alunos que demonstram maior dificuldade no aprendizado, e precisam de maior incentivo e auxílio. Por diversas razões, quando esse estudante inicia o processo de aprendizagem, que é altamente desafiante — e por si só já implica na possibilidade de experimentar insucessos — será tentado a desistir. Sempre que for reprovado, fatalmente dirá: "Não vou conseguir terminar o curso".

Certa ocasião, fui entrevistado em um programa de televisão, e me perguntaram qual a maior lição que aprendera, após lecionar trinta e cinco anos num seminário. Respondi que aprendera que minha principal tarefa ali era dizer sinceramente aos alunos:

"Eu acredito em você. Você vai conseguir fazer o curso."

Existem hoje muitos seminaristas — homens e mulheres — que constituem o que poderia ser considerado a nata da comunidade evangélica, e que no entanto se acham dominados por sentimentos de inferioridade.

Portanto, ao ensinar, precisamos ser sensíveis para com o aluno que nos diz: "Acho que não tenho nenhum valor para a obra de Deus", ou então com aquele que afirma: "Gostaria de ser advogado (ou missionário, etc), mas acho que não tenho capacidade para isso." É muito fácil destruir o espírito de tal pessoa.

Outra situação em que se pode abrir exceção é aquela em que os alunos se acham tão motivados e interessados que absorverão tudo que lhes dissermos, e quererão mais; nos momentos em que se mostram tão desejosos de aprender que quase não conseguem conter-se.

Certa vez dei um Novo Testamento para um ex-jogador de futebol americano que havia-se convertido, e cuja vida fora radicalmente transformada. Uma semana depois encontramo-nos de novo e ele me disse:

— Já o li.

— Ótimo, repliquei, continue lendo até terminar o todo o livro.

— Não, explicou o homem, já li tudo, inclusive os salmos que há no final dele. Parece que há uma outra parte, não é?

Então presenteei-lhe com a Bíblia toda, e cerca de um mês depois soube que já lera também o Velho Testamento. (Conheço diáconos de igrejas evangélicas que nunca leram toda a Bíblia nem uma vez!)

Quando o aluno demonstra esse tipo de interesse, devemos dizer-lhe tudo que pudermos.

Não Há Regressão

Por último, quero deixar aqui uma palavra de aviso. Embora essa forma de aprendizagem tome algum tempo, depois que ultrapassamos com os alunos a barreira das práticas antigas e eles conhecem as alegrias da descoberta e do aprendizado, nunca mais se contentam com outra técnica de ensino, que não lhes proporcione essa satisfação. Só aceitarão esse processo de aprendizagem que lhes permite um profundo envolvimento.

Para Pensar

(Algumas perguntas para cada um fazer uma avaliação de seu desempenho pessoal ou utilizar como tema de debates com outros professores.)

1. Qual o tipo de professor que você mais aprecia?

Por quê?

2. Pense em três de seus alunos, e analise as diferenças que há entre eles. Que diferenças revelam na maneira como aprendem e como pensam? Como cada um deles entende a Bíblia, e em que nível de experiência cristã se encontram? Que outras diferenças existem entre eles no que diz respeito à sua família, lugar de origem, cultura, grau de instrução, ao aspecto econômico, e etc? Quais as diferenças mais aparentes no seu modo de vida atual? (Aliás, é bom aplicar essas perguntas a todos os alunos.)

3. Quais são suas metas mais importantes, como professor?

4. De que maneira seus insucessos têm contribuído para seu desenvolvimento pessoal?

"Não podemos transferir conhecimentos de nossa mente para a de outrem como se eles fossem constituídos de matéria sólida, pois os pensamentos não são objetos que podem ser tocados, manuseados... As idéias têm que ser pensadas na outra mente; as experiências, revividas pela outra pessoa."
— John Milton Gregory

3
A Lei da Atividade

Nossa tarefa como comunicadores não é tentar deixar os outros deslumbrados conosco, mas causar um *impacto.* Também não é apenas convencê-los, é *transforma- los.*

A prática da educação cristã hoje em dia tem sido por demais passiva. E isso é uma incongruência, pois o cristianismo é a mais revolucionária força do planeta; ele *transforma* vidas. E no entanto, ao trabalhar com essa força revolucionária, nós a colocamos numa firma, em concreto. A atitude da média dos crentes é muito bem expressa no hino que diz: "Como era no princípio, assim é hoje, e sempre será." As próprias igrejas muitas vezes opõem certa resistência às mudanças que elas mesmas deveriam promover.

Lemos em Romanos 8 que todos os crentes estão predestinados para serem conformes à imagem de Jesus Cristo. Se isso é fato, então temos que ver e operar profundas mudanças.

Envolvimento Máximo — Máxima Aprendizagem

Se ensinar fosse simplesmente dizer coisas para o aprendiz, meus filhos saberiam tudo. Já lhes disse tudo que eles precisam saber. Provavelmente todos os pais fazem o mesmo. Até imagino um pai berrando com o filho adolescente:

— Menino, quantas vezes eu já lhe disse isso? Ao que o garoto responde com ar indiferente:

— Sei não, pai, o computador estragou.

Mas o processo ensinar-aprender não se resume nisso; vai muito além.

A lei da atividade é a seguinte: *Quanto maior o nível de envolvimento no processo de aprendizagem, maior o volume do conteúdo apreendido.* Isso é verdade, mas com uma condição: a atividade em que o aprendiz está envolvido deve fazer sentido para ele. Disso se deduz um

importante princípio do ensino: a atividade desenvolvida na aprendizagem nunca é um fim em si mesma, mas sempre um meio para se atingir um fim.

Uma professora pode dizer toda orgulhosa:

— Finalmente, conseguimos que todos os alunos estejam ativos.

— Fazendo o quê? indaga um observador.

— Nada de importante; mas eles estão gostando muito.

Nunca percamos de vista nosso *objetivo.* É ele que irá determinar o produto final. Nós só obtemos aquilo que estabelecemos como meta.

Durante alguns anos participei de uma organização que não possuía um objetivo definido, e já existia havia vinte e cinco anos. Por fim, um dia, comecei a pensar: *Afinal, qual a razão de ser disso aqui?*

Numa das reuniões da junta diretora, indaguei:

— Irmãos, qual é o propósito desta organização?

— É uma boa pergunta, irmão Hendricks, disse alguém. Irmão Brown, o senhor que já está aqui há mais tempo, saberia dizer qual é o objetivo desta organização?

Indagamos uma por uma das pessoas que se encontravam à mesa e ninguém soube dar uma resposta clara, convincente. Enfim, falei:

— Posso fazer uma proposta?

— Ah, claro. Estamos sempre abertos a propostas.

— Proponho que enterremos essa coisa.

— Mas irmão Hendricks, já estamos funcionando há vinte e cinco anos.

— Pois essa é a melhor razão para a sepultarmos. Abandonei a organização, mas eles ainda estão lá, que objetivo, não sei, e nunca vou saber.

Quando falamos em atividades com objetivos definidos referimo-nos a atividades adequadamente programadas. Pensemos um instante nas três afirmações abaixo, e vejamos como podemos melhorá-las.

1. O exercitamento leva ao aperfeiçoamento.

2. A experiência é nosso melhor mestre.

3. É fazendo que se aprende.

Para começar, a afirmação n.° 1 é falsa. Na verdade, o constante exercitamento numa atividade não produz necessariamente o aperfeiçoamento; ele forma um *hábito.* Se uma pessoa joga tênis ou peteca, por exemplo, *mas exercita-se de maneira errada,* pode praticar aquele esporte anos a fio e nunca irá melhorar sua técnica. Ela precisa da orientação de um técnico para mostrar-lhe como deve girar pulso ou segurar a raquete, etc. Só assim poderá aperfeiçoar-se. Portanto, aquela afirmação seria mais exata se expressasse o seguinte: o *exercitamento adequadamente orientado leva ao aperfeiçoamento.*

Quanto à afirmação de n.° 2, também é incorreta, fato que a experiência é o melhor mestre, mas não é necessário que uma pessoa experimente drogar-se cocaína para se conscientizar de seu poder destrutivo. Aliás, muitos dos viciados nessa droga não estão convencidos dos perigos dela. Assim, a melhor maneira de se dizer isso seria: *uma experiência adequadamente avaliada é nosso melhor mestre.*

Até onde estou informado, a primeira pessoa a fazer a afirmação do n.° 3 foi Platão. E é verdade; é fazendo que se aprende. Mas aprende-se também a fazer coisas erradas. Então, esse pensamento seria mais bem expresso da seguinte maneira: *é fazendo as coisas certas que aprendemos o que é certo.* Na realidade, às vezes aprendemos também fazendo as coisas erradas, mas esse tipo de aprendizado é mais destrutivo do que construtivo.

Existe de fato uma relação direta entre fazer e aprender. Quanto maior for o envolvimento pessoal do aprendiz, mais possibilidade ele tem de aprender. Aprende mais quem participa mais. Participa aquele que não se limita a assistir ao jogo da arquibancada, mas se envolve nele de corpo e alma. E acima de tudo aprecia-o muito mais do que quem está de fora.

Suponhamos que eu me proponha a ensinar alguém acerca da Terra Santa, e lhe ofereça três opções. Primeiro, assistir a uma palestra sobre o lugar. Não; não rejeitemos essa possibilidade logo de saída. Sou autoridade no assunto, que estudo há muitos anos. Posso oferecer-lhe informações históricas e arqueológicas que poderiam deixar o aluno deslumbrado.

A segunda opção seria apresentar-lhe uma série de *slides* sobre a terra. Tenho algumas fotos maravilhosas que, acompanhadas de um belíssimo fundo musical, o deixariam encantado. E a mostra iria encerrar-se com uma vista de um pôr-de-sol no Mediterrâneo.

A terceira opção seria fazer uma viagem à terra santa em minha companhia, e ver todos os lugares por si mesmo.

Acho que sei qual dessas opções todos prefeririam

Faço, e Tudo Muda

Essa "lei da atividade" é confirmada por muitas pesquisas modernas na área de psicologia educacional, e também por um velho provérbio chinês que diz o seguinte:

"Ouço, e esqueço;

vejo, e guardo na memória;

faço, e compreendo."

Eu ainda acrescentaria mais uma coisa a esse provérbio. Na minha opinião, quando nós *fazemos* alguma coisa, o resultado não é apenas compreender não; nós *mudamos* também.

Dizem os psicólogos que podemos reter até 10% do que ouvimos. Esse percentual aponta só o *potencial*, não o que retemos de fato. Na verdade, quem consegue reter 10% de tudo que ouve pode ser incluído na categoria dos gênios.

Infelizmente, grande parte do ensino cristão utiliza o método auditivo. É por isso que tantas vezes se mostra ineficiente.

Mas, segundo a psicologia, se além de ouvir também vemos, podemos reter até 50% daquilo que presenciamos. É por isso que o método audio-visual é tão importante. Nossa sociedade é toda dirigida para conhecer através da visão. A média dos meus alunos do seminário, em seus anos escolares, passou mais tempo assistindo à televisão do que estudando, numa sala de aula. É uma superdose de televisão, que pode ser mortal, pois instila seu veneno de forma sutil e abrangente. E como a união do áudio com o visual tem forte poder de penetração na mente, quem assiste à

televisão por longo tempo, pode ir sofrendo lentamente uma lavagem cerebral e acabar se convencendo de que tudo que é dito ali é verdade.

Vamos acrescentar o ato de *fazer* aos de ver e ouvir. A psicologia ensina que a aplicação conjunta dos três eleva a porcentagem de retenção para 90%. E depois de haver ensinado durante várias décadas em cursos de graduação, estou convencido de que isso e fato.

Nesses trinta e cinco anos em que leciono no seminário o curso sobre "como estudar a Bíblia sozinho" nunca dei uma prova. Os outros professores não compreendem como alguém pode trabalhar assim. Afinal, como é possível ministrar um curso sem ivaliar por meio de exames? Muito simples: é só conseguir que os alunos se envolvam ativamente no processo de aprendizagem.

Logo no início, percebi que não é difícil para eles decorar o conteúdo dado, e depois colocá-lo perfeitamente no papel. E aí lhe damos a nota máxima. Maravilha! Mas se aplicarmos a mesma prova três dias depois, já terão esquecido tudo, e não serão aprovados, nem mesmo se a vida deles depender disso.

Mas com o processo de envolvimento é diferente. Tive ocasião de testar esses alunos vinte e cinco anos depois e descobri que ainda estão utilizando os mesmos princípios de estudo bíblico que aprenderam em minhas aulas, e que nunca tiveram de memorizar. Aprenderam na prática, pelo processo da atividade.

O mesmo princípio se aplica a outros aspectos da vida cristã. A melhor maneira de se aprender a testemunhar, por exemplo, é testemunhando, e não lendo livros sobre o assunto.

Já leu algum livro sobre evangelismo? Eles sempre trazem muitas ilustrações. Uma pessoa vai viajar de avião. Acomoda-se em seu assento e quinze minutos depois seu companheiro do lado está salvo. Passa-se mais meia hora, e ele já ganhou toda a fileira em que está sentado. Uma hora depois, todos os atendentes de cabine já receberam a Cristo. E quando o avião chega ao seu destino, todos os passageiros estão salvos.

A maioria dos crentes lê isso e pensa: *E... tenho que fazer a mesma coisa.* E na primeira oportunidade tenta pôr em prática o que leu no livro, e

é um fracasso total. Resultado: sente-se derrotado e pensa: "Acho que não tenho dom para evangelismo."

Não. Para se aprender a evangelizar, é preciso evangelizar, começar a praticar. É a melhor maneira de se aprender a fazer qualquer coisa.

Na Bíblia, a verdade e a vida prática estão sempre ligadas. Gosto muito do que Paulo diz em Tito 1.1: "O conhecimento da verdade, que é segundo a piedade."

Jesus disse várias vezes: "Quem tem ouvidos para ouvir, ouça." Na primeira vez que li isso pensei: *Senhor, isso é brincadeira? Para que a gente tem ouvidos? Para pendurar brincos? Para ajuntar cera?* Mas, na verdade, ele estava-se referindo a outra coisa.

Sempre que lemos a palavra *ouvir* no Novo Testamento, podemos ligar a ela a palavra *fazer*. O

Senhor Jesus juntou as duas palavras uma à outra quando disse: "Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica, esse é o que me ama... Por que me chamais, Senhor, Senhor, e não fazeis o que vos mando?" Em outras palavras, ele afirma: 'Ou parem de me chamar de Senhor ou comecem a fazer o que eu mando." Portanto, em educação cristã, o fator principal não é ter conhecimento, é obedecer agindo.

De certa forma estou sempre em discussão com Deus. É que tenho a tendência de ficar exibindo para ele o meu conhecimento de sua Palavra. Mas não sei por que, ele nunca parece ficar muito impressionado com isso. E por que deveria? Tudo que sei veio-me por revelação dele. E ele está constantemente me mostrando o quanto ainda estou longe de me parecer com Jesus.

No plano espiritual, o oposto de ignorância não é conhecimento, é obediência. Segundo o ensino do Novo Testamento, saber e não praticar significa não saber nada.

Então Deus me diz:

— Hendricks, você já compreendeu isso aqui?

— Já, Senhor, respondo. Já entendi.

— Ótimo, replica ele. Agora é sua vez de agir.

Atividade Significativa

Recordemos a "lei da atividade": *para se obter o máximo de aprendizagem é preciso o máximo de envolvimento.* Dissemos que essa lei é verdadeira se for atendida uma condição: a atividade deve fazer sentido. Quais os tipos de atividades que podem fazer sentido para o aluno?

Quero citar aqui cinco formas de atividade significativa, em resposta a essa pergunta. Qualquer educador pode utilizar esses tipos, seja qual for a matéria que leciona e a faixa etária dos alunos.

1. *Atividades que forneçam orientação, sem imposição.*

Ao dar tarefas para os alunos com o objetivo de levá-los a envolverem-se no processo de aprendizagem — e temos que dá-las mesmo — tenhamos o cuidado de fazê-lo dentro de uma esfera de liberdade. Queremos enquadrá-los dentro de uma estrutura, não de uma camisa de força.

Geralmente peço aos alunos para estudarem determinada passagem bíblica, procurando os princípios espirituais nela contidos, e depois os anotarem. E sempre fazem a inevitável pergunta:

— Dr. Hendricks, quantos princípios o senhor quer?

— Não sei, respondo. Quantos *você* quer?

— Ahhh, replica o aluno gaguejante, o senhor é que é o professor.

— Mas é *você* quem está estudando; é você quem está pagando pelo curso, não eu.

Isso normalmente o deixa meio desarvorado.

De modo geral, levo de dois a três anos para modificar esse tipo de mentalidade estudantil. O aluno vem de um sistema educacional onde a regra geral é procurar descobrir o que o professor quer. Ele nem percebe que está destruindo sua capacidade de aprender. Nossos alunos estão-se esforçando para agradar a pessoa errada — procuram dirigir tudo para o professor, em vez de fazê-lo para si mesmos.

Então a pergunta a ser feita aí é "O que *você* quer?" e não o que o professor quer. A aprendizagem tem que brotar do próprio aluno; não é o

professor que a "derrama" dentro da cabeça dele. O professor simplesmente a "retira" de dentro dela.

Certa vez, dei um curso para alunos de seminário sobre a arte de acampar. Trata-se de um aprendizado muito divertido, com momentos de descontração e alegria. Primeiramente, fazemos uma exposição em sala de aula, de todas as instruções teóricas a respeito do assunto. Depois vem a parte prática: um percurso de canoa pelo rio Brazos. Então, digo aos alunos:

— Muito bem, minha gente, vamos lembrar que um dos princípios básicos para o sucesso da viagem é amarrar tudo na canoa. Temos que amarrar todos os objetos para que não se percam, caso ela vire. Entenderam bem?

— Claro, professor, está tudo anotado.

— Ótimo! É muito bom anotarem tudo. Mas o que quero saber é se vão amarrar tudo na canoa. Alguma vez já tiveram de dormir num colchonete molhado?

— Tudo bem, professor. Já entendemos.

E assim lá vamos nós para o Brazos, e empurramos para a água as dez canoas. Três minutos depois de partirmos, quatro viram, e, em três delas, os pertences não estão amarrados. Dá para acreditar?

Vamos dormir. Após uma noite não muito agradável para os que tiveram que dormir em colchonetes molhados, todos nos levantamos para preparar o desjejum. Durante as aulas teóricas, havíamos dividido a turma em grupos, dando a cada grupo a responsabilidade de planejar seu próprio cardápio e providenciar os arranjos necessários.

"Levem o que acharem melhor", expliquei. "Não tem importância o que vão levar pois de qualquer jeito vão é deixar queimar a comida mesmo. Mas lembrem-se de levar também tudo que for necessário para a preparação da comida."

Então alguns rapazes, que não dormiram bem à noite, começam a se movimentar para preparar o desjejum planejado: panquecas. Mas esqueceram-se de trazer a espátula para virar a panqueca. Além disso, o fogo está meio ruim, e ela vai ficando encharcada. Já viu alguém virar

panquecas com gravetos? Acabam quase todas caindo no fogo. Aliás, as que restam também, de tão intragáveis, acabaram tendo o mesmo destino.

Uma coisa posso garantir: de agora por diante sempre que qualquer um daqueles rapazes sair para acampar, vai-se lembrar de levar a espátula.

Então, temos que dar orientação, e não fazer imposições. Deixemos que eles se atrapalhem totalmente, se for o caso. Aprenderão muita coisa.

2. *Atividades que deem ênfase à função e à aplicação na prática.* São atividades, então, nas quais o aprendiz utiliza na prática o que acabou de aprender. Como decorrência disso, vemos que só se pode apresentar, a cada vez, o volume de conhecimentos que ele puder absorver e utilizar.

Nós, professores, estamos sempre empregando um recurso que chamo de "técnica do armazenamento". Temos a seguinte mentalidade: *tenho que dar a eles toda essa informação, e dar AGORA.* E então pomo-nos a despejar conhecimentos neles. Poderia chamar esse método também de "hambúrguer a ventilador". Coloca-se a carne nas hélices, em seguida liga-se o aparelho... e todo mundo fica com um pouquinho dela.

Exatamente como Jesus ensinou, não foi? Lembra-se daquela ocasião em que ele disse aos discípulos:

"Olhem aqui, vou permanecer com vocês apenas três anos, e então é bom absorverem tudo isso agora."

Não; claro que não foi assim. Jesus, que era a personificação da verdade, nunca agiu dessa forma. Aliás, o que ele disse aos discípulos foi: "Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora; quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade."

3. *Atividades com objetivo definido.* Como já dissemos, é o objetivo que vai determinar o resultado. Nós conseguimos aquilo que perseguimos como meta. Lembremos uma coisa: nada de atividade só pela atividade. Não devemos dar para os alunos atividades para as quais não tenhamos objetivos claros. Se existe uma coisa que o ser humano detesta é trabalhar por trabalhar. É por isso que, sinceramente, grande parte de nossas revistas de escola dominical seria mais bem aproveitada se fosse usada para acender fogo.

Se a matéria que ensinamos contém requisitos tais como a leitura de determinados livros, trabalhos por escrito ou pesquisa, é bom nos perguntarmos: *qual o meu objetivo nisso?* O que os alunos vão aproveitar ao ler esses livros, ou redigir esses trabalhos? Será que escrever algumas páginas e ler alguns livros ajudará a melhorar a formação deles? Ou quem sabe apresentamos esses requisitos apenas por uma questão de hábito? Em nome do ensino e do *saber* fazem-se muitas coisas que não têm o menor sentido.

Outro fator semelhante a esse da atividade pela atividade é a preocupação de oferecer "entretenimento". Certa vez um aluno escreveu o seguinte num trabalho: "Quando é que a igreja vai parar com essa mania de dar entretenimento? Não vou aos cultos em busca de diversão. Se quiser me divertir, posso ir a um *show,* no centro da cidade."

Conheço uma igreja que possui um interessantíssimo programa para adolescentes. Ê uma das poucas que já vi que oferecem aos garotos um sério desafio na aprendizagem. Eles não são tratados como bebezinhos, nem são convocados apenas para se divertirem. Uma das atividades é uma viagem ao México, realizada anualmente. Todos os que se dispuserem a ir têm que aprender espanhol, e são obrigados a preencher uma imensa lista de requisitos que exigem muito esforço deles. Mas eles adoram. A classe dispõe de um ônibus com apenas vinte e cinco lugares, mas no ano passado apresentaram-se oitenta e sete candidatos.

4. *Atividades que além de estarem relacionadas com o produto final estejam relacionadas também com o processo,* de modo que os alunos saibam não apenas *em que* crêem, mas também *por que* o crêem.

Se oferecermos aos alunos apenas o produto final — e parece que todos nós agimos exatamente assim — nós os limitaremos em consequência de nossas próprias limitações. Mas se os envolvermos também no processo, abrimos-lhes as portas de um caminho sem fim. E eles podem até superar-nos e se tornarem mais eficientes que nós.

Uma das razões por que estou há tanto tempo lecionando num seminário é que isso me proporciona a alegria de ver muitos de meus alunos se formarem e prosseguirem na caminhada e me ultrapassarem, e superarem em muito aquilo que eu poderia fazer. Sinto-me profundamente

realizado quando, depois de trabalhar com eles, vejo-os utilizando meu trabalho para irem bem mais longe do que eu poderia ir.

Algumas organizações evangélicas têm efetuado pesquisas entre jovens, e descobriram uma incrível similaridade entre o crente e o não-crente no que diz respeito a sistema de valores, moralidade e conduta. A diferença entre eles é apenas verbal. Quando se pergunta a um jovem crente se ele mente, rouba ou pratica sexo, ele diz que não, ao passo que o não-crente confessa:

"Claro, se for do meu interesse, sim."

Contudo, na prática, não existe quase nenhuma diferença. Isso mostra como temos errado. Pensemos um pouco nas implicações do fato. Estamos passivos face a práticas erradas; contentando-nos apenas com palavras. O problema é que nossos jovens já decoraram os jargões evangélicos, mas não estão gozando da verdadeira experiência cristã.

5. *Atividades associadas a situações em que se vejam obrigados a solucionar problemas.*

O aluno está à procura de respostas para as perguntas de quem? As nossas? Não; as dele. Portanto, se apresentarmos em sala de aula os nossos problemas pessoais, eles não assimilarão as soluções, e corremos o risco de formar cristãos de fachada.

Na maioria das vezes não abordamos os problemas que as pessoas estão enfrentando. Então vamos procurar enxergá-los: *quais são eles? Que tipo de conflito as pessoas estão enfrentando? Com que tentações estão sempre se deparando?*

Em nossos dias, um número cada vez maior de membros de igrejas está incorrendo em erros morais. Mas será que estamos discutindo a questão? Estamos fornecendo orientação para eles?

Muitas vezes referimo-nos aos personagens bíblicos como se eles fossem estátuas de cera, ou gravuras num papel, e não gente com os mesmos problemas e emoções que nós.

É necessário, então, que as atividades estejam relacionadas com o dia-a-dia do aluno, para que por elas encontremos a chave que possa abrir o coração dele. Tenhamos o cuidado, porém, de não tornar a lição simplista

demais. Existem muitos professores que dizem coisas mais ou menos assim:

"E agora, crianças, o que vão preferir? Querem que a vontade de Deus se realize em sua vida, para assim gozarem paz e felicidade, realização e vitória? ou querem fazer sua própria vontade, e levar uma vida de infelicidade, pobreza e insatisfação?"

A verdade é que muitos de nós nunca encaramos de frente o fato de que o pecado é mesmo atraente.

Avançar

O leitor deve estar lembrado de que dissemos que a aprendizagem é um processo. Não podemos apenas fazer uma experiência perante os alunos e depois dizer: "Bom, vocês já aprenderam esse ponto. Fixem tudo na mente. E agora, o que mais querem aprender?"

Os evangelhos narram o milagre da multiplicação dos pães que Jesus realizou auxiliado por seus discípulos. Todos conhecemos o relato. Eles tinham apenas cinco pães e dois peixes, e com apenas esse pequeno lanche, Jesus matou a fome de cinco mil homens, além de muitas mulheres e crianças. Depois que todos haviam comido, os discípulos recolheram doze cestos cheios, e no fim tinham mais comida do que no começo. Um maravilhoso milagre!

Mas um pouco mais adiante vemos que os discípulos não haviam entendido nada sobre o milagre.

Depois vem a segunda multiplicação. É a mesma história, só que dessa vez com sete pãezinhos e alguns peixes. Mas a comida dá para todos, e ainda sobram sete cestos cheios.

Pouco depois nota-se que os discípulos ainda não haviam compreendido o que Jesus quisera ensinar com esses milagres. E ele pergunta:

— Vocês se lembram, quando multipliquei cinco pães para cinco mil pessoas, quantas cestas de sobras recolheram?

— Doze, responderam eles.

— E quando com sete pães alimentei quatro mil pessoas, quantas cestas foram recolhidas dessa vez?

— Sete, disseram. Então Jesus lhes indaga:

— *Como não compreendeis...*

Lembremos também o incidente ocorrido quando Jesus andou sobre as águas. Naquele barco, estavam pescadores profissionais, que avistaram um vulto que supuseram ser um fantasma. Ficaram morrendo de medo, mas o Senhor lhes disse: "Sou eu"

Pedro, com uma atitude bem típica dele, diz:

— Senhor, se és tu mesmo, manda-me ir ter contigo.

E Jesus lhe responde:

— Vem.

É provável que largar mão da amurada do barco foi uma das coisas mais difíceis que ele teve de fazer, mas largou. E é bem possível que Filipe e André tenham ficado conversando espantados:

— Olhe só! Pedro está caminhando! Mas daí a pouco um deles grita:

— Cuidado com essa onda grande, Pedro! Pedro olha para a onda, fica gelado de medo, e afunda. É então que pronuncia a mais bela e concisa oração encontrada na Bíblia: "Salva-me, Senhor." Se retirássemos dessa petição qualquer uma de suas palavras mudaríamos o sentido dela. Imagine o que teria acontecido se ele tivesse feito uma daquelas orações que por vezes escutamos em reuniões de oração. O sujeito parece que está "tirando o atraso", e faz uma longa petição, passando pelo campo missionário, e citando todas as doutrinas que conhece. Se Pedro fizesse isso, já estaria no fundo do mar, quando terminasse.

Agora, responda-me uma coisa: como foi que Pedro voltou para o barco? Será que Jesus o carregou? Não; ele foi caminhando. Mas garanto que em nenhum momento tirou os olhos do Salvador.

Isso é aprendizagem.

Já vi muitas pessoas afundarem na água dessa maneira, mas também as vi reaparecerem, tornando-se homens e mulheres com *fé em Deus.* É que haviam aprendido que nunca seriam capazes de protegerem a si mesmas. O Senhor permitiu que falhassem em algo que conheciam bem para ensinar-lhes isso.

Estudando a vida de nosso Salvador, que foi o maior Mestre que já existiu, nota-se claramente que ele não despejou uma avalanche de fatos teológicos na cabeça dos discípulos. Não; ele procurou antes envolvê-los no processo de aprendizagem, e mais tarde o mundo pagão de sua época foi obrigado a afirmar: São esses os que viraram o mundo de cabeça para baixo."

Esse é o desafio que se acha diante dos que exercem o ministério de ensino cristão em nossos dias, quando este século está prestes a encerrar-se.

Para Pensar

(Algumas perguntas para o professor fazer uma avaliação de seu desempenho pessoal, ou usar como tema de debate com outros professores.) .

1. Até que ponto seus alunos estão de fato *envolvidos* no processo de aprendizagem? Quais os que parecem estar mais envolvidos? Por que, em sua opinião, esses estão mais envolvidos que os outros? Quais os que parecem menos envolvidos? E por que não participam mais?
2. Pense em três alunos de sua classe que sejam bem típicos desse grupo, e em seguida procure imaginar quais as atividades de que poderiam gostar mais — ao ar-livre ou dentro da sala. Essas atividades podem dar-lhe ideia de como poderia tornar o processo de aprendizagem mais agradável e eficiente para seus alunos.
3. Saberia apontar que tipo de atividades poderiam *dificultar* em vez de favorecer uma aprendizagem eficiente?

"A tarefa do professor é despertar a mente do aluno, é estimular ideias, através do exemplo, da simpatia pessoal, e de todos os meios que puder utilizar para isso, isto é, fornecendo-lhe lições objetivas para os sentidos e fatos para a inteligência... O maior dos mestres disse: "A semente é a palavra." O verdadeiro professor é o que revolve a terra e planta a semente."

— John Milton Gregory

4

A Lei da Comunicação

Malcolm Muggeridge comentou que havia observado um espantoso traço comum a todos os compêndios sobre comunicação, "uma inusitada incapacidade de comunicar".

Não faz muito tempo li um livro de 850 páginas tratando do processo de comunicação, e que recomendo a todos que estiverem sofrendo de insónia. É um ótimo sonífero.

Para falar a verdade, porém, comunicar não é nada fácil. E quem aprender a encarar com seriedade : fato de que esse processo é realmente difícil irá orar com mais intensidade, estudará e se esforçará mais, e aprenderá a depender muito mais de Deus.

Certa empresa de Chicago faturou num ano dois milhões de dólares, mas no ano seguinte foi à falência. Isso se deu porque sua diretoria não havia enxergado com clareza qual era mesmo seu ramo de negócio. Achavam que seu objetivo seria vender grampos para cabelo, quando na verdade deveria ser artigos para cabelo. O que aconteceu foi que as mulheres pararam de usar grampos, e a empresa faliu.

Então, lembremo-nos sempre disso: nosso negócio é comunicar. A razão de sermos professores é exatamente esta: comunicação.

E ela é também nosso maior problema.

Estabelecer Pontes de Ligação

O termo *comunicação* vem do latim *communis,* que significa "comum". Para que possamos comunicar algo a alguém precisamos antes estabelecer pontos em comum com ele. E quanto maior for o número de pontos comuns, maior também será a probabilidade de uma boa comunicação.

Vejamos o exemplo de Mike. Ele e sua esposa Beth constituem um casal feliz. Têm quatro filhos, dois meninos e duas meninas. Mike leciona numa classe de escola dominical para adultos.

Uma das alunas da classe, Mary, é divorciada e tem dois filhos, dois garotos, que vivem com ela. E na classe há outros alunos em situação mais ou menos igual. A primeira coisa que Mike tem a fazer é come que "entrar" na vida de alunos como Mary, para conhecê-los. Não pode simplesmente supor que eles têm uma experiência semelhante à dele e sua esposa.

Então Mike e Beth deverão procurar conviver mais de perto com Mary para estabelecer pontos em comum, para descobrir que problemas ela enfrenta Assim convidam-na com os filhos para um churrasco em sua casa, quando conversam longamente. Depois convidam-na para ir a um concerto sinfônico. Mais tarde, Mike vai fazer uma pescaria com seus dois filhos e chama também os filhos de Mary. Durante esse convívio, Mike e Beth criam uma série de pontos comuns entre eles e Mary, que se tornam uma base para seu relacionamento. Assim ele conquista o direito de comunicar, de ensinar a Mary nas classes de domingo; ele ganha uma ouvinte.

A clássica ilustração bíblica para esse processo é o texto de João 4, o diálogo de Jesus com a mulher samaritana. O ponto que ambos possuem em comum é: estão com sede.

— Quer me dar um pouco de água? ele indaga A mulher fica muito espantada.

— Como é que você, um judeu, pede água a mim, uma mulher samaritana?

Jesus toma a iniciativa, e procura não fazer nenhum julgamento prévio. Pelo contrário, derruba todas as barreiras existentes — racial, religiosa, sexual, social e moral — com a finalidade de criar uma base para comunicar-se-com ela. E essa é também a nossa tarefa. Ê isso que temos de fazer. Ê o processo de estabelecer pontes de ligação entre nós e outros.

A lei da comunicação aponta para esse processo: *para que haja comunicação é necessário que se estabeleçam pontes de ligação entre o comunicador e o receptor.*

Alguns anos atrás convidei minha tia para ir a um culto evangelístico. Era a primeira vez que conseguia levá-la a um lugar onde se pregava o evangelho. Ao final da mensagem o pregador disse:

"Peço à congregação que fique de pé, todos de pé."

E todos se levantaram.

"Agora", continuou ele, "peço aos crentes que se sentem."

Olhei para minha tia e percebi em seu rosto uma expressão de frieza, e ela apertou os lábios com raiva e constrangimento. Só três anos depois foi que consegui levá-la a uma igreja de novo, e assim mesmo porque ela sabia que era eu quem ia pregar.

"Sei que você nunca usaria um artifício desses", disse ela.

Amigo, temos que procurar descobrir como as pessoas por aí estão-se sentindo. Muitas morrem de medo de entrar em nossas igrejas, e eu até lhes dou razão.

Pensamento, Sentimento, Ação

Agora quero tentar explicar esse complexo processo de comunicação numa forma mais compreensível. Mas cada leitor deve entender que terá que estudar bem isso para poder dominá-lo, para manuseá-lo bem. Será preciso lê-lo várias vezes.

Toda comunicação possui três componentes básicos: intelecto, emoção e vontade; em outras palavras, *pensamento, sentimento* e *ação.* Então tudo que eu quiser comunicar a outrem gira em torno de

algo que conheço

algo que sinto

algo que pratico.

Se conheço muito bem determinada coisa, se a sinto profundamente e ajo em consonância com ela, tenho grandes possibilidades de ser um excelente comunicador dela. Aliás, quanto melhor eu conhecer, quanto mais intensamente a sentir e a praticar, maior será minha probabilidade de comunicá-la bem.

Mas é preciso que os três componentes estejam presentes. É como se eu fosse um vendedor; a diferença é que estou vendendo ideias, conceitos, e não mercadorias, objetos. Então, para conseguir vendê-las, preciso conhecê-las muito bem, tenho que estar profundamente convencido de que

são boas, e tenho que praticá-las eu mesmo; é preciso que elas estejam dando certo para *mim.*

Esse é o ponto de partida para a comunicação.

Nós os crentes, que cremos na autoridade e na inspiração das Escrituras, temos em mãos um conjunto de verdades que nos foi entregue por revelação, e que temos de comunicar ao mundo. Portanto a mensagem já está pronta, não precisamos fabricá-la. Cabe-nos apenas divulgá-la. Essa é a nossa maior vantagem, mas pode ser também um grande problema de comunicação dentro da comunidade evangélica.

Por quê? Porque a maioria dos crentes se limita a transmitir a mensagem apenas intelectualmente. Damos ênfase excessiva às palavras. Parece que estamos convencidos de que se dissermos ao mundo tudo que precisa ser dito, isso automaticamente vai solucionar todos os problemas. Damos pouco peso aos aspectos emocional e volitivo da comunicação — o *sentimento* e a *ação* — porque de certa forma isso constitui uma ameaça para nós.

Tocar nessa questão da *emoção,* por exemplo, pode levar o leitor a ficar meio tenso. Talvez pense que estou falando de *emocionalismo.* Mas emocionalismo é emoção descontrolada, e deve mesmo ser temido. Qualquer coisa descontrolada é perigosa. O ponto vital aqui é emoção sob controle. "Porque Deus *amou* o mundo de tal maneira que deu..."

A comunicação eficiente sempre deve ter um ingrediente *emocional*— o fator *sentimento,* o *entusiasmo.* Se afirmo que estou comprometido com a verdade eterna revelada na Palavra de Deus, isso deve refletir-se em meu sistema de valores, nas coisas que valorizo, naquilo em que emprego meu tempo e dinheiro, naquilo que me entusiasma.

Então, com que é que *você* se entusiasma de fato?

Tive um vizinho que passava todas as suas horas de folga cuidando de seu barco. Todas as vezes que passava por sua casa, ele me dizia:

"Oi. Howie! Dê um pulinho aqui e venha ver meu barco!"

Certo dia contou-me que já passara trinta e oito camadas de cera nele. O coração daquele homem estava ali. Se tirássemos dele aquele

"brinquedinho", estaríamos privando-o do anestésico que suaviza o padecimento de uma vida vazia.

E você? O que é que o faz vibrar? Será algo relacionado com o ensino?

Sem querer agredir ninguém, vamos ser francos: se todas as pessoas que hoje trabalham com educação cristã tivessem de ganhar a vida vendendo alguma coisa, a maioria morreria de fome. Estamos ensinando a verdade mais fascinante do mundo — a verdade eterna — mas ao paladar do ouvinte é como se estivéssemos lhe dando "comida de hospital".

Às vezes ouvimos professores falando do fato que consideram o mais importante do mundo, como se falassem da questão mais insignificante que existe. Percebemos claramente que não estão sentindo aquilo que dizem; pelo menos não o sentem com a totalidade do seu ser. E somos obrigados a pensar: *se essa mensagem o faz vibrar, quem suportaria ouvi-lo falar daquilo que lhe é indiferente?*

Mas quando alguém de fato crê na mensagem que prega e a sente profundamente, isso se torna logo evidente. Ele usará gestos adequados, por exemplo. Todos os livros sobre oratória falam sobre uma boa gesticulação. Mas não há ninguém nesse mundo, nem mesmo a maior autoridade no assunto, que possa ensinar-nos nada melhor do que os gestos que usamos naturalmente, bem à vontade, *quando realmente sentimos aquilo que estamos dizendo.* E se não o sentirmos, todos os gestos que fizermos só servirão para tornar nosso desempenho mais artificial. Tudo não passará de fachada, e aqueles que nos ouvem o perceberão claramente.

Outra atitude que teremos também, se sentirmos profundamente a mensagem que transmitimos, será sorrir vez por outra. É que sabemos que a vida é curta demais, e é melhor apreciá-la a fundo. Infelizmente, quando alguns de nós chegarmos ao céu, Deus irá dizer-nos:

"Que pena que você não apreciou um pouco mais a vida! Minha intenção não era que ela fosse assim tão melancólica!"

Sempre que vou a algum lugar já sei que vou encontrar algum crente com uma aguda crise de lamúria. O rosto dele é a própria capa do livro de Lamentações.

— Olá, irmão! Como vai? Pergunto.

— Ah, vou indo bem, se levar em conta a situação geral, responde.

Então indago:

— E por que não sai dela?

Mas além de não estarmos vibrando com a verdade divina, também não estamos deixando que ela modifique nossa conduta. Lemos em 2 Coríntios 5.17 que quem está em Cristo é *nova criatura.* Entendemos que isso significa o início de um novo processo de crescimento. Então, o que Jesus modifica em meu lar, por exemplo? Será que me tornei um pai melhor, um marido melhor? Se o cristianismo não operar em minha casa, então em que mais ele vai operar?

E quanto à nossa vida profissional? Certo crente me disse que é comerciante, e que rouba. Então indaguei-lhe como ele concilia isso com os princípios cristãos, e ele respondeu:

— Hendricks, você não entende dessas coisas. Aqui estamos numa selva. E você sabe que, quando se está numa selva, tem-se que virar bicho.

Espere aí, respondo. Quando se está numa selva e se é crente, *não* se tem que virar bicho, não.

— Onde você tirou essa ideia? Perguntou ele.

E até hoje ainda não descobriu.

Nunca é demais repetir que aquilo que *somos* é muito mais importante do que o que dizemos ou fazemos. Parece que Deus sempre opera por meio da encarnação. Ele gosta de apresentar suas verdades personificadas. Ele separa um indivíduo purificado, e o coloca no meio de uma sociedade corrupta, e ele, pelo que sente, faz e sabe, demonstra perante os outros o poder da graça divina.

Pouco depois que me mudei para o Texas, citei um conhecido dito popular: "Podemos levar um cavalo a um bebedouro, mas não podemos obrigá-lo a beber." E logo em seguida um vaqueiro texano, sujeito alto e forte, replicou:

"Rapaz, você está enganado. Podemos dar sal para ele."

Quero perguntar uma coisa ao leitor: aqueles que o ouvem saem dali tão sedentos que não veem a hora de "beber" da Palavra de Deus por si mesmos?

Então, todas as vezes que formos dar uma aula, devemos responder às seguintes perguntas: o *que é que sei e desejo que esses alunos saibam também? o que sinto, e desejo que eles sintam também? O que estou fazendo e quero que eles façam?*

Vejamos um caso prático. Nosso objetivo é ensinar a "Regra Áurea". Isso não quer dizer que desejamos apenas que os alunos façam uma decisão a nível intelectual: "De hoje em diante, vou praticar a "Regra Áurea". Agora que a conheço, automaticamente passe a vivenciá-la"

Mas o que é de fato a "Regra Áurea"? O que significa "fazer aos outros aquilo que queremos que eles nos façam"? Temos que levar a classe a meditar sobre todos os aspectos dela.

- Que impressão ela causa na mente de pessoas de nossa faixa etária? na nossa experiência de vida? Na nossa cultura?
- Como nos *sentimos* em relação a ela? Ela nos incomoda? Ela nos parece muito radical?
- Como reagiríamos numa situação em que teríamos que pô-la em prática? Qual é nossa reação normal? Vamos examiná-la ao nível da emoção para entendermos por que agimos da maneira como agimos, e quais as alternativas que temos.
- Por último, vamos procurar imaginar situações específicas nas quais possamos aplicá-la. Estabeleçamos a meta de colocá-la em prática durante a semana. E, no domingo seguinte, ou na aula seguinte, vamos relatar as experiências que tivemos, ou positivas ou negativas, se fracassamos na aplicação e por quê. E concluiremos que nem sempre é muito fácil, mas vale a pena.

Colocando em Palavras

Agora que tenho uma verdade na mente, sinto-a profundamente e ela domina meus atos, quero passá-la a outros.

Chegamos à etapa seguinte: traduzir em *palavras* esse pensamento-sentimento-ação.

As palavras são símbolos. Para usarmos a linguagem como um veículo de comunicação, agrupamos esses símbolos em uma determinada ordem, obedecendo a uma sintaxe, a regras gramaticais. Mas não podemos ficar muito amarrados a tais coisas. Não são esses símbolos, as palavras, que estamos querendo comunicar. Não é o conteúdo de *palavras* que queremos transmitir, mas a mensagem de uma *vida*. Nossa função não é trabalhar com palavras, mas com vidas. O mundo incrédulo está cansado de nossas palavras, e se encontra faminto por algo real. Se perceberem que possuímos uma realidade espiritual virão procurá-la à nossa porta.

No entanto, as palavras têm o seu lugar. Muitas vezes me perguntam o que é o mais importante; testemunhar com as palavras ou com a vida. E respondo:

— Diga-me uma coisa. Você viaja de avião?

— Viajo, respondem.

— Pois bem; então qual é mais importante, a asa direita ou a esquerda?

Se o testemunho da vida fosse suficiente, todas as pessoas que tiveram contato com Jesus deveriam ter-se convertido. Ele foi o único ser humano que levou uma vida irrepreensível. Mas até ele fez questão de entregar mensagens verbais.

Então a comunicação deve ser verbal (oral ou escrita), e não-verbal (os atos e a linguagem corporal). E temos que mostrar coerência nas duas formas, Aquilo que dizemos precisa estar em harmonia com o que praticamos perante os outros.

Jesus Cristo nunca fez nada que negasse o que ele ensinava. Seus atos e palavras achavam-se sempre em perfeita harmonia.

Um professor pode dizer aos alunos: "Vocês sabem que estou profundamente interessado em vocês. Tenho um sincero amor por todos!' Mas se nunca está bem preparado para dar a aula, se nunca tem tempo para atender a um aluno fora da sala de aula, sua mensagem verbal, que agradou tanto aos ouvidos dele, é anulada pela sua atitude não-verbal.

E a propósito, as pesquisas têm demonstrado que de tudo que comunicamos aos outros somente 7% passam em forma de palavras. Quem

está sempre falando, talvez não goste de saber disso. (Eis um aviso para alguns crentes. Cuidado, você pode estar "pregando" sem estar devidamente autorizado. Fique atento, pois o sindicato dos pregadores pode saber disso e multá-lo.)

Portanto, para se ensinar é preciso buscar um equilíbrio entre o conteúdo e sua comunicação, entre os fatos e a forma, entre o que ensinamos e a maneira como o ensinamos.

O método que empregamos acha-se em harmonia com a natureza de nossa mensagem? Na verdade, não adianta florear muito e não dizer nada. Por outro lado, é muito triste ver as insondáveis riquezas de Jesus Cristo "vestidas de farrapos".

Aprimorando a Comunicação

Vamos repassar o processo. Temos pensamentos, sentimentos e atos que iremos expressar em palavras, no objetivo de comunicá-los por meio da linguagem. Isso é constituído de duas fases: *preparação* e *apresentação.*

1. A *preparação* é o mais importante passo que damos para assegurar o sucesso de nossa comunicação. Consiste em dar forma e feição à nossa mensagem. Essa mensagem precisa de uma estrutura, precisa de um invólucro, e é justamente a capacidade de dar um bom invólucro à nossa mensagem que vai determinar se somos um comunicador habilidoso, ou não.

Primeiramente, temos que preparar a introdução, algo que conquiste a atenção do ouvinte. Pode ser uma pergunta, uma citação de outro autor, um problema a ser solucionado, algo que esteja relacionado com a vida de todos para eles se interessarem. Não podemos simplesmente supor que, já que nos ouvem, automaticamente estão interessados pelo que dizemos.

Suponhamos que eu principie uma mensagem da seguinte maneira: "Para começar, quero narrar-lhes uma ilustração muito importante, aliás, algo muito importante para mim. Outro dia quando eu estava lendo um texto do Velho Testamento, as palavras como que se salientaram, ficaram muito vívidas para mim..." O que foi que eu disse até aí? Nada.

Vejamos uma introdução melhor: "Eliseu morava em Dotã. Certo dia ele se levantou e foi lá fora pegar o jornal, o *Diário de Dotã,* e viu uma

cena terrível." Aqui já fomos direto ao ponto central da história, e os euvintes nos acompanham atentos.

Quando digo que precisamos ter uma boa introdução, estou pressupondo que o professor já domina bem *tudo* que dirá depois, e o *modo* como o dirá. Na minha opinião, quase todas as mensagens que já ouvi poderiam ter sido reduzidas a pouco mais da metade de seu tamanho e a maioria delas até a metade, se o orador tivesse dominado melhor o *modo* de expressar o que pretendera dizer.

Por último, é preciso também saber concluir. Parece que a conclusão da mensagem é a que menos se prepara. Muitas vezes tenho ouvido pregadores chegar ao final do sermão, e ficar como que sobrevoando o campo, sem encontrar uma boa pista de aterrissagem. "E finalmente", dizem eles, "em conclusão... e além do mais... e que Deus abençoe essa mensagem em nosso coração", o que realmente significa: "Não tenho a mínima ideia de como vou terminar esta pregação."

Deveremos introduzir, no corpo da mensagem, muitas ilustrações (e recursos visuais também, que devem ser utilizados sempre que possível). São as janelas pelas quais a luz do conhecimento penetra na mente do ouvinte, de modo que ele possa dizer: "Ah, agora entendi!"

Mas não é bom apresentar ilustrações que ouvimos de outros pregadores. Temos que criá-las nós mesmos, com base na experiência de vida de nossos euvintes ou alunos. Precisamos relacionar nosso ensino à vida deles. Isso significa então que temos de conhecê-los bem, e estar atentos ao que está-se passando no seu coração e mente.

Uma das coisas que mais gosto de fazer no aconselhamento de um leigo é convidá-lo para ir almoçar ou jantar e fazer-lhe uma pergunta simples: "Quais são os problemas que você está enfrentando agora no seu trabalho? Quais são seus conflitos?" E depois não falo nada. Fico só escutando, e anotando o máximo que posso. É com essas pessoas que mais aprendo.

Lembremo-nos sempre de uma coisa: um bom comunicador deve estar sempre atento para *captar* o que outros querem comunicar-lhe.

É por isso que gosto de trabalhar com leigos — executivos, donas-de-casa, carpinteiros, bombeiros, médicos, advogados, atletas profissionais,

etc. Depois que aprendem uma verdade espiritual eles sabem expressá-la em suas próprias palavras, em termos que empregam naturalmente. Assim aplicam o ensino à própria vida. Expressam a mensagem com vocabulário pessoal, com outras palavras, que não as do professor.

Então a avaliação de nossa comunicação não é feita aferindo-se o que nós dizemos, mas o que os alunos dizem; não o que nós pensamos, mas o que eles estão pensando; não o que sentimos, mas o que eles passaram a sentir; não o que nós fazemos, mas o que eles estão fazendo.

2. *Apresentação.* Entre outras coisas, apresentar implica em enunciar, isto é, falar com clareza, para que os ouvintes possam compreender exatamente o que queremos dizer.

Nasci e fui criado numa região dos Estados Unidos onde o povo fala muito mal, com tendência para relaxar em três pontos básicos da pronúncia: os lábios, os dentes e a língua. Anos depois, já adulto, quando estudava no Wheaton College, resolvi estudar música. Num dado momento, a professora começou a dirigir-se a mim, falando de uma forma confusa, e pensei: *ela está com algum problema.* Mas dias depois compreendi que ela estava conversando comigo do mesmo modo como eu falava com ela. Então passei a enunciar as palavras com mais clareza e daí a pouco meus colegas comentavam:

"Howie, agora finalmente estamos conseguindo entender o que você fala."

Outro fator importante na apresentação é o volume da voz. Quem leciona para uma classe numerosa deve sempre imaginar que o aluno da última carteira do fundo tem problemas de audição, e não o ouve bem. É bom falar alto principalmente no início de cada aula. Não estou dizendo, porém, que se deva gritar; embora às vezes, ao ouvir certos oradores, eu tenha desejado que eles aumentassem o volume para demonstrar que de fato acreditavam no que diziam. Mas haverá ocasiões em que devemos baixar a voz, e emitir sons suaves apenas para conseguir um efeito maior.

Outro aspecto. Devemos variar o tom e o andamento. Para comunicar emoção, podemos erguer o tom de voz e apressar o andamento. E podemos baixá-los quando quisermos enfatizar um ponto importante.

Fatores Responsáveis Pela Desatenção

Se dependesse de mim, todo futuro professor teria que fazer um estágio numa classe de jardim de infância. É altamente didático.

A gente entra na sala com a lição bem preparadinha:

I. Os objetivos da oração
II. O poder da oração
III. Os resultados da oração.

E principia a exposição bem animado. Cita alguns termos gregos para impressioná-los: *euchomai, proseuchomai, erotao.* De repente, um passarinho pousa na janela, e o grupo todo se levanta e vai lá ver, abandonando-nos ali, apatetados.

Os adultos também fazem a mesma coisa, é claro. Não chegam a levantar e sair. Permanecem sentados, educadamente, e vez por outra abanam a cabeça — às vezes na hora errada. Mas a verdade é que o pensamento deles está longe, a quilômetros de distância. Geralmente, a causa disso é alguma interferência.

Existem dois tipos de fatores que causam desatenção. Alguns são internos; estão no próprio ouvinte. Fogem ao nosso controle.

É a aluna que teve insônia, e não dormiu quase nada;

... é o aluno cuja esposa está com câncer;

... é o outro que recebeu um aviso na semana passada de que a empresa onde trabalha vai mandá-lo embora. E ele tem dois filhos cursando a universidade;

... é o casal que teve uma briga feia quando se dirigia para a igreja, e ao chegar ali colocou cada um a sua "máscara" de espiritualidade (e agora estão "afiando" as garras para o segundo "assalto").

Tudo isso provoca interferências na comunicação. Não podemos fazer nada para solucionar o problema, a não ser reconhecer a existência dele.

Mas existem outros fatores que podemos neutralizar, como a temperatura do ambiente (que os outros só notam se estiver fazendo muito calor ou muito frio); ou o arranjo da sala. As vezes é bom chegar um pouco mais cedo e mudar a disposição das cadeiras. Alguns alunos talvez se

perturbem um pouco. ("A frente é para o outro lado!" dirão. "Esse professor deve estar ficando modernista!") Mas outros sentirão que vai acontecer uma coisa diferente nesse dia, e isso pode até ser bastante interessante.

Outro fator importante é preparar as figuras e recursos visuais antes da hora. A coisa mais engraçada que existe é ver uma professora de crianças contar a história da lição, sem ter antes preparado as gravuras, sem as ter colocado na ordem certa.

"Hoje, vamos ouvir a história de Abraão", diz ela. Mas cadê o Abraão? E lá começa ela a remexer tudo a procura dele. Ou então ela está narrando a história de Josué e o quadro está torto. Quando está chegando ao ponto culminante da narrativa, cai tudo no chão. As crianças desatam a rir, e a professora pensa: *Que crianças irreverentes!* Não; elas não são irreverentes. São criadas à imagem de Deus. Possuem senso de humor, como Deus. E gostam muito de rir.

Ainda outra coisa que pode acontecer também, quando se está pregando a um grupo maior, é um ntrodutor dirigir-se para o púlpito com um recado para alguém que ali está, e vir caminhando silenciosamente pelo corredor lateral. *Todo mundo* olha para ele. Sabe o que vou fazer na próxima vez que isso me acontecer? Vou interromper a mensagem e dizer:

"Irmãos, olhem aquele homem caminhando ali. Fixem os olhos nele. Agora ele está chegando ao púlpito. Continuem olhando atentamente. Agora ele está entregando um bilhete para o irmão Gumba, e o irmão Gumba está-lhe cochichando alguma coisa. Agora o homem está-se afastando do púlpito, e vai embora."

Em seguida, retomarei a mensagem do ponto em que havia parado.

Precisamos eliminar ao máximo esses fatores que provocam desconcentração.

A "Resposta" da Classe

Essa é uma das etapas finais da comunicação. Se não atentarmos para ela, todo o trabalho ficará perdido. Vamos buscar a resposta, isto é, procurar saber o que os alunos aprenderam, como estão-se sentindo, o que estão fazendo.

Precisamos fazer com que eles nos digam o que estão aprendendo. Para isso vamos dirigir-lhes algumas perguntas. A pergunta número um. que pode ser feita de diversas maneiras, é: estão entendendo? Se a resposta for: não; não estou entendendo nada, temos que voltar e começar tudo do princípio.

(Não seria maravilhoso se sempre que alguém não estivesse entendendo determinado ponto do sermão, ele se levantasse e dissesse: "Espere aí. Não estou captando nada do que está falando"? Tenho certeza de que ninguém dormiria.)

Outra forma de obter essa retro-informação é pedir-lhes que expliquem, com suas próprias palavras, como podem aplicar a lição aprendida em sua esfera de vida.

Ou ainda podemos dizer: "Alguém tem alguma pergunta?" E a partir das perguntas deles, percebemos onde foi que a exposição teve lacunas, se eles não compreenderam o que desejávamos que soubessem, sentissem e fizessem. Podemos identificar assim as falhas de nossa comunicação.

Geralmente, ao final de cada semestre no seminário, reúno alguns alunos para ouvir o que têm a dizer. Pergunto-lhes: "O que está precisando ser modificado nessa disciplina? O que vocês gostaram? O que não gostaram? O que ficou bem claro? Não me digam o que acham que quero ouvir; digam o que *preciso* mesmo saber." E eles dizem.

Certa vez fui pregar no culto de domingo à noite em uma determinada igreja. O salão estava lotado. Antes de subirmos ao púlpito, o pastor me disse:

"Dr. Hendricks. esqueci de dizer-lhe uma coisa. Assim que entrarmos, o senhor verá à esquerda, no salão, uma mesa com algumas pessoas sentadas a ela. Hoje estão lá um encanador, um médico, uma dona-de-casa, um estudante do segundo grau, e um missionário que está aqui de férias. Depois que o senhor terminar, eles vão-lhe fazer algumas perguntas. O senhor não se importa, não é?"

E só agora você me diz isso! pensei.

Naquela noite, ouvi as perguntas mais inteligentes e profundas de minha vida. Eles fizeram perguntas que refletiam os anseios mais

profundos de toda a congregação, e assim apontaram as lacunas de minha pregação. Aquele grupo tinha por objetivo orientar o pregador de modo que falasse algo que viesse ao encontro das necessidades dos ouvintes.

Se estivermos dispostos a dar atenção a esse tipo de repercussão, certamente iremos melhorar nosso desempenho como professor.

Abrir espaço para a "resposta" da classe nos leva de volta ao ponto de partida — o tripé mente-sentimento-ação sendo colocado em palavras. Só que agora são os alunos expressando *sua* mente-sentimento-ação, em *suas* próprias palavras, e não nós professores.

Eles não são mais meros "papagaios", a repetir exatamente o que lhes transmitimos, não. Agora, eles *compreendem* a verdade apresentada assim como nós a havíamos compreendido antes. Eles *sentem profundamente as implicações dessa verdade,* como nós também havíamos sentido. E da mesma forma que nós, eles se dispõem a deixar que ela modifique sua conduta de forma significativa.

Para Pensar

(Algumas perguntas para cada um avaliar seu desempenho ou usar como tema de debate com outros professores.)

1. Em sua opinião, que tipos de "pontes" de ligação o professor pode criar entre ele e os alunos, individualmente, e entre ele e a classe toda?

2. Que avaliação você faria de seu modo de falar, quando está ensinando? Sua voz é bem clara e audível? Costuma emitir sentenças completas e expressar ideias lógicas, fáceis de acompanhar? Possui algum maneirismo que comprometa sua comunicação?

3. Quais são as melhores formas de se comunicar a uma classe, ou a qualquer outro grupo de ouvintes, uma ideia, visão ou alvo pelo qual você se sente entusiasmado?

“Como um professor pode deixar
de manifestar uma atitude ardorosa
e inspirativa se o assunto de que
trata é tão impregnado de realidade?”
– John Milton Gregory

5

A Lei do Coração

O ensino que realmente causa impacto em quem o recebe não é o que passa de uma mente para outra, mas de um coração para outro.

Essa é a lei do coração, que só pode ser verdadeira se compreendermos o sentido bíblico da palavra *coração.*

Esse termo é um daqueles que tomam sentidos diversos, e um deles acentuadamente sentimental. Hoje nós o empregamos incorretamente, mas os escritores do Velho Testamento o usavam com o sentido certo.

Um texto que revela o significado escriturístico do vocábulo é Deuteronômio 6.4-6: "Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu *coração,* de toda a tua alma, e de toda a tua força. Estas palavras que hoje te ordeno, estarão no teu *coração."*

Para os hebreus, essa palavra englobava a totalidade do ser: intelecto, emoção e vontade.

O processo de ensinar nada mais é que a transformação total de uma personalidade, operada pela graça de Deus, e que depois, pela mesma graça, alcança outros para transformá-los também. Que glorioso privilégio!

Transferir conhecimento de intelecto para intelecto é a coisa mais simples do mundo. Mas fazer esse trajeto pela via do coração é bem mais difícil, mas também muito mais compensador. Aliás, opera transformação de vida.

Caráter, Afetividade, Conteúdo

Sócrates resume a essência da comunicação em três conceitos fascinantes que ele denominou *ethos pathos* e *logos.* O primeiro, *ethos,* diz respeito ao caráter. *Pathos* compreende a parte da afetividade, e *logos,* o do conteúdo.

Ethos, segundo explicava Sócrates, diz respeito à credibilidade do professor, sua credencial. Ele afirmava que o nosso jeito de ser é mais importante dc que o que dizemos ou fazemos já que *determina* o que dizemos ou fazemos. Aquilo que somos como pessoa é o fator que mais pesa em nossa atuação como orador comunicador e conselheiro. Temos que ter atrativos para aqueles a quem lecionamos. É preciso que confiem em nós, e quanto mais confiarem, melhor conseguiremos comunicar-lhes o que desejamos dizer-lhes.

O outro aspecto, *pathos,* diz respeito ao modo como o professor desperta as emoções e sentimentos de seus alunos. O filósofo sabia que são as emoções que afinal determinam o rumo de nossos atos. E isso é a chave para a motivação, já que Deus nos criou com emoções, sentimentos.

Sócrates estava convencido também de que os professores e oradores precisam do conteúdo programático, e denominou-o logos. Curiosamente este e o mesmo termo grego que aparece em João 1 para designar Jesus: "No princípio era o *logos,* o Verbo. E o *logos* se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, como do unigênito do Pai!" Desejando comunicar-se conosco. Deus personificou sua mensagem. É exatamente isso que temos de fazer.

Então o conceito do *logos* diz respeito à apresentação de nossa argumentação. Ele envolve a mente no processo e assim opera a compreensão do fato. Constitui a base lógica das ações que desejamos ver os alunos praticarem, para que descubram por si que essas ações são corretas e sensatas.

É claro que qualquer professor pode lecionar sem atentar para o caráter, afetividade e conteúdo. Mas acompanhe meu raciocínio e veja o que acontece com o aluno.

O *caráter* do professor gera *confiança* no coração do aluno. Quando este percebe a qualidade de vida do professor, reconhece que ele tem algo a oferecer-lhe; sente que pode confiar nele. Percebe que o mestre não mentiria para ele.

Essa credibilidade é o maior atributo que o professor possui para sua comunicação. Tenhamos o máximo cuidado para não perdê-la, pois uma vez perdida é dificílimo reconquistá-la.

Precisamos convencer-nos de que a base de uma comunicação eficiente é aquilo que somos, vem de dentro de nós. Vez por outra devemos dirigir a nós mesmos a pergunta: "Que tipo de pessoa sou eu?"

Em segundo lugar, é nossa afetividade que vai gerar no aluno a motivação para aprender. Quando o aluno sente que o professor o ama, dispõe-se a fazer tudo que ele quiser que faça.

Por que os discípulos de Jesus o seguiam? É muito simples: ele os amava. Os evangelhos afirmam isso: "Ao desembarcar, viu Jesus uma grande multidão e compadeceu-se dela..!' Todas as pessoas, homens, mulheres, jovens e crianças, sentem-se atraídas para uma pessoa que as ama.

Que tipo de reação você tem para com os outros? Eles o incomodam? Inspiram-no a agir? Gosta deles ou sente-se ameaçado por eles?

Terceiro, é o *conteúdo* que gera no aluno a *percepção.* O mestre tem primeiro a percepção de um fato, que depois o aluno também vê, compreende, descobre, e apossa-se dele. Afinal ele passa a integrar sua rede de conhecimentos.

Os maiores comunicadores, os melhores mestres, não são necessariamente os que se acham à frente de tudo, que possuem grande inteligência. São aqueles que possuem um grande coração. Ao comunicar, fazem-no com *todo* o seu ser, e atingem *todo* o ser daqueles que o ouvem.

O Processo Ensino-Aprendizagem

Pensemos por uns instantes nessa dinâmica de ensinar-aprender.

Ensinar é *levar alguém a aprender.* Essa é a mais simples definição que conheço. Existe uma relação básica entre ensinar e aprender. É o processo *ensino-aprendizagem;* algo conjugado, ligado por hífen. Os dois termos são inseparáveis. Se o aluno não aprende, isso significa que nós não ensinamos.

Observemos agora o seguinte. Ensinar é algo que diz respeito ao professor. E aprender, ao aluno. Existe uma clara distinção entre os dois conceitos em nossa língua. Nunca dizemos: "Eu lhe aprendi", pois é impossível. É o aluno quem aprende: ao professor cabe ensinar.

O ponto central do ensino localiza-se primeiramente naquilo que o professor faz, e o da aprendizagem no que o aluno faz. Mas a eficiência de nosso ensino não se avalia com base naquilo que o professor faz, mas no que o aluno faz, em decorrência de nossa prática didática.

Portanto, a mais simples definição de aprendizagem que conheço é: aprender é *modificar-se.*

Basicamente, aprender opera mudanças em nossa forma de pensar, sentir e agir. A aprendizagem significa que houve mudança na mente, nas emoções e na vontade.

Sempre que alguém aprende alguma coisa, ele sofre algum tipo de modificação. Paulo fala disso em Romanos 8.29: "Porquanto, aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho." Vamos sublinhar na Bíblia esse termo "conformes".

Todos sabemos o que significa "conformar-se", nesse contexto. É o que acontece quando se prepara gelatina. Pega-se uma caixinha com o pó apropriado, coloca-se água fervente, derrama-se o líquido numa forma e em seguida leva-se à geladeira. Horas depois a retiramos e a viramos num prato. É isso que Paulo está afirmando: "Nós estamos predestinados a ser derramados na forma de Jesus Cristo." Isso exige uma mudança drástica em nosso ser.

Um pouco mais adiante, em Romanos 12.2. Paulo emprega outra vez o mesmo termo: "E não vos conformeis com este século." Ou como diz a versão de J. B. Phillips: "Que o mundo que nos rodeia não vos comprima nos seus próprios moldes." Agora vamos juntar os dois versículos, e teremos o objetivo divino para nós: estamos predestinados a ser derramados na forma de Jesus Cristo, portanto, não deixemos que o mundo que nos rodeia nos comprima nos seus próprios moldes, pois os dois processos acham-se em posições diametralmente opostas.

E como faremos para impedir que o mundo nos comprima nos seus próprios moldes? Paulo responde: "Mas transformai-vos pela renovação da vossa mente." É um processo de *transformação,* uma metamorfose. E não se trata de uma transformação exterior, mas interior: "pela renovação da vossa mente". Só então estaremos preparados para provar ou experimentar a vontade de Deus — a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

Transformação. Uma transformação radical. É assim que somos conformados à imagem do Filho de Deus.

Então falamos à nossa classe sobre ser discípulo de Jesus, com base em Lucas 14 e outros textos semelhantes. E ao final indagamos:

— Pois bem, querem transformar a vida?

— Claro, respondem.

— Então aborreçam-na!

— *Aborrecer a vida!* exclama alguém. Mas você não sabe que só se vive uma vez? Eu quero mais é aproveitar bem minha vida.

É interessante notar como pessoas que se dizem crentes absorveram toda a filosofia do mundo. Esse contato constante com a mentalidade mundana acaba por nos comprimir dentro dos moldes dela. Mas, se nos afastarmos dela, e nos expusermos mais à verdade divina, deixando que ela penetre nossa mente, emoção e conduta, abrimos as portas de nossa vida para mudanças profundas.

Contudo, raramente vemos o conhecimento ser associado à responsabilidade. Estamos enchendo nossos ouvintes de conhecimentos, mas nos esquecemos de dizer-lhes que quando Deus se revela a nós passamos a ter maior responsabilidade; a peteca agora está conosco.

O simples fato de ler este livro aumenta a responsabilidade do leitor, creia-me. Deus lhe pedirá contas daquilo que aprender com esta mensagem.

Onde Começa a Aprendizagem

Toda aprendizagem começa ao nível da emoção. As pessoas absorvem aquilo que se sentem interessadas em absorver, e rejeitam o que querem rejeitar.

Se têm uma atitude positiva em relação a determinada coisa que ouvem, tendem a acatá-la; mas se têm para com ela uma atitude negativa, a tendência é fugir dela.

Se temos sentimentos negativos para com alguém, rejeitamos tudo que ele diz, pois rejeitamos a pessoa dele.

Mas quando gostamos de alguém e sabemos que ele tem interesse por nós, estamos dispostos a atender seus pedidos por mais incomuns que sejam. E podemos também vir a amar o Deus que ele prega, já que ele fez dele um ser que admiramos.

Ninguém tem o mínimo interesse pelo que nós temos a comunicar, a não ser que percebam que temos interesse nele pessoalmente.

Como se mostram seus alunos? São receptivos ou têm uma atitude fria para com você?

É possível que quando nossos alunos nos ouvem estejam pensando:*,já ouvi essa conversa antes. E tem mais: tenho quase certeza de que você é tão superficial quanto quem me falou sobre esse assunto da primeira vez*. Se isso estiver acontecendo, vamor ter que "suar muito" para modificar a situação.

Um recurso que pode ajudar-nos a mudar esse quadro é imaginar que, sempre que entramos na sala de aula, todos os alunos estão com uma arma apontada para nós. Nosso objetivo então é agir de forma a convencê-los a baixá-la. É preciso, então, estabelecer cdm eles um relacionamento genuíno, uma comunicação de alma para alma, para que possam "entrar" plenamente no assunto que estamos lecionando.

Isso só se consegue com o *coração.*

Imagine o que se passaria no coração de um adolescente, se, no momento em que saía da sala, seu professor de escola dominical o puxasse para si e o abraçasse dizendo:

"Meu filho, quero lhe dizer que estou do seu lado; estou orando por você. Se algum dia precisar de qualquer tipo de ajuda pode me procurar, está bem? Estou com você pro que der e vier."

Esse garoto nunca mais se esqueceria daquele professor. Sabe por que afirmo isso? Porque aconteceu comigo quando era garoto.

Quando visito minha igreja de origem em Filadélfia, muitos dos crentes de lá me abraçam e dizem:

"O Howard, a gente tem tanto orgulho de você!"

Mas o que eu tinha vontade de dizer para alguns deles era:

"Sabe de uma coisa, você não fez nada por mim!"

Muita gente ali só me via como o moleque levado da Rua 7. Mas como dou graças a Deus pelos poucos que me *olhavam* com outros olhos. Agradeço a Deus diariamente por aqueles que tiveram um pouco de amor cristão e me disseram:

"Tudo bem, Howie! Estamos com você! Nós o amamos e estamos orando por você!"

Suponhamos então que alguém tem uma classe de meninos adolescentes, e há ali um garoto que detesta a escola dominical, e está vindo à igreja forçado. Não se pode simplesmente ignorar o fato. O que vamos fazer então é conversar com ele. Podemos chamá-lo para tomar um refrigerante depois do culto, ou em outro momento mais propício, e aproveitar para uma conversa amistosa.

— Você acha realmente muito chato vir à escola dominical, não é?

— É.

— Aliás, se dependesse de você, nunca viria, não é verdade?

— Isso mesmo.

— Pois eu quero lhe dizer que tenho muita alegria em ver você na classe, muita alegria em conhecê-lo. Acho muito bom você estar em nossa classe. Mas entendo o que sente. Também já fui adolescente, embora você talvez nem acredite nisso; mas já fui sim. E sei bem o que você está passando. Mas tudo bem. Gosto de você assim mesmo.

Depois vamos ver como a atitude dele muda. Ainda virá à igreja obrigado, mas o professor não é mais um inimigo. Está do lado dele.

Ou o problema pode ser outro. Alguém leciona uma classe de crianças pequenas. Certo domingo. Joaninha chega à igreja de sapato novo. A professora não faz nenhuma menção do fato. Sabe quando vai ter de fazer? Bem no meio da lição. Ela está quase chegando ao ponto máximo da história; as crianças se acham todas atentas, os olhos fixos nela e de repente Joaninha pula da cadeira e diz:

— Tia, eu vim de *sapato novo*!

(Claro que se a professora gostasse tanto de sapatos novos quanto a menina gosta, falaria alguma coisa a respeito deles também.)

É por isso que assim que a menina entrar na sala a professora deverá dizer:

"Oi Joaninha! Mas você hoje está de sapato novo, hein!"

E lá no meio da história, dá um jeito de falar sobre alguém que ganhou sapatos novos: "... igual a Joaninha!" Assim ela prestará atenção à professora o tempo todo.

Não Esquecer os Fatos

Não estou querendo dizer que o conteúdo não tem importância; claro que tem. Vez por outra alguma pessoa me diz:

"Ah, Hendricks, *aquilo* em que a gente crê não tem muita importância. O importante mesmo é o modo *como* se crê."

Isso é um disparate. É muitíssimo importante, sim, aquilo em que se crê, pois o conteúdo de nossa fé é que determina o modo como vamos agir. É verdade que uma pessoa pode ter uma crença correta e agir erradamente. Mas por outro lado só quem tem uma crença correta pode agir corretamente.

O fato é que Deus fala; ele não gagueja. A Bíblia é uma revelação, não uma charada.

Vez por outra alguém diz:

"Sabe de uma coisa? não entendo bem esse livro. Acho que Deus está brincando comigo."

Essas pessoas têm medo de perderem o jogo da rida espiritual e quando chegarem ao céu verem Deus exultar com a derrota delas:

"Ah! você não entendeu nada mesmo!"

O Senhor está mais interessado em que nós compreendamos sua Palavra do que nós mesmos. Mas para isso precisamos estudá-la. É estudando-a que obteremos mudanças miraculosas em nossa vida, e não esfregando-a. Ela não é uma "lâmpada de Aladin".

Você já se deu conta de que quando Deus colocou sua mensagem nesse Livro o fez com a deliberada menção de falar ao seu coração hoje, nestes dias, neste final de século XX? Ele quer comunicar-se conosco, e para isso gravou sua mensagem em um Livro que contém tudo de que necessitamos agora e na eternidade. Ele a deu para nós. É a mensagem que ele nos envia.

Lembremo-nos de que o cristianismo não se baseia apenas na experiência do homem (embora resulte numa experiência), mas em fatos ocorridos no tempo e no espaço.

Paulo nos relembra isso em 1 Coríntios 15. O que é a essência do evangelho? O apóstolo aponta quatro fatos reais.

Cristo morreu.

Foi sepultado.

Ressuscitou.

E depois apareceu a alguns discípulos.

Como é que sabemos que Cristo morreu? Porque ele foi sepultado. Como sabemos que ressuscitou? Ele apareceu a algumas pessoas.

Do ponto de vista bíblico, portanto, o conteúdo e de suma importância. Precisamos conhecer a mensagem que Deus revela ao homem. Não podemos nunca nos esquecer dos fatos da Palavra de Deus. Mas isso não é o bastante. Há outros aspectos. Há o plano das emoções, e o da vontade — ação e conduta.

Só ocorre o aprendizado, e, portanto, só ocorre c ensino depois que houver mudanças na mente, na emoção e na vontade do indivíduo.

Causemos Impacto

É possível que o leitor esteja aí pensando: *grande coisa! E Daí, Hendricks? Tudo que você está ensinando é ótimo. Mas como aplico isso em minha prática didática na sala de aula?*

Vou citar três coisas que quem quiser causa: impacto pode pôr em prática logo. E todos os que lêem este livro têm capacidade de fazê-lo.

1. Já mencionei isso antes, mas vale a pena repetir *conhecer bem os alunos.* Quanto melhor conhecermos as dificuldades deles, mais aptos estaremos para saná-las.

Naturalmente, essa tarefa vai exigir grande dedicação pessoal, e muito tempo. É aí que inúmeros professores desistem. Mas não existe uma fórmula mágica. Para se ensinar bem é preciso pagar o preço: temos que estar dispostos a dedicar a vida a isso.

Esse processo implica em nos envolver mais com os alunos, tanto na sala como fora dela, formal e informalmente. Implica em chegar cedo à sala de aula, e ficar um pouco mais após o horário para conversar com eles. Implica em convidá-los para nos visitarem em casa.

Existem alguns professores que parecem estar preparados até demais, pedagogicamente. Um típico professor de faculdade entra na sala de aula preparado até a raiz do cabelo. Gosta da disciplina que leciona, e sabe discorrer sobre ela em qualquer situação. Mas assim que a aula se encerra, desaparece e não se vê nem a sombra dele, a não ser na próxima aula. Se alguém quiser conversar com ele terá que dar-lhe uma rasteira.

Minha esposa está sempre viajando para fazer conferências em sociedades femininas. Sempre que possível, procuramos harmonizar nosso trabalho para viajarmos juntos. Mas vez por outra ela vai sozinha e eu fico. Nessas ocasiões, costumo ligar para o dormitório masculino do seminário, e pergunto se posso passar o fim de semana com eles.

— O senhor está brincando? indagam.

— Não; e quero que prometam que não vão me amarrar na cama enquanto durmo.

(Eles me aprontam cada uma!)

Então passo o fim de semana com eles, e me divirto imensamente, conversando horas e horas a fio com dez ou quinze deles, dentro de um dos quartos. É uma barulheira, mas muito interessante.

Parece que alguns professores vivem num mundo irreal, totalmente alheios aos alunos. Pois eu os desafio a mergulhar na vida deles.

Com um relacionamento distante podemos impressionar algumas pessoas; mas se quisermos causar impacto, temos que nos aproximar mais. E quanto mais próximos estivermos deles, maior e mais permanente será o impacto que causaremos.

Já deixou que alguém o veja quando está com a guarda abaixada?

Certa vez convidei alguns alunos para virem à minha casa assistir a um jogo de futebol americano que estava sendo televisionado. Em determinado momento, houve uma jogada muito emocionante e fiz um gesto qualquer e agitei os braços e meu relógio voou longe, e se quebrou todo.

"Ah, ele também é humano!" comentou um dos alunos.

É, infelizmente sou mesmo.

Geralmente só deixamos que os outros nos vejam *depois* que damos uma "arrumação" em nossa personalidade. Contudo eles precisam ver-nos quando nos sentimos desanimados, quando perdemos a calma. Aí não há como negar que somos humanos; eles verão que somos constituídos do mesmo material que eles.

2. *Conquistemos o direito de ser ouvidos.* Ninguém pode simplesmente sair à rua, parar o primeiro sujeito que encontrar e dizer-lhe que sabe direitinho qual é o problema dele. Provavelmente, essa pessoa irá dar-lhe uma resposta mal-educada, e com toda razão. Mesmo que saibamos *qual* é o problema daquele indivíduo, não conseguiremos absolutamente conversar com ele.

Para podermos nos comunicar precisamos ter credibilidade.

Estou convencido de que é por isso que muitos dos crentes mais simples de nossas igrejas estão sendo bênçãos para muitos: eles conquistaram esse direito. E esses crentes não estão ocupando os púlpitos das principais igrejas do país, não. No entanto, são eles que estão transformando vidas. Mas nossa sociedade tão voltada para a "adoração" de celebridades, ainda não descobriu isso.

Então, conquistemos ouvintes para nós.

3. *Disponhamo-nos a nos mostrar vulneráveis perante nossos alunos.* Falemos-lhes das dificuldades que enfrentamos e daquelas que vimos tentando vencer faz anos.

Quem tem uma classe de crianças pode falar-lhes dos problemas que enfrentou quando era da idade delas. Elas irão captar bem a mensagem e vão gostar muito. Se a classe é de adolescentes, revelemos-lhes que também tivemos problemas quando adolescentes. (Se alguém acha que não os teve, pergunte a quem o conheceu nessa época; eles lhe dirão muita coisa.)

Uma das informações que dou a meus alunos e que provoca neles uma boa reação é o fato de que tive problemas de depressão. Eles se identificam facilmente com esse aspecto de minha vida, mas não com os sucessos que obtive.

Lembremos que as pessoas nos veem apenas como nós somos no presente, e não como éramos antes, e portanto não sabem das lutas por que passamos; não sabem do processo de crescimento que vivenciamos. Mas, pela graça de Deus, nós sabemos que já nos modificamos bastante. Precisamos então descobrir formas de passar aos outros as lições que Deus nos ensinou por meio dessas experiências de crescimento, por meio de dolorosas falhas, pelas quais ele nos transformou no que somos hoje.

Para Pensar

(Algumas perguntas para cada um responder.)

1. Explique, em suas próprias palavras, o que seria ensinar "de coração para coração".

2. Quais os alunos de que você mais gosta, e por quê? Quais os alunos que, na sua opinião, mais *precisam* de suas palavras de apreço?

3. As atitudes, emoções e disposição de ânimo de seus alunos afetam sua maneira de ensinar? De que forma? Deixam-no deprimido? Soerguem-no? Irritam-no?

4. O que seus alunos mais apreciam em sua aula? Por quê?

"A mente humana, até onde a conhecemos, é uma força que funciona ativada por motivações. Um relógio pode bater as horas junto a um ouvido; um objeto pode lançar sua imagem dentro de um campo visual. Mas a mente desatenta não ouvirá nem verá nada."

— John Milton Gregory

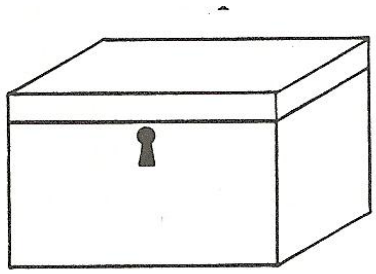
6

A Lei da Motivação

Dentro da caixa desenhada ao pé desta página estão os segredos da motivação. Acredita? Bom, infelizmente, a caixa está trancada e a chave está comigo. Então vamos ver o que há dentro dela.

A primeira coisa que retiro dela é um saco de papel cheio de pedrinhas de formato interessante. Quem as apanhou foi um garoto de sete anos. Ele passou quase a manhã toda de um sábado — cerca de três horas — catando essas pedras. Por que será que fez isso? Ninguém mandou que o fizesse; não era tarefa da escola. Mas por alguma razão ele resolveu catá-las. Por quê?

A segunda coisa é um livro de puericultura, muito manuseado, bem manchado pelo uso, e com algumas páginas soltas. Eu e minha esposa o consultamos vezes sem conta quando nossos filhos eram pequenos. A obra não era leitura obrigatória para nenhum curso que ela pudesse estar fazendo, e, no entanto estava sempre consultando-o. Por que será?



Em seguida, tiro um maço de cartões com versículos bíblicos para memorizar. Você já iniciou esse tipo de projeto de memorização da Bíblia? Por que o fez? Interrompeu-o? Por quê?

O objeto que tiro a seguir é um certo manual de instruções para preenchimento do formulário do imposto de renda, que me enviou a secretaria da receita. Você já leu atentamente um desses manuais? É muito interessante, uma leitura fascinante, não? Mas acontece que alguém me disse: "Hendricks, se você ler o manual atentamente, conseguirá cortar de

seu imposto uns seiscentos dólares." Acha que eu o li? Claro que li; e consegui cortar mais de seiscentos dólares.

Agora vem a camisa da farda de meu filho Bill, de quando ele participava da Brigada de Serviço Cristão, uma organização semelhante à dos escoteiros, só que com orientação cristã. Num dos bolsos há quatro condecorações, e ninguém pode calcular o quanto ele se esforçou para conquistá-las. Cada um daqueles pedacinhos de pano não custa mais que uns trinta e cinco centavos. Mas sabe o quanto eles significam para Bill? Não dá nem para colocar preço neles.

Acho que já li tudo que se escreveu e publicou sobre motivação. Mas todos os bons métodos que conheci estão representados pelos objetos dessa caixa, que sugerem conceitos relacionados com curiosidade, senso de propriedade, de utilidade, de atender, a necessidades, desafios, reconhecimento social e aceitação por parte de outros.

O QM

O maior problema que ocorre hoje em educação é a falta de motivação para os alunos, de algo que os desperte e os estimule à ação.

Quanto mais tempo leciono, mais me convenço de que o QM de um aluno — seu Quociente de Motivação — é bem mais importante que seu QI.

Já vi alunos que, ao se formarem, não se achavam aptos para nada; eram totalmente inúteis. E o problema não é que fossem incapazes. Se tinham podido matricular-se na faculdade, deviam ter alguma capacidade. O problema deles era falta de aplicação. Não encontraram nada que os atraísse, nada em que quisessem aplicar suas energias e habilidades. Não se sentiram motivados a se dedicar a coisa alguma.

A lei da motivação é a seguinte: o ensino será mais eficiente quando o aluno se encontrar adequadamente motivado.

Vamos sublinhar aí a palavra adequadamente, *pois indica que pode haver, sim, uma motivação inadequada, ilegítima, capaz de trazer consequências desastrosas.*

Um exemplo de motivação inadequada é a que chamo de "motivação do picolé".

"Menino, se você se comportar bem na igreja hoje, ganha um picolé."

"Se vocês decorarem duzentos versículos, ganham uma estadia no acampamento."

À primeira vista, isso pode parecer muito bom, e de fato leva os alunos a fazerem o que desejamos. Mas é possível que as tarefas executadas não deem os resultados objetivados.

Quando eu era pastor de jovens de uma igreja em Illinois, havia ali um garoto do grupo de adolescentes que conseguiu decorar seiscentos versículos com perfeição. Chegamos até a levá-lo ao nosso programa de rádio, e submetê-lo a um teste ao vivo.

Tempos depois, descobriu-se que alguém estava tirando dinheiro das ofertas do grupo de adolescentes. Indicamos uma comissão para apurar o caso, e — você já adivinhou: o culpado era o garoto que havia decorado os seiscentos versículos.

Conversei com ele em meu gabinete, e citei para ele um verso bíblico (que por sinal ele disse que eu falara errado). Depois perguntei:

— Você está vendo a ligação entre esse verso e o fato de você roubar dinheiro da oferta?

— Não, replicou ele a princípio.

Mas depois disse:

— Bem, talvez haja mesmo.

— E qual é a ligação entre as duas coisas?

— Fui apanhado, explicou.

Portanto, fazer uma coisa certa, necessariamente não garante que os resultados serão bons. Tudo é determinado pelas razões que produzem a motivação.

Outra motivação incorreta é o sentimento de culpa, que aliás é outra razão por que muitas pessoas memorizam versos da Bíblia. *Se não decorar a Bíblia não posso ser um crente espiritual,* pensam. E essa é uma das principais motivações de que os comunicadores crentes lançam mão. Ficam constantemente jogando sentimentos de culpa nos seus ouvintes. Estes, por sua vez, fazem tudo que lhes pedimos e "começam a salivar assim que ouvem a campainha". Tudo com motivação errônea.

Outra motivação inadequada é o uso da mentira, intencional ou não. Se eu disser aos meus leitores que descobri a fórmula do sucesso, e procurasse convencê-los de que se a pusessem em prática imediatamente sua vida seria revolucionada, é bem provável que o fizessem logo, mas só uma vez. E era bom que desse certo da primeira vez, pois, se não desse, nunca mais aceitariam nada que eu dissesse.

Então, meu amigo, vamos parar de ficar prometendo aquilo que o cristianismo não promete, que a Bíblia não promete. Não podemos dizer: "Se você receber a Cristo, todos os seus problemas serão solucionados." É assim que as pessoas se decepcionam com o evangelho. É verdade que Cristo de fato atende a todas as necessidades daqueles que se achegam a ele, mas não da maneira como dizemos, nem na hora que nós queremos, do modo como o expressamos.

Tenho levado pessoas a Cristo, e depois elas descobrem que têm problemas dos quais nem tinham conhecimento. Foi o caso de um senhor, por exemplo, que não sabia que precisava melhorar seu relacionamento conjugal. Após receber a Jesus Cristo, começou a estudar a Bíblia, e Deus lhe disse: "Quero que você ame sua esposa, como Cristo amou a igreja." Então compreendeu que a experiência cristã é algo que afeta todo o seu ser.

Portanto, precisamos ser muito cautelosos com o que dizemos aos alunos com o intuito de motivá-los.

Ter Consciência das Próprias Deficiências

A motivação se dá em dois níveis. O primeiro é o externo, é a motivação extrínseca. O outro é mais importante, a motivação interior, a intrínseca.

Nosso objetivo de aplicar a motivação extrínseca é ativar a intrínseca. Seria bom se pudéssemos penetrar no interior do aluno para

descobrir o que é que desperta o interesse dele, e em seguida utilizá-lo. Mas não podemos. Então temos que atuar exteriormente objetivando atingir seu interior.

Existe um versículo das Escrituras, que acredito muitos sabem de cor, e que revela como Deus consegue acionar essa motivação intrínseca. Ele principia assim: "Rogo-vos, pois, pelas misericórdias de Deus..." Que misericórdias? As que ele acabou de analisar nos onze capítulos anteriores. Assim o apóstolo diz que, com base no que Deus fez por nós, "apresenteis os vossos corpos por sacrifício vivo..."

Estou fortemente convencido de que uma das razões por que não conseguimos melhores resultados no trabalho de discipulado é que de início falamos aos novos convertidos das *coisas que têm de fazer para Deus.* Mas Deus mesmo só pede que façamos alguma coisa para ele depois que nos informa de tudo que já fez por nós. E afinal, quando compreendemos plenamente tudo que ele já realizou em nosso favor, nossa reação mais lógica, mais sensata, inteligente e natural é consagrar-lhe tudo que temos: nosso intelecto, emoções e vontade, submetendo-os ao senhorio dele. Nessa condição nos achamos realmente motivados, prontos para iniciar o processo de crescimento espiritual.

Muitos pais e professores pensam que sua meta primordial é formar bem a criança, tornando-a bem educada. Mas na verdade sua missão é formar um bom *homem* ou *mulher*, isto é, fazer do seu filho ou aluno, um adulto automotivado, interiormente capacitado para a vida. Encontramos muitas pessoas de mais de quarenta anos que ainda não passam de crianças bem educadas.

Como professores, como motivadores, precisamos levar os alunos a se tornarem automotivados, isto é, a fazerem o que têm de fazer não porque recebem ordem para isso, ou porque alguém os obriga, mas porque querem.

Um dos melhores modos de despertar isso no aluno é torná-lo ciente de suas dificuldades e lacunas.

Suponhamos que eu me ofereça para dar aulas sobre falar em público para alguém, e ele responda:

— Bom, Hendricks, acho que não preciso. É que não tenho muita dificuldade nessa questão.

— Ótimo, replico. Então gostaria que você desse um testemunho em nossa reunião de oração para executivos na quinta-feira. Vão estar presentes uns trezentos ou quatrocentos homens, a maioria deles não é crente, e eu queria que você desse seu testemunho, que falasse uns três minutos.

Agora não dá mais para ele se esquivar.

— Ah, claro. Três minutos?

— É. Isso significa três vezes sessenta segundos.

— Lógico, claro; eu dou.

Chega o dia. Aquele homem se levanta para falar, vê aquela gente toda e fica petrificado. Segura as suas anotações com tanta força que até parece que elas vão voar. Começa contando uma piada, e acaba perdendo o fio da meada. Passa a narrar o testemunho principiando pelo fim. O resto é uma confusão só. Ele só olha para o auditório até à terceira fileira; não faz contato visual com o fundo do salão. Sua explanação é um fracasso. Por fim senta-se.

— Acho que passei um pouco do tempo, cochicha ele comigo.

Só nove minutos, respondo. E a propósito, gostaria que eu lhe desse um curso sobre como falar em público?

— Podemos começar amanhã?

Agora ele está *consciente* de suas deficiências. É por isso que uma das principais preocupações que devemos ter no ensino é expor os alunos a situações práticas da vida.

Durante alguns anos dei um curso sobre aconselhamento. Certo dia, após uma das aulas, um aluno me procurou e disse:

— Professor, será que o senhor não arranja uma coisa mais difícil para nós, não?

— Arranjo, respondi. Acho que posso arranjar sim.

Liguei para um amigo meu que trabalha num setor do juizado de menores, em Dallas, e disse-lhe:

— Tenho um aluno que está precisando aprender umas coisinhas.

— Já entendi, respondeu ele.

Então mandei o aluno para um trabalho prático. Designaram-lhe um garoto de quatorze anos que tinha em sua ficha vinte e seis acusações graves. O Estado só estava esperando que completasse a maioridade para trancafiá-lo numa penitenciária.

Quando o estudante entrou na cela e fecharam a porta, o rapazinho estava sentado numa cadeira, com os pés apoiados no peitoril da janela. Logo de saída, disse para o meu aluno:

— Todo dia eles mandam alguém aqui, com uma conversa diferente. Qual é a sua?

Mais tarde aquele moço iria contar-me.

— Professor, esqueci tudo na mesma hora.

E voltou para a escola disposto a aprender mais.

Certa ocasião, encontrei-me com um seminarista que estava-se dirigindo para a universidade, onde iria fazer uma palestra numa agremiação estudantil. Pediu que orasse por ele.

— Sobre que, especificamente, você gostaria que eu orasse?

— Peça a Deus que eles não acabem comigo. Respondi-lhe que iria orar para que eles fizessem exatamente isso. No dia seguinte ele comentou:

— Deus atendeu sua oração, professor.

Os estudantes o haviam "retalhado". Mas hoje esse homem tem um abençoado ministério entre estudantes universitários, um dos melhores do país. E reconhece que naquele dia em que falou para a agremiação estudantil, teve uma visão clara de si: descobriu que não sabia quase nada.

A Boa Aprendizagem

Uma forma de motivar os alunos é estruturar corretamente a experiência de aprendizagem.

A aprendizagem se dá em quatro etapas. A primeira é a da *exposição,* e geralmente todos nós fazemos isso muito bem. Sempre recomendo que o conteúdo dado nesse estágio seja anotado, ou gravado em fita. Os alunos não podem ter apenas uma forma de contato com o conteúdo. É preciso haver um modo de eles o repassarem diversas vezes. Só assim têm de fato condição de compreendê-lo bem. E, a propósito, fizemos uma pesquisa onde descobrimos que o aprendizado se solidifica melhor, nas mulheres, pela leitura, e nos homens, ouvindo-se fitas. Obviamente, existem exceções nos dois grupos.

A etapa seguinte é a da *demonstração.* Nela apresentamos exemplos práticos. Como? Demonstrando-o nós mesmos. Os alunos precisam ver-nos em campo, batalhando, aplicando essas verdades em nossa vida. E quando virem como atuamos na prática irão dizer:

"Taí, é exatamente assim que quero ser."

Esse é um ponto em que muitas vezes falhamos. É muito comum num curso para professores de escola dominical acontecer o seguinte. Dizemos:

"Na próxima aula, vamos dar uma orientação muito importante sobre como contar histórias."

E, na aula seguinte, esse professor se levanta e começa:

"É muito importante contar histórias. Jesus contava histórias. Todos os grandes mestres usam esse recurso. Uma história geralmente se divide em cinco partes, que são as seguintes..." E quando termina a exposição pergunta: "Alguma pergunta?"

Más como é que alguém pode ter alguma pergunta? Eles nem sabem direito o que é uma história, quanto mais ter perguntas. E o professor diz:

"Na próxima aula, vamos ter outra aula maravilhosa sobre um assunto muito importante", e os alunos continuam sem saber nada.

As etapas três e quatro consistem de atividade *prática,* mas em condições diferentes. Na primeira, o aluno vai praticar numa situação *controlada;* depois terá de fazê-lo *sem supervisão,* em situações reais.

Nunca ouvi falar de cursos de natação por correspondência. Não; aprende-se a nadar, nadando, e não lendo livros sobre o esporte, nem vendo os grandes recordistas dar braçadas de um lado a outro da piscina. Temos que cair na água e nadar.

Eu costumava mandar meus alunos assistirem às aulas de um determinado professor da faculdade de direito. Era um dos mais inteligentes mestres que conheci. Seus alunos se tornavam os melhores advogados do Texas. Tinha a fama de tratar os estudantes com certa aspereza, mas estes sabiam que ele os amava e que empregava toda a sua capacidade e conhecimentos para o aprimoramento deles.

Nas aulas de júri simulado, ele organizava um tribunal, colocando a promotoria de um lado e os advogados de defesa do outro. Um aluno fazia o papel do juiz e outros o do corpo de jurados. Todo mundo participava da encenação.

O julgamento começava, e daí a pouco lá vinha o professor caminhando rapidamente pelo corredor central, vociferando contra a promotoria.

— Você quer me convencer de que vai conduzir o caso dessa maneira, é?

Em seguida, punha-se a apontar as falhas deles uma por uma. E assim que terminava virava-se para o grupo do outro lado e gritava para os alunos que compunham a defesa:

— Sabem o que eu faria com o arrazoado de vocês? Eu o arrasaria logo.

Terminada a aula, dava uma piscadela para os alunos, e indagava:

— Querem saber como eu ganharia fácil essa causa? Então me acompanhem!

E levava os alunos para a lanchonete da universidade, e punha-se a conversar com eles sobre o caso, tomando um cafezinho.

Certa vez perguntei-lhe qual a sua ideologia básica sobre o ensino, e respondeu-me:

— Prefiro que meus alunos percam aqui, mas ganhem lá fora, do que ganhem aqui, mas percam lá fora.

E nós? Será que nossos alunos estão "ganhando" dentro da igreja mas "perdendo a batalha" no mundo?

Acho que já fiz uns sete cursos sobre evangelismo pessoal (um dia estava pensando sobre isso e fiz a conta: sete). Mas para dizer a verdade, nenhum deles me serviu de nada.

Num dos cursos que fiz na faculdade, deram-nos uma lista de versos bíblicos para memorizarmos, e algumas das objeções mais comuns que os incrédulos levantam. Em seguida, mandaram-nos para a estação de ferro de Chicago, para evangelizar. O primeiro sujeito com quem conversei, apresentou uma objeção que não estava na lista. Fiquei totalmente perdido.

É claro que na época em que era estudante, sabia apontar todas as falhas do ensino. Lembro-me de que costumava ficar sentado na sala de aula pensando. *Rapaz, que tristeza! Esse curso é o mais fraco que já fiz! E eu estou pagando!* Cultivei uma enorme raiz de amargura.

Certo dia comentei sobre isso com um missionário e ele disse:

— Howie, já entendi seu problema. Você tem um senso crítico negativo, e não construtivo. Quando estiver na sala, tente fazer outra coisa. Trace uma linha no meio da folha do seu caderno. De um lado, vá fazendo suas anotações, normalmente. Do outro, escreva como você daria a aula.

Uma boa sugestão. Resolvi pô-la em prática e foi assim que ali na escola mesmo já fui criando meus conceitos sobre métodos de ensino teológico. Não tinha a menor ideia de que iria lecionar num seminário, mas sentia que tinha de haver uma forma melhor de ensinar do que a que eu via nos cursos que fazia.

Quando comecei a lecionar homilética no seminário, dava aos alunos certa tarefa que sempre nos divertia muito. Dizia:

"Na próxima aula, cada um deve preparar uma ilustração — uma ilustração qualquer, para qualquer coisa — e deverá apresentá-la oralmente perante a classe!'

Na aula seguinte, via alguns alunos encolhendo-se na carteira, para que eu não os visse. E escolhia exatamente um deles.

— Você aí, pode ir à frente.

— Eu, professor?

— É; você.

Ele se levantava, meio relutante, começava a narrar a ilustração, e daí a pouco parava.

— Ah, professor, esqueci o fim da história. Deixe-me sentar.

— Não; não vai se sentar, não. Alguém aqui acha que ele deve se sentar?

A classe respondia "não" em uníssono.

— Aí. Ninguém concorda que você deve se sentar. Afinal ele acabava-se lembrando do final da história. A turma toda o aplaudia e ele ia sentar-se, sorrindo.

— Foi a primeira vez?

— Foi, professor!

— Gostou?

— Não, respondia ele rindo. Foi horrível.

Eu poderia citar inúmeros estudantes iguais a esse, que hoje são conhecidos internacionalmente pelo seu ministério de pregação, sendo bastante admirados. Mas na primeira vez em que pregaram, a experiência foi penosa.

Hoje ainda começo a suar frio sempre que me recordo da primeira vez que preguei numa igreja e da conversa com as pessoas após o culto. *Ah, meu Deus!* pensei. Queria que houvesse um alçapão no púlpito para eu desaparecer por ele. Mas no fim todos disseram gentilmente:

— O pastor, o sermão foi muito bom!

Mas eu sabia que estavam apenas sendo corteses. Contudo é assim mesmo que todos nós começamos.

Outro bom método de ensino é dar *tarefa com responsabilidade*. Um problema sério do ensino em nossas igrejas é que não fazemos isso. O governo dos Estados Unidos gasta milhões de dólares em certos aviões e depois deixa que garotos de dezenove anos os pilotem. Mas quando esses garotos vêm à igreja, não deixamos nem que recolham as ofertas.

Quanto mais investimos em algo, maior será nossa apreciação por aquilo. Quanto maior for o investimento, maior será o interesse.

Uma das maiores autoridades em educação disse-me que o ensino praticado nas seitas heréticas é de altíssimo nível, dos melhores do país.

Certa ocasião, estava-me recuperando de uma cirurgia, e não fui à igreja no domingo pela manhã Então bateram à porta. Eram dois homens muito bem vestidos que obviamente não me conheciam. (Nós os evangélicos nunca pensamos em fazer visitas evangelísticas no domingo de manhã, embora seja a hora mais provável de encontrar não-crentes em casa.) Um deles era jovem, o outro um pouco mais velho. Convide-os para entrar, e logo nos pusemos a conversar.

Em meio à conversa, citaram diversos versículos bíblicos. Vez por outra diziam:

— No grego, isso é assim e assim.

— No grego? indaguei eu a certa altura. O que o grego tem a ver com isso?

— Sr. Hendricks, replicou o mais jovem, parece que o senhor não conhece bem o Novo Testamento Ele foi escrito em grego.

— Muito interessante, respondi. Você sabe grego:

— Sei, disse. Faz parte do nosso curso.

— Ótimo, repliquei.

E fui pegar meu Novo Testamento em grego e entreguei-o a ele. Ficou vermelho, branco, de todas as cores. O outro homem veio em socorro dele, mas continuei a refutar todos os argumentos que apresentavam.

— Mas o texto grego aí não significa isso que você está dizendo que significa, não.

Não demorou muito, foram embora. E sabe para onde se dirigiram? Para a casa ao lado? Não; não foram logo para lá, não. Eles são inteligentes demais para cometer um erro desses. Estava na hora da instrução. Fiquei a espiá-los. Desceram alguns quarteirões e pararam numa esquina, onde conversaram durante uma hora. O homem mais velho, que naturalmente era o instrutor, devia estar explicando ao outro como deveria agir para sair de entaladelas. Só depois de algum tempo foi que bateram à porta do meu vizinho. No dia seguinte perguntei-lhe:

— Jim, qual dos dois falou mais?

— O mais jovem, respondeu.

Claro. Era ele que estava sendo treinado.

O Interesse Pessoal

Você já assistiu à leitura de um testamento? O encarregado da leitura vai resmungando todo aquele jargão jurídico, e todos os presentes chegam quase a cochilar — isto é, todos menos o beneficiário do testamento.

Aplicação: quando o aluno consegue enxergar-se dentro daquilo que ensinamos, quando ele sente que é beneficiário do testamento bíblico, que tudo diz respeito *a ele*, seu nível de motivação será bem mais elevado.

Há trinta e cinco anos dou aula na mesma escola. E às vezes me sinto muito quebrantado ao ver o impacto causado pelo ministério de alguns dos alunos cuja vida Deus tem tocado por intermédio do meu trabalho. Acredito que a única razão por que ele tem me usado é que, pela sua graça, ele colocou em mim uma inabalável confiança em sua capacidade de transformar vidas.

Espero que o Espírito Santo tenha dado a você,, professor, essa mesma convicção, pois quem não a possui limita sensivelmente a influência que pode exercer sobre seus alunos. O Espírito de Deus quer usar-nos como um instrumento para motivar o estudante, atuando extremamente, enquanto o próprio Espírito opera no interior dele.

Existem pessoas que não trabalham numa sala de aula mas são os melhores motivadores que existem. São mestres, embora não possuam o título de mestres. São homens e mulheres que estão fazendo o trabalho de

discipulado, e transformando a vida e a perspectiva de outros. Por quê? Porque estão dispostos a se envolver na vida deles.

Estou convencido de que qualquer pessoa, sem exceção, pode sentir-se motivada para aprender. Mas não todas ao mesmo tempo, nem da mesma forma nem com o mesmo professor.

O momento certo é de importância crucial. Ensinar, na verdade, é montar em sala de aula uma bomba-relógio, que deverá explodir algum tempo depois, em outro local. É por isso que temos de viver pela fe. e precisamos de muita paciência, se quisermos ser um bom professor.

Precisamos compreender também que nem todo mundo irá aprender *conosco.* Aliás é esse o sentido do corpo de Cristo. Você que me lê pode falar ao coração de uma pessoa a quem eu não conseguiria falar por mais que me esforçasse. E outro crente pode tocar a vida de outros com quem nem eu nem você conseguiríamos êxito.

Motivação Criativa

Parece que os crentes de minha igreja têm um: mensagem só: "Ide por todo o mundo e tirai muitas fotos."

Quando estávamos nos preparando para viajar a: Oriente, disseram-nos a mesma coisa que dizem a todos que vão viajar:

"Por favor, tirem muitas fotografias."

E nós as tiramos. Na volta fizemos a exibição dos *slides* para eles.

"Agora", disse eu para Jeanne, "passemos à segunda etapa."

No domingo seguinte, após o culto noturno, convidamos três médicos de nosso grupo de comunhão para irem à nossa casa. Ali exibimos para eles as fotos que tiramos.

— Isso aí é uma clínica de um lugarejo afastado.

— Como foi fundada?

— Um professor de cirurgia da faculdade de medicina da Universidade de Harvard, um dia, simplesmente resolveu mandar tudo às favas, largou a escola, e disse que queria entrar em ação.

E continuei:

— Aí é a farmácia.

A foto era do interior da farmácia: só prateleiras vazias.

— Farmácia? indagaram. Cadê os remédios?

— Sei lá, repliquei. É assim que são as farmácias lá.

— Espere aí, indagou um deles. Como pode existir uma farmácia sem remédios?

— Não sei. Mas lá é assim, expliquei.

Passei à foto seguinte, e assim por diante até terminar. Mas, ao final, a pergunta que ficara na cabeça deles era: "Como é que pode existir uma farmácia sem remédios?"

Depois desse dia, aqueles médicos juntamente com algumas outras pessoas enviaram milhões de dólares em remédios para lugares do mundo onde há necessidade deles. Como foi que se interessaram? O método é o mesmo que qualquer professor pode usar rara despertar interesse nos alunos. Primeiro, conhecê-los bem e deixar que o conheçam. Depois, a partir desse relacionamento, usar a criatividade para motivá-los.

E assim como Deus usa diversos métodos para motivar os homens, nós também precisamos ser criativos e variar as técnicas empregadas.

Tenho tido o privilégio de lecionar para adultos de todas as idades e também para adolescentes. Já dei aula para profissionais liberais e pessoas das classes menos privilegiadas. Dei aula para classes de homens e classes de mulheres; para médicos e advogados. E também já lecionei para crianças. Cada um desses grupos possui suas próprias potencialidades, sua própria linha de interesses que podem ser estimulados de forma criativa.

Vejamos os adolescentes, por exemplo. Estou sempre ouvindo professores dizerem:

"Não consigo fazer com que esses garotos se interessem pelo estudo da Palavra de Deus."

Não creio nisso. O que há é que não queremos nos dar ao trabalho de jogar o anzol da criatividade naquilo que mais os interessa, e naquilo de que são mais capazes.

Em vez de ajudar os jovens a criar alternativas para sua energia, nós bloqueamos seus impulsos para a ação e sua maneira própria de agir. A essa altura, já devíamos ter aprendido a só *proibir* depois de *oferecer* uma alternativa. Não basta dizermos: "Não pode fazer isso." Temos que completar: "Você *pode* fazer aquilo."

Existem igrejas, por exemplo, onde os garotos são fortemente criticados por causa das músicas que gostam de ouvir. Então digo aos adultos:

— Já pensaram em deixar esses jovens *usar* esse tipo de música?

Eles me olham horrorizados.

— Você quer dizer *na igreja?*

— Claro. Onde acha que quero dizer? Num teatro qualquer?

Já vi jovens estudarem uma passagem bíblica durante horas e horas para depois a musicarem e a cantarem num culto.

Um dos aspectos da nossa comunidade evangélica que mais me incomoda é nossa tendência de sufocar todo tipo de criatividade. A criatividade humana está aí, mas não abrimos espaço para que ela se manifeste.

Conheço um jovem que é um gênio em música. Ainda bem jovem, regeu a orquestra sinfônica de sua cidade no concerto de abertura da temporada. Com vinte e poucos anos, era maestro auxiliar da Sinfônica de Nova Iorque. Ele fora praticamente criado numa igreja evangélica em sua cidade, mas essa igreja *nunca quis aproveitar a habilidade musical desse jovem.* Hoje ele se encontra afastado da fé em Jesus Cristo.

A Manifestação do Poder

Algumas pessoas dizem que para se dar tau poderoso testemunho de fé é preciso provar que a Bíblia é de fato a Palavra de Deus. Acho que tais crentes estão enganando a si mesmos. A verdade é que nunca experimentaram o poder desse Livro em sua vida diária, aplicando nela

suas verdades, para que todos vejam as transformações radicais, sobrenaturais que ele opera.

Volta e meia alguém me pergunta:

— Como é que se consegue motivar os outros? E minha resposta é a seguinte:

— Se dermos um choque em alguém com uma carga de **20.000** volts, ele não vai se virar para nós e indagar: "Você falou alguma coisa?" Não; ele vai *estremecer*.

A pergunta aqui é: *você* está motivado? Quem está motivado se torna um agente que promove mudanças em outros.

Em seu livro *The Crisis in the University* (A crise nas universidades), Sir Walter Moberly menciona o fato de que os evangélicos não conseguiram penetrar com o evangelho nas universidades. E se alguém lhe diz que segue a Cristo, ele diz: "Se um décimo do que você crê fosse verdade, deveria estar vibrando dez vezes mais!'

Há muita gente em nossas igrejas que nunca si entusiasmou com a única coisa que em última analise merece nosso entusiasmo.

Se é tão maravilhoso, então entusiasmemo-nos!

Para Pensar

(Algumas perguntas para cada um responder ou usar como tema de debate com outros professores.)

1. Diga com sinceridade, quais os resultados que espera obter na vida de seus alunos como fruto de suas aulas?

2. Analise as respostas que deu para a pergunta número 1. Suas expectativas estão elevadas demais, pequenas demais, ou na dimensão adequada? Se algumas estiverem muito elevadas ou muito pequenas, como você poderá ajustá-las à sua realidade? Cite soluções específicas.

3. Quando você está dando aula para a classe que ensina regularmente, que porcentagem dos alunos presentes, num dado momento, se mostra *altamente motivada* a aprender?

4. Que indícios você procuraria nos alunos para saber se estão desinteressados?

"Há muitos professores que vão
para a sala de aula totalmente
despreparados ou preparados
apenas em parte. São como
mensageiros sem mensagem. Falta-lhes
a energia e o entusiasmo necessários
para produzirem os resultados que,
centralizado por direito, devemos
esperar de seu trabalho."
— John Milton Gregory

7

A Lei da Preparação Prévia

Os corredores sempre fazem exercícios de alongamento antes de uma corrida. Os componentes de uma orquestra sempre afinam seus instrumentos antes de um concerto. E aluno e professor também precisam de uma preparação prévia.

A lei da preparação prévia é a seguinte: *o processo ensino-aprendizagem é mais eficiente se tanto professor como aluno estão previamente bem preparados.* Isso tem a ver com um dos maiores problemas que os professores enfrentam: os alunos chegam à sala de aula *frios.*

Suponhamos que alguém esteja lecionando o livro de Isaías para uma. classe de adultos, na escola dominical. Num certo domingo ocorre um milagre: ele vai dispor de toda uma hora, sessenta minutos, para ensinar (é que nesse dia não vai haver a abertura da escola). Então ele conta com um bom tempo para desenvolver seu trabalho. E principia dizendo:

"Vamos abrir em Isaías 27."

Logo os alunos começam a pensar:

O que será que há nessa passagem, Isaías 27?

Ah, quem sabe!

E que me importa também?

Mas se esse professor for competente e crer firmemente no valor do ensino desse capítulo para nossa vida hoje, reconhecerá que não se trata apenas de conhecer bem um texto, mas também aplicá-lo ao seu viver. E pouco a pouco a classe vai-se "aquecendo" e começa a apreciar o estudo. Aliás, à medida em que se aproxima o final da aula começam a ocorrer-lhes diversas perguntas. A passagem estudada aborda vários problemas e questões pertinentes à vida deles. O estudo despertou neles um profundo interesse.

Mas o tempo acabou. Terminou a aula.

No domingo seguinte, o professor entra na sala e diz:

"Vamos abrir em Isaías 28."

O que será que há em Isaías 28?

Não sei.

Que me importa!

E é dessa maneira que eles, classe e professor, vão rompendo pelo livro.

Gostaria de sugerir aqui uma forma alternativa de trabalho para se obter maior proveito do tempo de aula: não esperar pelo início da aula para despertar interesse nos alunos. Vamos antecipar isso, para que quando os alunos chegarem na sala já venham com a mente em ação; então é só continuar. E assim, quando se encerrar a aula, eles próprios terão descoberto as respostas de suas perguntas, bem como a solução para seus problemas, e se sentirão motivados a continuar estudando o texto, ou sozinhos, ou em companhia de outros.

Tarefas Proveitosas

A lei da preparação prévia constitui a base para se dar *tarefas para casa.* Mas pode ser que à menor menção disso o leitor tenha uma crise de paranóia.

"Ah, irmão Hendricks, o senhor não conhece minha classe. Eles não vão fazer tarefas. Ê pura perda de tempo."

Posso garantir-lhe que se você não lhes passar tarefas, não as farão mesmo. Mas por que não experimenta para ver como se comportam? Quero oferecer aqui algumas sugestões sobre o assunto.

Pensemos numa situação típica para muitas classes. *O professor* acha-se totalmente preparado, isto é, escudou muito bem uma determinada passagem da Bíblia. *Os alunos,* ou pelo menos a maioria deles, não a leram nem uma vez nos últimos seis meses. O *professor* chega cheio de entusiasmo, pois descobriu nela soluções para muitos problemas e indagações pessoais. Mas *eles* chegam sem nada.

Essa situação se repete também em muitos sermões de domingo. Em minha opinião é a maior falha do ministério de pregação: os ouvintes se acham muito pouco preparados para o que vão ouvir, bem como para o que se segue depois.

Então vamos meditar ligeiramente sobre o valor da tarefa para casa. Vejo nela três vantagens.

1. *A tarefa coloca o pensamento em movimento. A* tarefa é uma espécie de "aquecimento" mental. Quando a aula começa, a mente do aluno já está "pré-aquecida".

2. *O aluno passa a ter um ponto de partida.* A tarefa é a base sobre a qual o professor pode "edificar" a lição. Conhecendo a passagem previamente, o aluno já percebe as dificuldades dela, as questões que aborda e como ela se aplica em sua vida. Já tem indagações sobre o assunto; sua curiosidade está despertada.

3. *O aluno aprende a estudar a Bíblia independentemente*. Esse é o principal benefício de uma tarefa bem elaborada. O aluno cria o hábito de não apenas ouvir o ensino da Palavra mas de estudá-la ele mesmo. E observe o que acontece depois.

Lembremos que nossa meta como professores é formar estudiosos da Bíblia para o resto da vida. Nossa aula deve ser apenas uma forma de estimulá-los a isso; não pode tomar o lugar desse estudo particular. E a única maneira pela qual poderemos levar os outros a se entusiasmarem com a Palavra de Deus é incentivá-los a "explorar" suas verdades por si mesmos.

Quais as características de uma tarefa bem elaborada?

Em primeiro lugar, ela precisa ser muito criativa, e não apenas uma tarefa para se fazer em casa. Isso quer dizer que ao prepará-las precisamos ter um objetivo definido, o que vai exigir de nós longo tempo de preparação, pois uma tarefa bem elaborada não cai do céu em nossa mão.

Segundo, ela precisa levar o aluno a pensar. Deve conter mais questionamentos do que respostas; deve forçar o aluno a exercitar a mente. Reconheço que esse exercitamento pode ser doloroso, mas é também muito proveitoso, se feito sob a direção do Espírito Santo de Deus.

Terceiro, temos que dar tarefas plausíveis. Não adianta darmos trabalho que esteja acima da capacidade do aluno.

Mas como devemos agir se, apesar de termos passado tarefas criativas, tarefas que provocam reflexão e que estão dentro da capacidade dos alunos, mesmo assim eles não as fizerem? Uma solução simples: incluir no período da aula a exemplificação da tarefa. Vamos escrever na quadro uma pergunta bem interessante, dessas que levam o aluno a pensar. Em seguida, leiamos uma passagem bíblica que responda a essa pergunta. (Precisamos ter o cuidado de apresentar as coisas nessa ordem — primeiro a pergunta e depois o texto — para que eles saibam o que devem procurar na passagem a ser lida.)

Outra solução: levá-los a discutir suas experiências. Vamos perguntar quais os problemas que estão enfrentando no momento em casa, no trabalho ou na escola. Certa vez, experimentei fazer isso numa classe de casais, considerada muito problemática. Haviam-me dito:

"Aquela turma não fala nada em sala, não gosta de fazer tarefas; não faz nada." Não fala, não faz, não faz.

"Obrigado pela informação", respondi.

No primeiro dia em que fui dar aula para a turma, distribuí entre eles alguns cartõezinhos em branco e expliquei:

"Olhe aqui gente, tenho muita confiança em vocês. Sei que cada um teve um tipo de formação, as atividades e ocupações são diferentes, etc. Então quero que me respondam uma coisa: se vocês soubessem que poderiam receber agora a solução de três problemas sérios de sua vida, quais seriam os três que citariam primeiro? Não é preciso assinar. Apenas escrevam quais os problemas que mais os inquietam no momento."

Dei alguns minutos para escreverem, e depois recolhi os cartões. Olhei-os e em seguida pus-me a ler alguns em voz alta. Não demorou muito, e alguém comentou:

"Acho que nós devíamos conversar sobre essas coisas na classe."

Daí a pouco estavam todos envolvidos e tive dificuldade em encerrar o debate.

Certo dia um dos alunos da classe disse:

"Não sei bem se posso falar disso aqui, mas para ser sincero, na quinta-feira, eu e minha mulher chegamos à conclusão de que se não conseguirmos "acertar os ponteiros", vamos nos separar."

É claro que esse tipo de comentário pode jogar a casa abaixo. E foi o que sucedeu. Houve um debate bastante acalorado.

Afinal, se as pessoas não puderem expor esse tipo de problema numa classe de escola dominical ou num grupo de estudo bíblico, onde é que poderão conversar sobre ele?

Estudos têm demonstrado um fato muito interessante: existe uma relação inversamente proporcional entre a *previsibilidade* de nossos atos e o *impacto* que podemos causar. Quanto maior for essa previsibilidade, menor o impacto que causamos. E do mesmo modo, quanto menor a previsibilidade, maior o impacto. (Observemos, porém, que isso diz respeito a métodos, não a práticas morais.)

A ilustração clássica desse princípio é a vida de Jesus Cristo. Ninguém nunca podia predizer o que ele iria fazer.

Certo dia os herodianos e fariseus se juntaram — e eles eram pessoas que nunca se juntavam, a ponto de nem caminharem no mesmo lado da rua, a não ser para combater um inimigo comum. Mas por causa daquele Homem revolucionário, eles se juntaram, dizendo:

— Vamos pegá-lo nessa questão do tributo. Afinal, os herodianos são favoráveis ao governo romano e os fariseus são antagônicos a ele. Então vamos fazer -lhe uma pergunta sobre isso. Se ele disser que é favorável ao pagamento do imposto, nós o pegamos; se ele disser que é contra, *vocês* o pegam. Vamos lá.

Foram à procura de Jesus e disseram:

— Mestre, devemos ou não pagar tributo a César?

— Têm uma moeda aí? indagou Jesus.

— Uma moeda? Claro, aqui está.

E lhe entregaram uma moeda.

— De quem é essa inscrição nela? perguntou ele.

— Ah, é de César, responderam.

— Então, deem a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.

Eles ficaram estupefatos, e foram saindo dali. Alguns passos mais adiante, pararam e se puseram a cochichar uns com os outros:

— Quem foi que teve a bela ideia de fazer aquela pergunta boba para ele, hein?

Jesus era imprevisível demais. Perto dele ninguém ficava entediado.

Mas é triste assistir a alguns cultos, classes de escola dominical e de estudo bíblico em nossas igrejas. Tudo é tão previsível que se pegarmos no sono e acordarmos dez minutos depois, eles estarão exatamente onde achávamos que iriam estar. É como disse certo bispo da Igreja Anglicana:

"A todo lugar onde Paulo ia sempre havia ou um tumulto ou um avivamento. Mas eu, aonde eu vou sempre servem chá."

E o que acontece nos lugares aonde você vai?

Lutando Contra o Silêncio

Você já olhou para um cachorro e lhe dirigiu uma pergunta muito séria? Qual foi a reação dele? Pois é essa a reação que obtenho em algumas classes quando faço certas perguntas: a expressão silenciosa de um cachorro. Então penso: *talvez eles não tenham entendido.* E faço a mesma pergunta usando outras palavras. A reação continua a mesma. Já houve até o cúmulo de alguém me dizer:

— Nós não temos de falar nada aqui. Você é que é o profissional no assunto; diga você.

— Mas vocês são os profissionais na vida. Eu "acredito" em vocês, gente, e quero que se expressem e digam o que pensam. Eu quero ouvir é o que vai pela cabeça de vocês.

Repito a pergunta, e fico calado. Os alunos começam a sentir o peso do silêncio. Alguns tossem. Mas sou paciente. Posso esperar o tempo que eles quiserem. Por fim alguém diz:

— Olhe, vou dizer o que estou pensando, talvez não seja a resposta certa, mas acho que...

Está derrubada a barreira.

Após anos de observação, descobri que a maioria dos alunos adultos — seja um advogado, atleta profissional, operário, ou qualquer outro tipo (já lecionei para todos eles e todos são iguais nesse ponto) — não confia muito na sua compreensão da Bíblia, e por causa disso não gosta de falar em sala de aula. Como resolver esse problema?

Quando comecei a trabalhar com os jogadores de futebol americano dos *Cowboys,* de Dallas, disse-lhes:

—Rapazes, vamos aprender a estudar a Bíblia.

A reação deles foi engraçadíssima.

— Ah, Doutor Hendricks, sabe o que é, o senhor não está entendendo. Nós somos jogadores de futebol.

Um dos jogadores da defesa afirmou que os atacantes nem sabiam ler. Mas consegui fazer com que lessem a Bíblia, e orientei-os sobre como encontramos as lições dela. E a cada vez que achavam uma delas, por mais elementar que fosse, eu me mostrava todo empolgado.

O segredo do estudo bíblico é este: ensinar os outros o que devem procurar nas Escrituras, e na certa eles o encontrarão.

Quando os alunos confiam em nós, nossa função é utilizar essa confiança para levá-los à autoconfiança. E quanto maior for a confiança que tiverem em nós, maior será a possibilidade de atingirmos esse objetivo.

Isso não é muito fácil, pois alguns deles já estão nessas classes há anos. Cristalizaram a idéia de que a eles cabe receber tudo prontinho do professor, e a tarefa deste é dá-lo a eles.

Quanto aos alunos que têm receio de participar da aula, temos que fazer duas coisas: (1) insistir para que participem; (2) e assim que o fizerem, demonstrar satisfação pela participação deles.

Tenho dito sempre a meus alunos:

"Vocês precisam entender que, na minha aula, a única pergunta "boba" é a que não é feita. É como uma farpa que se não tira — dá pus. Então, ninguém vai rir de perguntas nem de comentários feitos aqui. Qualquer coisa que disserem será levada muito a sério!'

E sempre que alguém diz algo, comento:

"Ótimo! muito obrigado!"

Ou digo:

"Interessante, já estudo a Bíblia há muitos anos, mas nunca tinha enxergado isso, nessa passagem. Foi ótimo; muito obrigado!"

Ou então:

"Sua pergunta foi uma das mais inteligentes que já ouvi com relação a esse texto."

Devemos *acolher alegremente* tudo que disserem, e valorizar bem aquele que dá a contribuição.

E quando alguém em nossa classe diz: "A pergunta que vou fazer talvez seja muito boba, mas vou fazê-la assim mesmo. Tem muito tempo que estou querendo perguntar isso..." está-nos fazendo um grande elogio. É que soubemos criar a atmosfera de liberdade, na qual os alunos sentem-se estimulados a fazer perguntas que antes tinham receio de externar.

Perguntas Difíceis

Como agir quando um aluno nos pergunta algo que não sabemos?

A resposta do professor é muito importante, pois parece que o lema de muitas classes é: "É melhor ficar de boca fechada e deixar que os outros pensem que sou burro, do que abrir a boca e tirar-lhes a dúvida." Por isso, o melhor é dizer:

"Sua pergunta é ótima, mas ainda não tenho uma resposta para ela. Mas vou tentar estudá-la para responder depois."

É possível que todos nós nos lembremos de professores, talvez até da faculdade, que responderam a perguntas por meio de reticências:

"Bom... é... o caso é... consequentemente... é como se fosse... a maioria dos entendidos do assunto diria que..." e por aí vai. E a essa altura o aluno já está pensando: *aposto que ele não sabe a resposta.*

Meu melhor professor da faculdade era uma das maiores autoridades em Novo Testamento. Certo dia, na aula, um aluno fez-lhe uma pergunta, e ele respondeu assim:

"Rapaz, essa é a pergunta mais profunda que já me fizeram nos trinta e seis anos que leciono. Mas não posso dar-lhe uma resposta agora porque se a desse seria muito superficial. Vou estudar o assunto e depois lhe responderei. Alguém tem mais alguma pergunta boa como a desse rapaz?"

Não precisamos tentar "tapear" ninguém. Não precisamos ter acanhamento de dizer: "Não sei."

E quanto a perguntas "perigosas"? Acredito que esse deve ser o ponto forte daqueles que conseguem mais sucesso no trabalho com incrédulos. Sabem responder tais perguntas sem cair na defensiva.

Certa vez eu estava dirigindo uma classe de estudos bíblicos para incrédulos. Estudávamos o Evangelho de Marcos. A certa altura um rapaz levantou a mão e disse:

— O senhor não está querendo dizer que Jesus Cristo é Deus, está?

Como essa pergunta seria respondida na maioria de nossas igrejas? A resposta é de suma importância pois o que está em jogo é a salvação de uma alma. Respondi assim:

— Jim, essa sua pergunta é ótima, pois toca exatamente no âmago da questão. Tem tudo a ver com o que estamos estudando. Será que todo mundo ouviu o que ele disse? Quer repetir a pergunta, Jim?

Recebendo uma reação positiva para tal pergunta, uma pessoa como Jim talvez nem ouça direito as respostas que dermos. O que ele captará principalmente será nossa atitude para com ele, e é assim que o ganhamos.

Mas se lhe dermos uma resposta fulminante, provavelmente ele nunca mais perguntará nada, e pode até nem aparecer mais no estudo bíblico.

Como Controlar os Monopolizadores

O que fazer quando um aluno começa a monopolizar a discussão do assunto, e se mostra resistente ao controle do professor?

Quero sugerir um plano em três etapas.

Primeiro, manifestar apreço pela contribuição dele. Será bom conversar com essa pessoa particularmente e dizer-lhe:

"Aprecio imensamente sua participação na aula. Se eu conseguisse que todos os alunos participassem como você, ficaria muito feliz." É possível que ninguém nunca lhe tenha dito isso. A maioria dos dirigentes lhe dirige um olhar carrancudo, como querendo dizer: "Quer calar a boca!" É claro que ele não atende, mas entende bem a mensagem.

Segundo, pedir a esse aluno um favor:

"Você já observou que há muitas pessoas que não participam do debate? Será que pode ajudar-me a fazer essa gente entrar na discussão? Você poderia cooperar comigo nisso. Modere seus comentários um pouco, e vamos ver se o resto da classe se envolve no estudo como você."

Esse método tem um efeito fascinante.

Por último, dirigir a *ele* uma pergunta, bem no meio da aula. Pode ser a primeira vez que alguém lhe faz uma pergunta, e ele entenderá claramente que apreciamos de fato o que ele tem a dizer.

Fiz isso certa vez com um rapaz que estivera monopolizando as aulas, e ele ficou admirado.

"Ah, o senhor quer que eu responda?"

E após a aula ele me disse:

— Acho que tenho sido um chato, não é?

— É mesmo? repliquei. Por que está com essa impressão?

— Ah, explicou, a gente percebe isso por aí na atitude dos outros. Mas quero agradecer ao senhor porque se interessou em ouvir o que eu queria dizer. Ninguém nunca me tinha dado essa atenção.

Então, em vez de sufocar a exuberância dele, ganhei-o para o meu lado. E é isso que todos nós queremos. Lecionar é muito interessante

quando temos uma visão correta do que estamos fazendo: ganhá-los para o nosso lado.

Certa ocasião um aluno me disse que resolvera qúe iria casar-se algum dia! Pensei: *estamos conseguindo alguma coisa aqui.* E comentei:

— Bom, ótima notícia! Você já sabe mais ou menos que tipo de moça está procurando?

Ele tirou da pasta três folhas de papel contendo as exigências dele.

— É, estou vendo que você tem pensado bastante no assunto, disse. Sabe, estou escrevendo um livro sobre o casamento. Será que poderia emprestar-me sua lista?

O rapaz ficou extasiado.

— Claro, professor, claro. O que o senhor quiser que eu faça para ajudá-lo, estou às ordens.

Eu ganhara aquele aluno para meu lado. Depois de dar uma lida rápida em sua lista, perguntei-lhe:

— Dessas exigências aqui, quantas *você* atende?

A Importância de Fazer Anotações

Por último, precisamos compreender que a maioria das pessoas não se convenceu ainda do quanto é importante fazer anotações na sala de aula, e talvez nem saiba tomar nota da matéria dada. Se alguém não acredita no que estou dizendo devia procurar olhar as folhas de papel que são deixadas nas carteiras. Faço isso sempre que vou falar em alguma igreja. É um serviço meio de zeladoria, que ninguém nos pediu para fazer, mas é muito interessante. Se eu mencionar "cão esquimó" numa ilustração, encontrarei uma folha de papel onde haverá escrita apenas uma palavra: cão. E pode ser que aquela anotação tenha sido feita pela mesma senhora que, à saída do culto, dissera:

"Sabe de uma coisa, certa vez, eu também tive um cão esquimó."

Um bom modo de ensinar os alunos a fazer anotações é ir-lhes oferecendo um esboço básico do conteúdo da aula. Depois, à medida que as aulas prosseguem, vamos tornando os esboços cada vez mais resumidos, de

forma a obrigá-los a ir acrescentando as informações adicionais. Daí a pouco eles já não vão mais simplesmente escrever a palavra "cão", mas anotarão todo o ensino da ilustração. Por esse método, treinamos os alunos para ouvir com inteligência.

Certa vez dei uma aula de estudo bíblico para profissionais liberais em Dallas. Havia na turma um homem com diversos títulos de doutorado, pessoa muito inteligente, muito procurado para consultoria, e que havia estudado no Instituto de Tecnologia de Massachusetts. Enfim, atributos mentais não lhe faltavam. No entanto, assistia às aulas ali sentado, quieto, com os olhos abertos mas as mãos paradas.

Certo dia, na hora do cafezinho, aproximei-me dele.

— Ouvi dizer que estudou no ITM, comentei.

— É verdade, replicou.

— Gostou?

— Ah, foi um curso excelente.

— Costumava fazer anotações nas aulas?

— Quer dizer, lá no ITM?

— É.

— Claro. Tenho pilhas e pilhas de anotações.

— E elas lhe são úteis?

— Ah, muito. São o meu ganha-pão, instrumento de trabalho.

— Isso é ótimo! Já pensou em fazer anotações em nosso estudo?

— Quer dizer, aqui? No estudo bíblico?

— É.

— Não, replicou. Nunca tinha pensado nisso. Mas é uma boa ideia.

— Também acho.

Na aula seguinte, ele trouxe uma prancheta de mão, e passou a fazer anotações. Um pouco depois de haver iniciado a aula, ele levantou-se e disse:

— Hendricks, eu queria fazer uma pergunta.

E de lá para cá não parou mais de participar. Ele que antes ficava como que apenas olhando de longe, agora entrou e passou a envolver-se no processo de aprendizagem. Já aprendeu a aplicar as verdades bíblicas à sua vida particular e profissional, e participa ativamente dos estudos.

Para Pensar

(Algumas perguntas para o professor fazer uma avaliação de seu desempenho, ou para utilizar como base para debates com outros professores.)

1. Ao preparar-se para dar uma aula, que passos você geralmente observa? Qual deles é o mais importante? Qual é o de menor importância para você?

2. Você acha que às vezes está sendo muito previsível e, consequentemente, deixando de causar impacto nos alunos? Anote pelo menos umas seis atividades didáticas, que poderia utilizar para sua classe, e que seriam radicalmente diferentes do seu método e sua maneira de ensinar. Escreva-as mesmo que ache que não adiantaria utilizá-las. Depois aplique em sua sala as que achar melhores.

3. Procure recordar-se de alguma ocasião, quando era estudante, de uma determinada aula em que sentia vontade de fazer anotações. O que foi que despertou essa vontade em você?

4. Analise as situações propostas abaixo, para uma classe de adultos na escola dominical, e responda qual seria sua melhor reação para cada uma delas.

> a) Dois alunos da classe, ambos indivíduos de personalidade forte, estão praticamente discutindo entre si, cada um defendendo um ponto de vista oposto ao do outro, e que diz respeito a um ponto doutrinário secundário, dentro da lição estudada. Em dado momento, você percebe que só você e os dois estão participando do debate, embora os outros alunos estejam apreciando a disputa.

b) Durante a semana, ao preparar a lição de domingo, você encontrou um excelente livro sobre o assunto que vai ser estudado, mas que já se acha esgotado. Desse livro, você retirou uma longa lista de sugestões práticas muito valiosas que pretende analisar durante a aula. Mas ao chegar à igreja de manhã, (e já ligeiramente atrasado) descobre que a velha máquina xerox da igreja está com defeito. A classe deve ter início dentro de dois minutos, e você possui apenas a sua lista de sugestões. Seus alunos não têm o costume de trazer lápis e papel para a aula, e nem de tomar notas.

c) Uma visitante — uma senhora que ali comparece pela primeira vez e que aparentemente não conhece bem a nenhum dos alunos — de repente começa a chorar, bem no meio da lição.

d) Dois alunos fizeram a tarefa que você marcou para casa com muito interesse, e se acham ansiosos para falar dela, e debater questões mais profundas que lhes ocorreram durante a semana. Os outros, a maioria, ou não fizeram a tarefa ou a fizeram de forma incompleta (aliás todos por razões justas), mas apesar disso estão muito interessados em estudar bem o assunto.

e) Uma aluna da classe, que se mostra bastante nervosa, de repente, no meio do estudo, diz que se sente muito preocupada com certo problema e que precisa abrir-se. Informa que ela e uma amiga sua, de longa data (que aliás se acha presente e de repente fica muito vermelha) estão tendo um desentendimento que vem atrapalhando sua amizade, e que a amiga se recusou a tentar resolver a questão particularmente.

5. Estude a lista dada para recapitulação, na página 133. Quais os princípios dentre os que são mencionados aí que você tem posto em prática ao ensinar? Qual ou quais deles você sente que precisa melhorar?

"Todo aquele, porém, que for bem

instruído será como o seu mestre."

— Lucas 6.40b.

O Investimento

Façamos agora uma revisão final. Apresentamos neste livro sete princípios didáticos, com o objetivo de estimular a mente e o sentimento do professor, levando-o à ação.

Lei do Professor. Quem pára de "crescer" hoje, pára de ensinar amanhã.

Lei do Ensino. A maneira como os alunos aprendem deve determinar a maneira como ensinamos.

Lei da Atividade. Quanto maior o nível de envolvimento no processo de aprendizagem, maior o volume de conteúdo apreendido.

Lei da Comunicação. Para que haja comunicação é necessário que se estabeleçam pontes de ligação entre o comunicador e o receptor.

Lei do Coração. O ensino que realmente causa impacto não é o que passa de uma mente para outra, mas de um coração para outro.

Lei da Motivação. O ensino será mais eficiente se o aluno se encontrar adequadamente motivado.

Lei da Preparação. O processo ensino-aprendizagem é mais eficiente se tanto aluno como professor estão previamente bem preparados.

Essas leis são princípios básicos que se acham intrinsecamente relacionados ao processo de ensino. Se os compreendermos bem e os aplicarmos à nossa prática didática, conseguiremos promover mudanças permanentes na vida dos alunos, sejam eles de que faixa etária forem, seja qual for a matéria que lecionarmos, e seja qual for nosso contexto cultural.

Devemos manter sempre na lembrança, porém, que essas leis são *apenas* princípios. E quando Deus quer realizar seus propósitos, ele não usa princípios, usa pessoas.

Nosso sucesso na tarefa de ensinar não depende de nosso domínio dessas leis, mas de *nós* mesmos, como pessoas, e principalmente da liberdade que dermos ao poder de Deus para que ele atue em nós. O segredo de tudo não é o que fazemos para Deus, mas o que permitimos que *ele* faça por nosso intermédio. Deus quer usar-nos como elementos

catalisadores, e à medida que formos permitindo que ele transforme e renove nosso entendimento, estaremos nos preparando para essa função.

Então, você está disposto a deixar que Deus o transforme, para que possa de fato causar impacto em outros? Essa disposição, essa entrega pessoal pode ser o passo mais importante em direção ao seu êxito como professor.

Um velho missionário disse, certa vez, que os crentes da Europa oriental são grandes na consagração a Deus, mas pobres de conhecimento doutrinário, e que os do Ocidente, ao contrário, são ricos de conhecimentos, mas falhos na consagração pessoal. E é verdade; muitos de nós, crentes do Ocidente, estamos nos tornando espiritualmente deformados, nanicos, devido a uma deficiência em nosso compromisso pessoal com Deus.

A questão, embora incômoda, é: estamos dispostos a pagar o preço do crescimento espiritual? Pois a verdade é que existe um preço a ser pago. O ensino eficiente não se acha à venda por aí, a preço de liquidação, não.

Estou certo de que quem compreender bem todos esses fatos, de bom grado irá pagar o preço. A alegria e a satisfação de oferecer um ensino eficiente é por demais gratificante, para ser trocado por um trabalho limitado e metas tacanhas.

E à medida em que você, leitor, seguir investindo sua vida em outros, volte a consultar este livro, buscando nele a orientação necessária para aplicar a teoria na prática. Esse é exatamente nosso objetivo ao escrevê-lo.